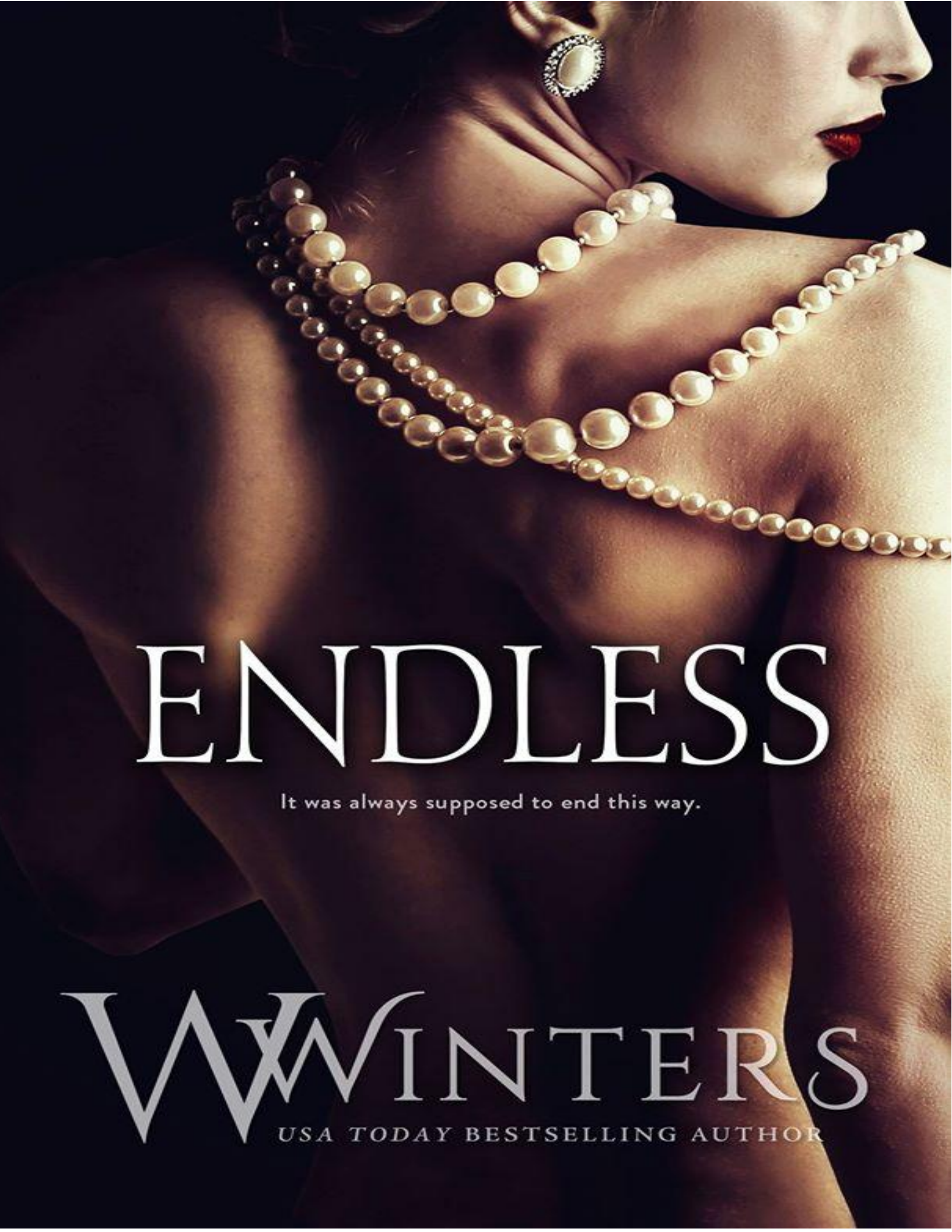
ENDLESS
It was always supposed to end this way.
WINTERS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR




*Não há uma rosa ou um beijo que os tornem príncipes*

*Tradução: Ariella*

*Revisão Inicial: Clau & Ariella*

*Revisão Final: Karol.*

*Leitura Final: Juh G.*

*Conferencia: Ellen Araujo*

*Formatação: Ariella*

**CARTEL CROSS**

WILLOW WINTERS

Cartel Cross




Não há uma rosa ou um beijo que os tornem príncipes.

# Ordem de leitura

*Marcus & ....*
*Do You Want Me (This Love Hurts Duet #1) - Ainda não lançado nas Gringas.*
*This Love Hurts (This Love Hurts Duet #2) - Ainda não lançado nas Gringas.*

*Sebastian & Choel*
*A Kiss to Tell (A Kiss #1) - Lançado*

*Daniel & Adison*
*Possessive - Lançado por Flor de Lotus & Was Traduções*
*Seductive *Epilogo Prolongado**

*Carter & Aria*
*Merciless (Merciless #1) - Lançado*
*Heartless (Merciless #2) - Lançado*
*Breathless (Merciless #3) - Lançado*
*Endless (Merciless #4) - - Lançado*

*Sebastian & Choel*
*A Kiss to Keep (A Kiss #2) *Epílogo prolongado* - Em breve*

*Jase & Bethany*
*A Single Glance (Irresistible Attraction #1) - Em breve*
*A Single Kiss (Irresistible Attraction #2) - Em breve*
*A Single Touch (Irresistible Attraction #3) - Em breve*

*Seth & Laura*
*Longing to Hold (Hart to love #0.5) - Em breve*
*Hard to Love (Hard to Love #1) - Em breve*
*Desperate to Touch (Hard to Love #2) - Em breve*
*Tempted to Kiss (Hard to Love #3) - Em breve*
*Easy to Fall (Hard to Love #4) - Em breve*

*Declan & ...*
*Tease Me Once - Em breve*

# Cartel Cross

ELE DETÉM UM PODER SOBRE MIM COMO NINGUÉM NUNCA PODERIA.

Talvez seja porque meu coração implora para bater no mesmo tempo que o dele.

Talvez seja porque meu corpo se curva para ele e apenas para ele.

Talvez seja porque ele pensou que me amava antes mesmo de colocar os olhos em mim.

Ele pensou errado, e nada me fez sofrer como guardar esse segredo dele. Ele achava que eu pertencia a ele, mas ele estava errado. Nunca deveria ser eu.

Nossas lembranças estão nos enganando, mas meu coração não está.

Eu sei exatamente o que quero.

O que eu preciso mais que tudo.

Eu não vou descansar até que ele seja tão meu quanto eu sou dele.

SEMPRE FUI DELE.

*Minha avó costumava escrever que Seu sonho era que suas histórias fossem publicadas um dia, mas infelizmente isso nunca aconteceu.*

*Os tempos eram diferentes naquela época.*

*Embora ela tenha ido embora, ela está sempre comigo no meu coração e até na minha escrita. Pedaços do que eu lembro da minha avó foram costurados nessas histórias e espero que você tenha se apaixonado por ela, mesmo que você nunca tenha tido o prazer de conhecê-la. Espero que ela fique orgulhosa de mim se me visse agora.*

*Os que amamos nunca nos deixam.*

*Mommom, este livro é para você. Eu te amo.*




# ARIA

Eu só sei como o Tyler parece por causa das fotos. Mas mesmo antes disso, quando eu tive o sonho pela primeira vez, eu sabia que o garoto era alguém relacionado a Carter. Todos os irmãos Cross são tão parecidos. Ele olhou para mim no sonho, seus olhos escuros me perfurando até mesmo do outro lado do campo azul e branco.

Eu deveria ter ficado com medo porque sabia que não pertencia a essa terra de mentirinha conjurada pelo meu sonho, mas um sorriso suave permanecia em seus lábios. Acolhedor e amável. Ele foi gentil. Uma alma amável entre as flores, embora suas palavras não fossem nada como isso.

"Ela mentiu para você," ele disse casualmente. Palavras que marcaram a confusão no meu rosto, mas enviaram uma pontada de medo para esfriar meu sangue como gelo.

Só então ouvi a minha mãe. Eu sabia que era ela instantaneamente por sua voz, nós éramos tão parecidas. Um barulho de farfalhar veio de algum lugar à minha direita enquanto ela caminhava pelo campo denso. Seu nome implorou para derramar dos meus lábios, raspando do fundo da minha garganta, mas minha voz estava em silêncio. E meu corpo ansiava para se mover para o lado dela, mais perto de onde ela estava enquanto ela se afastava lentamente de mim. Mas meus membros ainda ansiavam para chegar perto.

Eu fui pega no lugar quando eles se aproximaram, mas continuaram falando comigo, olhando para mim. Como se soubessem

que eu estava lá, apesar de ter sido mantida prisioneira por qualquer coisa que me mantivesse imóvel e quieta.

Lágrimas escorriam dos cantos dos meus olhos e aqueciam minha pele enquanto rolavam pelas minhas bochechas.

Meu pai sempre falava da beleza de minha mãe, e eu sabia que era verdade, mas ela era mais velha nos sonhos do que eu me lembrava. A idade era mais do que gentil com ela embora.

Tentei chamá-la de novo, ignorando o menino, o irmão Cross que há muito havia falecido.

"Eu nunca menti," minha mãe falou comigo, mas tudo que eu podia sentir era o jeito que suas palavras acalmavam minha alma. Faz tanto tempo desde que ouvi sua voz. Demasiado longo. Meus dedos coçaram para se mover, para alcançá-la e senti-la me abraçar mais uma vez. Eu precisava tanto ser segurada e minha respiração parou, imaginando que ela viria a mim desde que eu não poderia ir até ela, mas ela não veio.

Seus olhos castanhos estavam encharcados de tristeza quando ela sussurrou: "Eu nunca menti para ela." O vento cortante carregou sua voz pelo campo.

Como se suas palavras fossem uma sugestão, o céu escureceu e um relâmpago o dividiu em dois.

"Você até a amou?" O menino perguntou, olhando para ela. "Com tudo isso... você ainda a ama?" Ele perguntou à minha mãe e a raiva que senti foi imediata, empurrando as palavras na minha garganta, embora ainda estivessem em silêncio no ar. Claro que ela me amava. Uma mãe sempre ama seus filhos.

Mesmo que as palavras não tivessem sido ouvidas, eles me ouviram e olharam para mim, julgando meu comentário silencioso, mas nenhum dos dois me respondeu. O que eu silenciosamente digo a eles muda a cada vez que o sonho volta, mas a falta de resposta nunca chega.

"Claro que eu fiz... eu ainda faço." Disse ela e a voz de minha mãe se arrastou com pesar. "Eu morri por ela." Ela falou claramente, embora

a dor crivasse suas palavras, e a expressão de Tyler só mostrou mais agonia quando ele balançou a cabeça.

Com a cabeça baixa, minha mãe tirou o cabelo do rosto e enxugou delicadamente as lágrimas debaixo dos olhos. O brilho de suas lágrimas fez seus olhos mais vívidos e eles me chamaram para aliviar sua dor.

Eu chorei milhares de gritos miseráveis, rezando para que ela pudesse entender minhas palavras que eu a amo. Que eu sinto falta dela. Mas isso não muda o que acontece a seguir.

Com o céu cinza escuro se abrindo e o granizo caindo sobre nós impiedosamente, pedaços da visão caem como uma pintura encharcada de água. As cores mancham e correm juntas antes de se desvanecerem em uma tela em branco, e eu não tenho nada. Nada além do som deles discutindo sobre o ódio contra o amor dela e o que realmente importava na noite em que ela morreu. E outra noite... a noite que ela mudou o curso do destino. Ela grita que ela morreu por mim. Sua confissão é preenchida com uma nota de raiva que queima nas minhas veias.

Mas a última coisa que eu sempre ouço antes de acordar gritando, é ela murmurando: "Nós fazemos coisas estúpidas para aqueles que amamos."

NÃO IMPORTA quantos anos passem, o pesadelo nunca me abandona.

A primeira vez que aconteceu, eu estava na cela. Todos aqueles anos atrás, quando Carter, meu amor, me levou pela primeira vez. Mas as visões se apegaram a mim ao longo dos anos, manchadas em minha alma.




"NÃO GRITE."

Com a minha respiração presa na minha garganta, meu corpo paralisado pela onda de medo forçado em cada centímetro do meu corpo, eu ouço a voz, mas eu não obedeço.

Meu grito é abafado pela mão grande dele e ele me segura mais forte, me puxando para mais perto de seu peito duro, seus dedos fortes cavando em minha pele.

O som de sua voz me silenciando quando eu chuto, batendo minha cabeça inutilmente contra a parede de músculo que eu estou pressionada para... esse som é o que me acalma. Eu já ouvi isso antes.

*Daniel.*

Meu corpo relaxa devagar, mal sustentado por minhas pernas fracas. A adrenalina ainda corre nas minhas veias, mas conscientemente estou ciente de que é ele. O homem que me agarrou e me abraçou forte, *é só o Daniel.*

"Não grite," ele repete, seus lábios perto da minha orelha. Tão perto que seu hálito quente faz cócegas no meu pescoço e envia arrepios pelo meu ombro. Demasiado perto. Ele não apenas me assustou, ele assustou a merda fora de mim.

Eu demoro para tirar meus dedos do seu antebraço, um por um, sabendo que minhas unhas afiadas estão cavando em seus braços. O sangue está em toda parte e tantas pontadas de dor correm pelo meu corpo, eu prefiro ficar dormente. Entorpecida depois de tudo que acabou de acontecer.

É só então que ele solta o seu aperto e se move lentamente na minha frente, uma mão ainda segurando meu pulso.

"O que você está fazendo?" As palavras correm de mim em um único fôlego, mas Daniel não responde. Enquanto meu coração bate mais forte, ele apenas me observa de perto, observando minha expressão. O ar da noite parece mais frio, e é muito mais escuro agora que ele está aqui do que há um momento atrás.

Ele olha para trás antes de encontrar meu olhar e perguntar: "Você ia fugir?"

De tudo o que ele poderia ter me perguntado agora, essa pergunta me traz mais culpa do que jamais admitirei. Com Eli deitado morto no chão atrás de nós, Addison no andar de cima em algum lugar, se escondendo de tudo que aconteceu, o fato de eu até pensar em fugir me deixa doente do estômago. Eu poderia. Eu poderia ter corrido e deixado tudo isso para trás como um horrível pesadelo.

E eu considerei seriamente também.

"Não," eu sussurro a palavra, sem saber se é a verdade ou uma mentira. O beliscão do ar da noite lambe minha pele exposta enquanto estou na porta aberta da casa segura. A noite é escura e implacável, muito parecida com o olhar de Daniel. Eu não posso segurá-lo, sabendo que as emoções que estou sentindo estão escritas no meu rosto.

Dando um passo para trás, sinto a dor de um pequeno corte no meu calcanhar na minha perna, mas não é nada. Nada comparado com a dor de saber o que aconteceu. Todos os pequenos arranhões que recebi da janela quebrada, quebrada com balas, não significam nada.

A guerra está aqui. Os sons ensurdecedores de tiros vieram e se foram. Mas a morte apenas começou.

"O que aconteceu?" Eu exprimo a questão com a dor bruta presente em cada palavra sussurrada. "Carter?" Eu pergunto a ele e abro os olhos para encontrar os dele quando eles se abrem, e então acrescento: "Meu pai?"

"Seu pai não veio. Nem Nikolai." Sua resposta é claramente falada e não tem nenhuma pretensão em seus pensamentos enquanto seus olhos vagam pelo meu rosto.

Antes que eu possa falar o nome de Carter novamente, sentindo a dor familiar da perda já entorpecendo meu coração, ele diz: "Carter está bem. Os homens de Talvery sofreram um golpe vindo aqui. Eles deveriam ter sabido melhor."

Homens de Talvery.

Homens a quem eu devo ser leal e aliada. Eu não sei mais o que sentir ou quem é o verdadeiro inimigo. Eu só quero que tudo pare.

A respiração que eu não sabia que estava segurando finalmente escapou, deslizando pelos meus lábios entreabertos enquanto me inclinei contra a porta, deixando o ar frio flutuar ao longo do meu rosto aquecido. Mas minha garganta está apertada, as palavras e emoções se entrelaçam e tentam escapar de mim de uma só vez.

"Quantos...?" Começo a perguntar, mas não posso terminar minha pergunta com o nó na garganta. *Quantos morreram hoje à noite?*

"Muitos," Daniel responde-me e os meus olhos chicoteiam para ele, exigindo mais. "Dezenas, Aria."

Eu agarro o topo da minha camisa do pijama, puxando o tecido junto no meu peito, torcendo-o e desejando que eu pudesse roubar a dor, mas ela permanece, crescendo a cada batida.

Eu não vou chorar, mesmo que uma parte de mim não deseje nada mais do que lamentar. Eu falhei. E a própria noção leva a uma resposta sarcástica na forma de um assobio no fundo da minha mente. *Como se você tivesse o poder de impedir isso.*

"Você quer ir embora?" Daniel me pergunta, e a questão é a que eu me apego, almejando o pensamento de correr para tomar minha mente em outro lugar. Em algum lugar longe dos pensamentos de traição e luto.

Meus lábios abrem, mas não saem palavras. Não no começo. Daniel olha para trás mais uma vez, pelo corredor e para a porta da

frente da grande propriedade. Ele está esperando que alguém venha, e eu sei que no fundo do meu intestino essa conversa precisa ser terminada antes que a pessoa chegue. "Eu não sei," eu respondo a ele honestamente e seu olhar retorna para mim.

"Você pode ir para casa. Vou me certificar de que você chegue lá em segurança. Ou você pode voltar com a gente." Ele me dá a escolha que me assombrou por semanas agora. "Não há outra maneira que eu deixe você, Aria."

"Carter... ele saberá que você..."

"Ele acha que você está desaparecida. Ele acha que sua família levou você de volta... ou pior."

"Eles não são homens do meu pai." Minha cabeça treme vigorosamente, sabendo que ele está falando do homem no andar de cima e querendo negar qualquer vínculo com ele. "Aquele homem estava vindo por nós, tanto Addison quanto eu, mas eu não o conheço. Não sei quem ele é ou o que está acontecendo, mas ele não é alguém que meu pai mandou." Estendendo a mão para ele, eu pego a jaqueta de Daniel e ele me deixa, retornando o gesto e me calando mais uma vez.

"Não importa. Essa não é a questão." Suas palavras são mais contundentes e encharcadas de impaciência que eu não vi nele antes. Abaixando minha mão, dou meio passo para trás quando ele me diz: "Agora, Carter pensa que você foi levada por alguém. Mas eu posso tirar você daqui, longe de tudo isso, se é o que você quer." Meu olhar cai em sua garganta enquanto ele engole. Os ruídos da noite são abafados pelo som do meu sangue correndo em meus ouvidos com o pensamento de deixar Carter.

"Você está me oferecendo uma saída?" *Thump*. Meu coração bate contra minhas costelas e eu não posso identificar qual razão é escolhida neste momento para me lembrar que ainda existe. Seja da esperança ou do medo de sair.

Daniel apenas balança a cabeça uma vez antes de me dizer: "Longe daqui e da sua família, ou onde você quiser. Você pode ir, Aria. Eu..." Ele se esforça para completar seu pensamento e se vira para cobrir o rosto com a mão antes de olhar para mim. "Eu sei que você e Carter estão em

condições ruins, e eu..." Ele se afasta novamente e engole em seco antes de abaixar a mão e me olhar nos olhos.

Ele vê minha dor, minha agonia. Eles estão refletidos em seu olhar escuro. "Você pode ir. Ou você pode ficar."




O TEMPO PASSA MUITO DEVAGAR. O caminho de volta para a casa de Sebastian... cada maldita volta do pneu é muito lenta.

Se não fosse pelo conhecimento de que eu posso puxar o vídeo das câmeras de segurança da propriedade, evidências que me levarão até ela, eu não teria mais um pingo de sanidade mental. O telefone na minha mão está cada vez mais perto de quebrar quando eu subo os degraus e a ansiedade aumenta. Está em perigo de quebrar desde o momento em que ouvi pela primeira vez que Aria estava desaparecida. Correndo o perigo de ser despedaçado e atirado para longe, eu poderia apenas liberar a tensão e a dor ainda ondulando dentro de mim com o pensamento de perdê-la.

"Onde estão os monitores?" Eu não escondo a raiva no meu tom no segundo em que a porta é escancarada, Jase ao meu lado, seus passos mal acompanhando os meus.

Antes que eu possa até gritar com quem está aqui para me pegar as malditas fitas, eu quase tropeço em algo no chão. Tropeçando para frente, eu mal me seguro. Porra Eli!

Minha garganta se fecha e uma náusea dispara através de mim. Eu não posso deixar de alcançar sua garganta e pressionar meus dedos contra sua pele gelada. Mesmo que ele esteja com frio, ainda espero por um pulso. Um segundo passa e dói. Mais um segundo sem nada, e não posso suportar o custo de travar uma guerra. Uma guerra que escolho lutar. Tudo por ela.

Ele se foi.

Seus olhos estão fechados e seu sangue está em volta dele. Jase tem que pisar em um pouco de sangue para se aproximar de mim e o vermelho brilhante é espalhado pelo chão. Compartilhamos uma olhada quando alguns de nossos homens aparecem atrás de nós.

"Levem-no para casa." Eu dou o comando uniformemente, não revelando um fragmento das emoções que estou sentindo.

Ao controle.

Eli morrendo é um lembrete de que eu preciso de controle agora mais do que qualquer coisa. Sentirão sua falta e ele será lamentado, mas até ele me diria para me concentrar na vingança agora mesmo.

"Ela está do lado de fora," diz Jase e no começo eu não entendo o que ele está falando até que eu me viro para olhar por cima do meu ombro. Com o vento varrendo seus cabelos de seus ombros e mostrando mais de sua pele, Aria olha para mim.

Ela está aqui. Ela está segura. O alívio é tudo que me consome pelo mais breve dos momentos.

*Eu tenho ela.*

Aqueles lindos olhos verde-avelã redemoinham com uma mistura de dor e arrependimento. Não o alívio que venho imaginando desde que me disseram que ela havia partido.

"Ela está aqui." As palavras me deixam sem consentimento, enterradas sob a minha respiração enquanto eu me levanto lentamente.

"Carter." A voz de Daniel atravessa o corredor enquanto eu faço meu caminho até eles. Ele pisa na frente dela, mas eu ainda vejo seu rosto, não ousando quebrar seu olhar quando meu ritmo aumenta.

"Onde você estava?" Eu estou apenas parcialmente consciente do quanto minha voz sai forte e que ecoa no corredor. Meu coração bate dolorosamente em meu peito enquanto eu escavo Daniel de lado para chegar até ela, agarrando Aria por seu ombro para puxá-la para dentro e fechar a porta.

Seus pés não se movem rápido o suficiente, mas eu não poderia me importar menos. *O que diabos ela está pensando?* Ter a porta aberta é um perigo acolhedor.

"Que porra você estava pensando?" Eu digo, e as palavras saem com uma vingança. Odiando que ela se colocasse em perigo e fosse tão idiota.

"Saia," ela diz enquanto me empurra para longe. Na frente de todos, ela olha para mim com olhos arregalados e como se eu fosse o inimigo. Como se eu fosse o único a quem culpar por toda a turbulência que causa estragos dentro de mim.

Um entorpecimento flui através de mim enquanto eu a observo, tudo enquanto ela observa todos os outros.

Ela envolve seus braços em volta dos ombros e olha para os meus homens atrás de mim. É então que vejo o que lhe chamou a atenção. O sangue. Está em toda parte. Encharcados nos joelhos de suas calças, eles se agacharam no chão e esperaram mais homens para matar. Espalhou em suas camisas. Meu olhar cai em minhas próprias mãos, manchadas com o sangue de sua família.

"Eu não estava fugindo..." Aria mal consegue pronunciar as palavras antes de parar e engole audivelmente.

Ela não corre para mim. Ela não tenta me segurar. Ela olha para Eli e depois empalidece.

Quando olho para meu irmão, os homens atrás de mim e depois para Addison descendo lentamente as escadas, a realidade me atinge.

Ela ainda é o inimigo. Ela não está do meu lado. Não importa o quanto eu gostaria que ela não estivesse. *Essa guerra vai nos quebrar.*

O olhar de Aria percorre o comprimento do meu terno, observando cada pedaço de sangue que é pulverizado e respingado através dele. Sangue de homens que acabei de matar.

Eu gostaria de saber o que ela estava pensando. Eu queria saber o que fazer.

Envolvendo seus braços mais apertados em torno de si mesma, ela olha para mim com o silêncio em torno de nós, sufocando-nos.

O único ruído é o ranger das escadas enquanto Addison se aproxima mais de Daniel.

"Eu não estava fugindo," ela repete. Parece que ela se arrepende de suas palavras.

Não sei se devo ou não acreditar nela, mas conheço a sensação que se infiltra em minhas veias. Traição. E vem da mulher que eu amo, no coração da guerra, na frente dos meus irmãos e exército.

Ela me deixou uma vez e faria de novo.

Eu imaginei quando a vi, que ela correria para mim. Que ela se apegaria a mim da mesma maneira que eu gostaria de me agarrar a ela.

A realidade fria é dura e indiscutível.

Ela ainda é um erro - uma droga que eu sou viciado em tudo que eu tenho trabalhado duro por quase toda a minha vida. Eu nunca vi isso mais claramente do que agora.

Se eu não sentisse tudo isso por ela, por uma mulher que escolhe sua família sobre a minha, seria fácil demais. Mas por que ela escolheria minha família sobre a dela? Eu não sei como me apaixonei por ela. Não foi nada além de um erro.

É neste momento que me lembro quem sou.

Um homem implacável com planos de arrancar tudo da vida de Aria, tudo por causa de quem é seu pai e o que o destrói para ela.

Isso não é o que eu esperava. Eu queria ser seu salvador, seu cavaleiro. Mas tudo que sou é o maldito vilão.

Eu estou tão morto por dentro como sempre estive. E é por causa dela. Toda essa besteira é por causa dela. Não, é porque eu a queria tanto que estava disposto a guerrear, as consequências seriam condenadas. Eli morreu por minha causa.

"Quem tentou levá-las sabia que seu pai estava nos atacando hoje à noite." Eu falo alto o suficiente para que todos ouçam e deixem Aria de pé onde ela está.

Uma maré lenta de agonia enche meu intestino e sobe até eu sentir o gosto de bile na garganta. "Eu quero ver os vídeos de segurança, agora." Dois homens fogem, indo para a escada que leva ao porão.

"A casa está segura?" Eu pergunto a Daniel e ele hesita em me responder, seus olhos se estreitam enquanto ele olha entre Aria e eu.

Seu olhar fala mais que mil palavras, a maioria delas implorando para que eu não seja o homem que fui forçado a ser, mas sou eu quem tem que suportar esse fardo, não ele. Ele tem Addison.

Eu não tenho ninguém. Não até que Aria não tenha mais ninguém além de mim. E mesmo assim...

Finalmente, ele concorda. "É seguro retornar, mas levará semanas para consertar ou mais."

"Todos os homens lá atrás," digo a ele e então olho para Jase e os outros homens nos olhos. "Conserte a bagunça que o pai dela causou."




"VOCÊ ESTÁ BEM?" Jase me pergunta enquanto estamos no foyer da propriedade Cross. Todo mundo ficou em silêncio no passeio até aqui. Carros acompanhavam os nossos na frente e atrás, mesmo nas laterais quando a estrada era larga o suficiente. A equipe de segurança estava pairando perto de mim, mas parecia mais como guardar um prisioneiro do que proteger um aliado. Cada minuto que passava me fazia sentir cada vez mais como se eu não pertencesse aqui.

Isso me fez sentir como se tivesse cometido um erro ao não sair quando eu poderia.

"Ei, você está bem?" Jase me pergunta novamente quando os homens saem do foyer.

"Tem certeza de que deveria estar falando comigo?" Eu pergunto a ele em retorno e sua gargalhada acalma uma pequena parte do meu espírito quebrado. Sem dúvida, eu me apaixonei por Carter, mas não foi até hoje que percebi o quanto eu amo a família dele também. Mesmo quando cobertos no sangue da minha própria família.

"Está tenso, mas tudo ficará bem."

"Eu não sei como você pode pensar isso," eu respondo a ele e minha voz vacila. Sei que os homens que partem precisam ouvir o quanto sou fraca e odeio isso. Esta não é a mulher que eu quero ser. Limpando a garganta e me concentrando na única coisa em que posso confiar em Jase, digo a ele: "Ele está com raiva de mim."

"Ele estava preocupado, Aria. Nós todos estávamos. Nós pensamos que aqueles homens levaram você." Me leva um momento para perceber

o que ele está dizendo, para perceber o que Carter deve ter sentido e culpa e insegurança pesam fortemente contra o meu peito.

Tão culpada... O que eu fiz para suportar toda essa culpa que se infiltrou em meu corpo?

"Além disso, Carter está sempre zangado." Jase tenta brincar, para aliviar a dor do que aconteceu hoje à noite. Isso não me ajuda, embora. Não há nada nesse mundo que possa me ajudar agora.

"Eu pensei que as coisas eram diferentes," eu sussurro. Mas eu não sabia que isso aconteceria. No fundo eu sabia que estava chegando, embora eu quisesse negar. Está tudo chegando ao ponto e sei que vou odiar o resultado de qualquer forma. Nunca houve uma coisa que pudesse ter me ajudado. Não é uma coisa que me salvou. Sou uma mulher nascida para gerar dor e miséria. Meu sobrenome exige isso.

"Ainda estamos em guerra. Uma única batalha foi travada e homens de ambos os lados morreram. Vai causar tensão."

"Tensão," eu zombo, embora não seja para sair de forma ofensiva. É só que a tensão não é uma palavra suficientemente forte para descrever a animosidade e a incerteza que se estendem pelo espaço entre nós. A pura agonia sufocando nós dois.

"Você não é a única que nos chamou de inimigo?" Jase pergunta, lembrando-me das palavras que eu disse a Eli apenas algumas horas antes de sua morte. A memória envia um fio de arrependimento pela minha espinha.

"Não é isso que somos?" Pergunto-lhe de volta em um suspiro baixo, olhando em seus olhos e desejando que ele me dissesse o contrário. Mesmo que seja mentira.

Um segundo passa e não há nada além de silêncio. Eu me pergunto vagamente se os outros homens podem ouvir. Ou se Carter está escutando. Se ele mesmo se importa em ouvir neste momento. Ele não falou nada comigo no carro. Ele sentou na frente, não no banco de trás comigo.

Jase apenas balança a cabeça solenemente, mas aperta minha mão e acrescenta: "Apaixonar-se pelo inimigo é uma tortura." Com um

sorriso triste que não alcança seus olhos, ele solta. Eu sou forçada a vê-lo me deixar, andando pelo foyer, seus passos ecoando no corredor vazio até que meu olhar pousa na fotografia no final. A foto em preto e branco de uma casa que parece ter ficado no fundo da minha mente. A importância disso, meus pensamentos desejam lembrar.

Se eu tivesse uma escolha, eu iria lá agora só para ver porque a imagem me assombra. Tem a ver com Carter, eu sei disso. E eu preciso saber de tudo e de tudo que tem a ver com ele.

Nossas famílias e orgulho podem estar em guerra, mas não meu coração. Meu coração pertence a ele. Eu sei disso com tudo em mim. É por isso que eu nunca poderia deixá-lo, mesmo se a opção fosse entregue a mim tão facilmente.

Mas neste momento, parece que ele o arrancou do meu peito e o jogou no frio, deixando-o ali para morrer. Coberto no sangue da minha família e me arrancando da porta, batendo-a e gritando para mim como se eu fosse uma tola não era nada do que eu esperava.

Seja qual for o ponto que ele queria fazer na frente de seus homens, tenho certeza que eles ouviram alto e claro.

Ele não me ama.

Quantas vezes eu disse "eu te amo" para ele e não recebi nada em troca?

Uma sensação ressecada cobre minha garganta, tão seca que é inútil tentar engolir.

O som de passos pesados se aproximando de mim da porta no final do longo corredor faz meu corpo estremecer a cada passo. Eles são brutais e dominadores. Eles pertencem a Carter, sem dúvida.

Confirmando o meu pensamento, o animal entra no salão, uma garrafa de uísque na mão esquerda e um copo com gelo à direita. Ele não se incomoda em esconder o quão puto ele ainda está. Zangado comigo, a julgar pelo seu olhar amargo. Mais uma vez me vejo incapaz de engolir, mas não posso deixar de confrontá-lo.

"O que eu fiz para merecer isso?" Eu mordo as palavras quando ele começa a passar por mim, até o corredor que leva a sua ala e presumivelmente seu quarto ou escritório. "Que porra eu fiz senão meramente existir na vida dolorosa que eu não escolhi?"

Meu coração bate contra o meu peito enquanto eu quero correr com medo ou espancá-lo com raiva reprimida. Não tenho certeza qual.

Mesmo que minhas pernas se sintam fracas e entorpecidas de tudo o que aconteceu hoje à noite, mantendo-me plantada onde estou, Carter avança enquanto ignora minha pergunta.

Como ele se atreve a me ignorar?

Com minha voz esfarrapada levantada, eu grito para ele até que meu rosto esteja quente. "O que eu fiz para merecer isso?"

Leva apenas três passos antes que a poderosa presença de Carter esteja se elevando sobre mim e eu quase tropeço para trás. Quase, mas me mantenho no lugar. Estou respirando de forma caótica e esperando que ele me dê alguma coisa. Tudo é melhor do que ser ignorada, feito para sentir que nem sequer existo.

"Onde eu começo, *senhorita Talvery*?" Sua voz é baixa enquanto ele se move para baixo até que seu rosto está no nível dos meus olhos. Ele praticamente zomba do meu nome e isso me destrói por dentro. "Você apontou uma arma para mim. Você fica com seu ex-amante e seu pai que tentou me matar, não uma vez, nem duas vezes, mas todas as chances que eles têm. Incluindo o tempo de uma semana atrás, por dizer, fodido, ex, em que você sabia o que estava acontecendo, mas não disse nada." A última palavra é desdenhada. Ele inala profundamente, parando quando a dor me rasga.

Eu prendo o meu lábio inferior entre os dentes antes de morder com força. A dor física é muito preferível à dor emocional que ferve dentro de mim em sua atitude agressiva.

Carter já sabia de tudo isso quando ele me fodeu na outra noite. Quando ele me segurou como se me amasse. Nada mudou para mim e eu não mereço isso. Eu o amo. Eu o escolhi de novo e de novo. O fato de eu ainda estar aqui depois de tudo é prova disso.

"E então você tentou fugir," acrescenta ele e eu bato minha mão em seu rosto. É puramente instintivo, gerado por sua arrogância e pela maneira como me sinto usada e corrompida por ele. Minha palma bate forte contra sua bochecha esculpida e meus dedos seguem.

Seu rosto é como pedra do caralho. Minha mão lateja com uma dor ardente e, quando estremeço, meus olhos permanecem na expressão imóvel de Carter. Isso não o afetou nem um pouco. Toda a náusea e dor que doem dentro de mim, eu sinto tudo e ele não sente nada.

Nada.

"Eu não," digo a ele, sabendo que eu não tentei fugir. Foi apenas um pensamento passageiro e não serei acusada de nada mais que isso. Não quando tudo está contra nós e eu estou fazendo tudo o que posso para ficar com ele. Mesmo quando ele está firme contra mim.

O tempo passa e ele apenas olha para mim, me julgando, mas eu deixo ele ver a dor. Quero me esconder nesta torre solitária em que ele me colocou, mas fico na frente dele com as mãos em punhos ao meu lado e imploro para que ele sinta o que sinto. E para tirar isso.

"Eu não mereço isso, Carter," eu digo e minha voz é estrangulada. *Por favor, leve tudo embora.* Eu gostaria que ele pudesse fazer isso por mim. No entanto, isso implica que eu não quero me sentir assim por mais um segundo.

"Eu pensei que eles tivessem levado você," ele continua a falar com um olhar de desgosto em seu rosto, mesmo que a dor esteja gravada em suas palavras. "Mas você estava apenas correndo para fugir. Que idiota eu fui," ele zomba.

"Você é um idiota." Eu imito seu tom de zombaria, me recusando a dar tudo de mim quando ele escolhe acreditar no contrário. Segurando minha mão, que começou a ficar dormente, eu me afastei dele, sabendo que esta batalha acabou e nós dois perdemos. "Eu não estava fugindo," digo-lhe a verdade e, em seguida, acrescento: "E não vou dizer de novo." A força na minha voz vem de uma parte de mim no fundo. A parte de mim que sabe que eu poderia ficar ao lado deste homem. A parte desesperada para fazer exatamente isso.

Seu olhar me avalia, examinando minha expressão.

"Eu não estou mentindo, Carter. Não tenho motivos para mentir para você." Deixei minha voz amolecer, para mostrar-lhe a vulnerabilidade. "Eu te amo. Mesmo com tudo isso, não consigo parar de te amar. Sim, tive a chance de fugir e não aceitei. Eu queria ficar com você."

Meu coração aperta no meu peito, mal segurando a vida enquanto a expressão de Carter não muda, então outro segundo passa e outro.

"Você não acredita em mim?" Eu digo fracamente com descrença.

"Você me machucou uma vez. Bem aí," ele diz então gesticula com a mão atrás de mim, para o corredor que leva ao quarto onde eu segurei uma arma na cabeça dele. "Como eu posso acreditar em você?"

"Se você não acha que pode acreditar em mim," eu digo para tentar entorpecer a dor que cresce dentro de mim, como uma bola de bílis que cai no meu estômago, "então por que me trazer de volta aqui?" Tudo o que posso pensar é que ele não me ama. Ele não faz mais nada.

Silêncio.

É insuportavelmente silencioso enquanto meu estômago se agita enquanto Carter sai, deixando-me sem resposta. Sem me dizer que ele me ama, mesmo sendo a idiota que falou essas palavras para ele.

***

## Carter

Meu telefone está constantemente tocando, notificando, vibrando. Constantemente me distraindo da vida e me lembrando que estou no controle. Isso nunca desiste. Mesmo agora, no instante em que volto para as notificações, sou inundado de alertas.

A cada segundo o carro se movia e ela não dizia nada - minha Aria não dizia nada, nem uma palavra para mim ou para qualquer outra pessoa - cada segundo de silêncio que passava fazia com que o ódio pelo

que ela fizera crescesse. Ela pode não estar com o pai ou os homens dele. Mas ela ficou do lado dele, no entanto.

Meu telefone toca novamente, vibrando na minha mão e balança contra o copo de cristal quebrado. Com a adrenalina e ansiedade ainda soando no meu sangue, meu aperto aumenta, sentindo o metal duro do telefone cavando em minha carne quando eu abro a porta do meu quarto.

Eu preciso de um maldito minuto. Um maldito minuto para assumir o controle novamente.

O zumbido incessante em minha mão zomba de mim e eu fecho a porta atrás de mim, sentindo meus músculos apertarem e o ar fica rarefeito enquanto eu luto para manter minha respiração firme.

Colocando o copo e a garrafa de uísque na cômoda, eu olho para o meu telefone, incapaz de simplesmente calar a porra da coisa.

É o Sebastian.

A intensidade diminui, o calor diminui. Ele sempre tem um jeito de aparecer quando eu mais preciso dele.

*Eu ouvi o que aconteceu*, a sua mensagem é lida e quando olho para a sua mensagem, outra chega. *Eu sei que você provavelmente dirá o mesmo de sempre, que você não precisa que eu volte, mas eu tenho que perguntar. Você quer minha ajuda?*

Eu olho para a última linha, pegando a palavra “quer”. Quando Sebastian saiu, demorou um pouco para nos falarmos novamente, dado tudo o que mudou no dia seguinte. O dia em que tive minha infeliz introdução ao pai de Aria.

*Eu pensei que você estava ocupado com Chloe e trabalhando?* Eu escrevo de volta, em seguida, pressiono enviar, ainda olhando para a palavra "quer".

Ele perguntou algumas vezes, quando as coisas ficaram difíceis ao longo dos anos, se eu precisava que ele voltasse.

“Precisar” é a palavra operativa. E naquela época, sabendo o que aconteceu entre ele e Romano, eu nunca teria permitido que ele voltasse e arriscasse uma coisa. Não com uma garota ao seu lado. A menina que agora é sua esposa, para não mencionar muito grávida.

*O trabalho de guarda acabou, foi apenas um show de verão.*

Ele nunca parou de viajar. Eles se mudaram de um lugar para outro quando fugiram de nossa cidade natal. Ele tinha dinheiro suficiente para mantê-los à tona até encontrar uma pensão para se esconder, localizada em uma enorme fazenda de gado. Ele está lá há um tempo e levou muito tempo, não até o ano passado, quase dez anos depois de deixar este lugar para voltar. A fazenda está fechada, a terra está vendida e Chloe está grávida. Ele não tem razão para voltar, não com o dinheiro que ainda tem e com o extra que faz fazendo o trabalho de segurança. Mas eu sei que ele deseja voltar para casa, especialmente dado que Romano não tem mais controle aqui. Mesmo que ele não queira admitir, a única coisa que realmente o deteve foi Chloe.

*Eu pensei que você disse que você e esta cidade simplesmente não se misturam.* Não posso deixar de perguntar, afastando-o ainda mais e sabendo muito bem o que estou fazendo.

Eu quero ele de volta? Sim. Eu preciso dele agora mais do que nunca. Cada pedaço do que eu construí está desmoronando e uma parte de mim, a parte que está muito viva, deseja desesperadamente que eu possa fazer o que ele fez. Que eu poderia pegar Aria e simplesmente correr. Deixar essa merda para trás, e fazer disso apenas Aria e eu. Ninguém mais, sem problemas, nada além do que empacotamos em um carro antes de decolar. Se eu pudesse trocar de lugar com ele, eu faria.

Mas eu tenho meus irmãos para cuidar e consequências para sofrer.

Em um ponto, Sebastian era como o irmão mais velho que eu nunca tive. E quando ele veio aqui para ver a casa segura no ano passado, pensei que ele ficaria. Eu deveria ter sabido melhor. O mundo mudou quando ele saiu, ficando mais escuro, mais frio, e ele não queria isso para Chloe.

Eu sabia que estava descendo cada vez mais fundo nas profundezas do inferno, uma miséria de minha própria criação, quando os vi ir embora. Ele disse que voltaria, mas já faz mais ou menos um ano. Um ano de troca de mensagens. E um ano que mudou tudo.

*Eu não me importo com o que eu disse antes. Eu quero voltar, Carter. Você precisa da minha ajuda.*

***

## Aria

LEVA muito tempo para eu sair de onde Carter me deixou. Daniel vem me checar, me diz que Addison está na sala se eu quiser companhia. Ele não é tão suave comigo como estava de volta à casa segura. Eu aprecio isso de qualquer maneira, embora.

O pensamento de enfrentar Addison, no entanto, sabendo como ela tem Daniel e eu não tenho Carter... Eu não posso aguentar agora.

Jase vem novamente, embora ele não fale. Ele só aperta meus ombros e me oferece um sorriso fraco que eu volto com um aceno de cabeça.

Até mesmo Declan vem e me diz que ele vai me fazer algo para comer, se eu quiser, mas eu sei que eu iria vomitar se eu conseguisse dar uma mordida em qualquer coisa.

Demoro muito, muito tempo antes de começar a andar até a ala de Carter. A ideia de ficar na sala de refúgio oferece um pouco de conforto. Eu poderia estar sozinha e quebrar onde a única pessoa que veria é Carter, se ele se desse ao trabalho de me checar.

Mas eu não quero me esconder - mesmo que eu queira ficar sozinha. O tempo é precioso e eu não quero viver assim.

Estou a meio caminho do quarto de Carter quando o meu ritmo aumenta. Sua porta está fechada e estou com medo de que ela esteja trancada quando eu seguro a maçaneta de vidro esculpida, mas ela vira facilmente para mim.

Demasiado facilmente, mesmo.

O homem selvagem que eu amo está em pé em sua cômoda, a garrafa de uísque ainda está selada na frente dele. Mas o vidro quebrado espalha a luz da lua pela sala enquanto as cortinas balançam pelo ar soprando através das aberturas, permitindo vislumbrar a luz.

Parece que ele deve ter batido o copo com força demais e com outro passo para dentro do quarto, meus olhos avaliando a mão dele enquanto fecho a porta atrás de mim, eu posso ver os cortes que revestem sua pele.

Do copo, ou de hoje cedo, não tenho certeza. Talvez seja a mistura de feridas de ambos. A lembrança de que ele matou homens hoje, homens que podem ter me protegido no passado, homens com quem jantei, homens que lutaram por meu pai por anos, instalam um arrepio nos meus ossos quando a porta se fecha e os olhos escuros de Carter me espiam por cima do ombro.

Há uma onda de medo no meu peito, mas desapareceu rapidamente quando Carter virou a cabeça para a frente novamente em direção à garrafa, sem sequer se incomodar em olhar para mim por mais do que essa fração de segundo.

E então eu recebo mais silêncio.

Nesse momento, quase me viro e vou embora. Eu quase saí do quarto. Quase... mas eu não sei. Eu tenho uma voz e vou usá-la.

"Eu não vou ficar aqui como uma prisioneira. Se você não me quer, estou indo embora." Não sei como consegui dizer as palavras tão claramente, mas sei. Eu me agarro a essa pequena conquista quando Carter me responde.

"Eu tenho o direito de estar com raiva." Não há ameaça em sua voz. Apenas verdade.

"Você não tem o direito de me tratar como se eu não fosse nada," eu me atrevo a responder com um sussurro falado.

"Será que passou pela sua cabeça que talvez eu estivesse morto?" Ele pergunta, virando-se lentamente para me encarar. Seus olhos estão cansados e sua voz triste.

"Sim," eu respondo-lhe rapidamente enquanto a minha respiração se agarra ao meu peito, lembrando-me de toda a preocupação que os tiros me trouxeram.

"E o que isso fez com você?"

"Isso me deixou com raiva... raiva que você não ligou." Eu engulo em seco, lembrando como segurei o telefone. "Eu enviei uma mensagem para você e você não se incomodou em me dar qualquer sinal de que você estava bem ou que você se importava." Confesso uma verdade crua, expondo mais de mim a ele: "E doeu de todas as formas possíveis. Cada pedaço de mim ficou entorpecido pensando que você estava lá fora... que você se foi como Eli." Parece errado falar de Eli agora mesmo. Sua memória deve ser honrada e não trazida assim.

"Daniel já havia me dito que você estava bem." Espero que a verdade alivie algo nele ao perceber pelo menos uma das razões pelas quais estou com raiva. "Eu sabia que você estava bem e mesmo que eu estivesse com raiva por você estar me ignorando, eu garanto a você que não poderia ter sentido mais alívio em descobrir que você estava bem." Toda vez que eu fico branda com ele, eu perco aquela vantagem que me faz igual a ele. Eu sei disso, mas sempre faço isso.

Carter está quieto pelo que parece uma eternidade, como se registrasse o que eu poderia estar sentindo pela primeira vez. Por favor, eu rezo para que ele entenda. Com tanto contra nós, precisamos entender um ao outro, se nada mais.

"Eu pensei que você estivesse morta e eu estava pronto para matar qualquer um que estivesse no meu caminho para encontrar você, Aria. E, no entanto, quando cheguei lá, você não..."

"Eu não fiz o quê?" Eu o questiono com uma voz levantada, implorando para que ele me conte tudo. Com um hesitante passo à frente, paro quando ele responde.

"Você não reagiu ao me ver."

"O que você quer de mim?" Eu pergunto a ele, sinceramente não sabendo o que ele queria. "Você me pegou como se eu fosse uma criança incomodando." Instintivamente, minha mão se move para o meu antebraço, onde ele me arrancou da porta e me puxou para dentro da casa.

"Você nem perguntou se eu estava bem," ele cospe para mim, me condenando por não consolá-lo quando eu tinha acabado de testemunhar mais morte em primeira mão do que eu já tive na minha vida.

"Havia morte em todos os lugares ao meu redor e eu sabia que minha família estava lá fora, mas..."

"É com a sua família que você se importa!"

Fico surpresa com o veneno em suas palavras. "Você já sabia que eu os amava e que não queria isso..."

"Eu faria qualquer coisa por você. Eu mataria por você. Eu sinto que morreria sem você. No entanto, quando cheguei a você... tudo o que você queria era que eu te deixasse ir."

"Carter, você não entende."

"Não, eu não entendo." Sua resposta é dura e imóvel.

"Eu sinto muito," eu digo, dando-lhe um pedido de desculpas que eu realmente quero dizer. "Eu não queria te aborrecer. Eu não estou bem agora... e eu estava ainda pior antes."

A expressão de Carter suaviza um pouco, mas posso dizer que ele está segurando suas reservas. Eu sei que ele não confia em mim. Eu perdi sua confiança completamente e isso me faz sentir presa e desesperada, precisando dele para me dar uma chance.

"Eu sinto muito. Você acredita em mim?" Minha pergunta é implorada enquanto dou os pequenos passos necessários para ficar na frente dele. Eu juro que ele pode ouvir meu coração batendo quando ouso dizer a ele. "Se eu pudesse voltar, eu iria. Eu me certificaria de te dar o que você precisava, mesmo enquanto eu lidava com tudo isso... essa agonia dentro de mim."

Tenho cuidado quando levanto a mão e seguro a mandíbula dele. Sua barba por fazer é áspera na ponta dos meus dedos. A raiva diminui quando eu esfrego meu polegar para cima e para baixo em sua bochecha.

"Eu sinto muito. Não queria que nada disso acontecesse, mas não quero perder você." Minhas palavras escapam de mim facilmente, cruas, transparentes e verdadeiras. Eu quero dizer cada palavra disso.

Carter dá um passo para a esquerda, mais perto da cama e diz baixinho: "Não há espaço para se desculpar nesta vida."

Chorar é algo que eu parei de fazer. Eu engulo a dor pontuda e a abraço em vez de sucumbir à fraqueza. Um segundo passa quando Carter tira a camisa, desabotoando-a e jogando-a no chão.

Ele pode ter me agarrado mais cedo como se eu fosse uma criança desafiadora saindo impetuosamente para uma rua movimentada, mas agora, ele é o único que age como uma criança.

"Você só quer ficar com raiva de mim, não é?" Eu paro meus pensamentos enquanto ele remove sua camiseta de algodão, manchada de sangue também. "Não há nada que eu possa dizer ou fazer para você mudar de ideia. Você quer ficar chateado comigo."

Ele olha para mim por cima do ombro, um olhar irônico. "Por que eu iria querer isso, passarinho?"

"Porque se você não está com raiva, você terá que lidar com tudo o que está se formando dentro de você. Se você não é uma fera, então você tem que ser um mero mortal e lidar com o que está sentindo." Eu vomito as palavras, nem mesmo consciente delas até que elas me deixem.

"Sempre a artista, não é?" Ele ilumina a verdade, não quer admitir quão precisas minhas palavras são quando ele se vira para mim e se aproxima, vestindo apenas suas calças. Seus músculos endurecidos ondulam na luz fraca e seus olhos escuros parecem brilhantes com um desafio.

"Faça luz de tudo o que quiser. Você simplesmente quer ficar com raiva de mim." Ele dá um grande passo à frente e eu dou um pequeno para trás, não deixando que ele chegue perto o suficiente para me tocar. "E eu estou bem com isso, contanto que você saiba que é besteira e que

eu estou muito ciente do que é besteira." Eu cuspo as últimas palavras, odiando-o pelo que ele está fazendo. Ele está usando sua raiva como um amortecedor para manter seu controle. E isso não é justo. "Eu amo você, Carter Cross. Eu escolhi você." Eu tenho que adicionar as últimas declarações, se não por outro motivo que ser honesta comigo mesma. Mesmo agora, eu ainda amo ele. Ele é implacável, um idiota indiferente e brutal. E eu sou a idiota que o ama e quer que ele desista de um pedaço de sua armadura, sabendo que vou proteger essa parte dele com tudo o que tenho.

"Você não me escolheu," ele insiste e eu começo a responder, mas ele continua. "Escolha-me agora e ajoelhe-se."

Meu pulso acelera com o olhar em seus olhos. Eu já vi isso antes, muitas vezes. E sou grata pela mudança. Esperançosa em alcançar o homem que amo através desse véu de ódio.

Eu o olho nos olhos quando eu obedeço a ele. O sangue que corre pelas minhas veias esquenta de desejo. Não havia uma única parte de mim que hesitasse.

Ele se agacha na minha frente, trazendo-o ao nível dos olhos, e meu olhar permanece preso ao dele. As profundezas de suas íris escuras se inflamam com poder, com uma necessidade primordial.

*Tire de mim, Carter. Pegue o que você precisa e o que resta de mim ainda vai te amar.*

Espalhando os dedos pelo meu cabelo, ele faz um punho e força minha cabeça a inclinar. Minha respiração engata com o aperto repentino, e meu corpo se curva ao dele. Há apenas uma sugestão de dor, é apenas ele tomando o controle quando ele bate seus lábios nos meus. Minhas mãos esticam-se instintivamente, apoiando cada lado de sua mandíbula enquanto ele me assola.

O beijo é tudo. É calor. É casa. É um toque que desperta os pedaços de mim que ficaram em silêncio e esperando que ele voltasse. Eu gemo em seu beijo, desejando que eu não estivesse nessa posição para que eu pudesse me apoiar nele, para que eu pudesse pegar mais dele e mostrar a ele como estou desesperada para voltarmos ao que éramos.

Mas não há como voltarmos.

Você nunca pode voltar.

Meus lábios estão inchados e machucados quando ele me solta, lentamente afrouxando o aperto. Meu peito arfa por ar, e eu amo isso. Quando eu espreito para ele, minha visão vaga de luxúria, vejo seus olhos fechados e seus próprios lábios entreabertos enquanto ele inspira, depois abre os olhos para me fixar no lugar.

O olhar de um caçador, um predador até, mantém meu coração pulsante.

À luz pálida do amanhecer escorrendo por suas cortinas, as sombras suaves alinham sua mandíbula e o fazem parecer ainda mais dominador.

Ele se levanta devagar, deixando-me onde estou e posso ver seu comprimento espesso como ele, pressionando contra suas calças.

Ele anda na minha frente, deliberando sobre o que fazer a seguir, e estou ansiosa para descobrir.

"Você vai pagar pelo que fez."

"O que eu fiz?" A questão é falada com confusão. Eu tenho que afastar o desejo enquanto o medo entra.

"Levantou uma arma para mim." De pé em oposição a mim. Ele não tem raiva alguma em suas palavras. Apenas verdade e certeza.

"Eu pensei que já tinha superado isso." Minha voz está embargada quando eu solto as palavras.

"Você perdeu a minha confiança."

Eu só posso acenar com a cabeça, não confiando em mim mesma para falar. Eu penso em tudo que ele fez para mim desde a primeira noite em que coloquei os olhos nele. Como ele me privou, mentiu para mim, me trancou e me puniu com prazer e dor.

"Guardar ressentimentos endurece o coração," murmuro para mim mesma, mas minhas palavras são para ele também.

"Eu não tenho coração, passarinho." Sua resposta é rápida, mas também é minha.

"Eu não gosto quando você mente para mim."

Está quieto por um momento. A mente de Carter é compensada esta noite. Mas nós temos tempo. Eu não sei o quanto, mas sempre há esperança. E eu sei que minha alma fala com a dele. Minha alma está desesperada para ficar com a dele. É a única verdade que importa. *Eu preciso dele*.

"Se você estiver na minha cama esta noite, você terá que me satisfazer." Enquanto Carter fala, meu olhar é atraído para sua mandíbula forte e depois para sua garganta. Eu vejo como seu peito sobe e desce e ele fica na minha frente, desafivelando seu cinto. O som do couro sibilando no ar quando ele é puxado através das alças faz minha boceta aquecer e apertar.

"Estou ficando com você." Digo a ele com uma mistura de desafio e os gananciosos precisam ser tomados por ele. Eu não posso ajudar, mas acho que ele só precisa ser tocado. Ser amado. Ter livre reinado sobre mim e *sentir* o quanto eu preciso dele. *Isso* é o que precisamos.

Ele não fala enquanto tira sua calça e, em seguida, a deixa cair no chão com um baque suave.

Seu pênis balança na minha frente, inchado e cada veia saliente. Eu praticamente posso sentir sua espessura pulsando dentro de mim. Ele pode precisar disso, mas sei que também preciso disso. Eu preciso ser amada. Amada pela pessoa que sou, por este homem e apenas por este homem.

"Deite na cama em sua barriga," ele me manda e estou ansiosa para me mexer.

Quero resolver isso entre nós da maneira que puder.

E se é isso que ele escolheu, me mandar, me contaminar, me degradar em sua cama, eu o obedeço sem objeção. Porque eu também amo isso.

Enquanto eu me arrasto até a cama, me despindo e jogando as roupas no chão, ouço Carter abrir uma gaveta na mesinha de cabeceira. Eu não tenho certeza do que é que ele está pegando, mas eu não me importo. Eu só quero ele. No entanto, eu posso dá-lo.

Com uma bochecha pressionada contra o travesseiro, fico deitada na cama, nua e esperando que ele faça o que quiser. Eu sei que ele não vai me machucar. Assim não. Suas palavras são venenosas, e sua privação de afeto é torturante, mas aqui, assim, ele não vai me machucar. Eu sei que ele não vai. Se ele diz isso ou não, um pedaço dele me ama mais do que sua totalidade poderia me odiar.

A cama mergulha no tempo com o meu coração com o pensamento, e Carter sobe em cima de mim, sua ereção dura cavando na minha coxa quando ele se inclina sobre mim. Seus dedos arrastam pelo meu lado e fazem todo o meu corpo tremer. Ele gentilmente puxa o cabelo para trás do meu ouvido para beijar meu pescoço, me dando arrepios que fazem meus mamilos endurecerem e um arrepio percorrer meus ombros.

"Você acha que me ama, Aria," ele sussurra em um tom ameaçador que transforma meu sangue em gelo. "Deixe-me mostrar-lhe exatamente que tipo de animal eu posso ser."

Deixando meu cabelo cair no lugar, ele se endireita e o ar ao meu redor de repente parece mais frio sem ele.

Meu batimento cardíaco acelera, mas eu ignoro a ameaça persistente e recebo o que ele quer fazer comigo. Ele é meu e eu sou dele.

Um clique soa no ar ao mesmo tempo que uma frieza repentina atinge minha bunda. Está molhado e liso, e levo um momento para perceber o que é.

Carter passa um pouco de lubrificante na minha bunda e depois passa o dedo na minha entrada proibida. Calor rola pelo meu corpo e eu luto para ficar parada, sabendo o que ele vai fazer.

Ele toma seu tempo, me provocando, me esticando, empurrando-se para dentro e para fora pelo que parece ser muito tempo. Eu não aguento. Não aguento mais esperar, sabendo o que ele quer e o que ele vai tirar de mim.

"Carter," eu digo e seu nome é um apelo nos meus lábios. Minha cabeça se move de um lado para o outro enquanto ele me cala.

Ele pressiona a cabeça dentro de mim e já é demais. Eu pulo para longe dele, meus dentes apertando.

"Empurre para trás," ele me manda e, em seguida, adiciona quando ele desliza dentro de mim. "Empurre de volta agora."

Meus quadris se inclinam levemente, embora só por causa do seu controle sobre eles e eu faço o que ele diz, mas é muito. Demais. Meu corpo brilha com o toque proibido.

Eu estou tão quente. Tão cheia já. Cada centímetro da minha pele formiga enquanto tento não me contorcer debaixo dele. Com uma das mãos no meu quadril e a outra segurando meu ombro com uma força contundente, ele bate tudo dentro de mim em um impulso rápido e impiedoso.

A dor de ser esticada dessa maneira pela primeira vez me força a morder o travesseiro enquanto as lágrimas inundam e picam meus olhos. Eu posso sentí-lo pulsar dentro de mim, ficando mais forte e maior e é demais. Tudo é demais.

Meu corpo está em chamas, alternando com o frio congelante enquanto ele se move atrás de mim em um ritmo lento, mas implacável.

"Carter," eu choramingo seu nome quando a sensação esmagadora me implora para me afastar, mas então, com tanta necessidade, para empurrar para trás e tomar mais dele desse jeito.

Meu clitóris esfrega contra o edredom debaixo de mim e eu gemo. Um único gemido de prazer absoluto, meu corpo escolhendo-o sobre a dor. Carter toma como sugestão para pegar seu ritmo, impiedosamente fodendo minha bunda e empurrando meu corpo para baixo na cama com cada bombeada dura.

"Foda-se," eu gemo e ele responde com um gemido baixo do fundo de seu peito.

Meus dedos cavam o edredom, minhas unhas arranhando os fios enquanto minha cabeça se debate e eu me esforço para respirar. O prazer e a dor se misturam em um coquetel em que já estou bêbada.

Ele sussurra no meu ouvido: "Você é uma puta tão suja para mim." Ao mesmo tempo, ele enfia os dedos dentro da minha buceta e pressiona o polegar no meu clitóris.

Santa foda!

Minha boca se abre com um grito silencioso de êxtase. O prazer ondula através do meu corpo e me paralisa quando ele empurra para trás de mim, percorrendo seus quadris e me enchendo ao ponto em que é quase demais com ambos os dedos e seu pênis. Eu nunca me senti assim. Tão cheia, tão quente, tão consumida pela felicidade.

Ele me fode mais forte quando meu orgasmo começa a diminuir. Ele não para, nem mesmo quando ele afunda dentro de mim tão profundamente que eu sinto que ele vai me dividir em duas. Eu tento girar por instinto e empurro-o para longe.

Instantaneamente, Carter para. Mal se mantendo dentro de mim, ele me diz com um olhar frio: "Mantenha as mãos para baixo." Não há desejo em sua voz, nenhum senso de misericórdia ou amor. Nada além de raiva que eu ousei afastá-lo.

É um choque para o meu sistema. Vendo-o assim enquanto eu não sinto nada além de desejo e amor sóbrio. Uma rajada de gelo passa por mim enquanto ele muda sua expressão, suavizando-a e gentilmente empurrando meus ombros de volta para a cama.

"É demais," eu sussurro e, embora a dor se foi, a intensidade do que tivemos desapareceu.

"Deite-se," ele me comanda de uma forma que deixa uma profunda fratura no meu coração. Eu posso ouví-lo estilhaçar quando volto a minha bochecha para o travesseiro.

Ele não me toca de novo, ele não recomeça a me foder. Ele não se permite gozar.

Em vez disso, ele se levanta e se afasta de mim. Eu tento evitar chorar enquanto o prazer do meu orgasmo se transforma em nada enquanto ele entra no banheiro e acende a luz.

Eu me sinto sozinha nesse momento, quebrada e usada. Totalmente sozinha. Isso me lembra da última vez que estivemos juntos, de ele me amarrar e não me foder. Em vez disso, ele me deixou depois de torturar a verdade fora de mim.

*Isso é tudo isso? Mais tortura?*

Eu fico parada enquanto ele me limpa e retorna ao banheiro. Meu peito parece oco e é difícil de engolir. Talvez eu não tenha perdido ele esta noite. Talvez eu tenha perdido ele naquela noite quando eu disse a ele que nunca iria perdoá-lo. Talvez eu tenha perdido ele no momento em que peguei a arma e só agora vi.

Tudo o que sei agora é que sinto que o perdi.

Recusando-me a chorar, eu mordo o interior da minha bochecha e ouço ele voltar para a cama depois de desligar a luz. A cama range quando ele chega ao meu lado. Ele não rasteja sob os lençóis que ele colocou em cima de mim e eu não saio de onde estou. Eu vou esperar por ele.

Ele me ama. Eu sei que ele me ama, mas por que parece que ele não gosta de nada? *Por que eu sinto que estou mentindo para mim mesma?*

"Eu te amo," eu sussurro e dou uma olhada para ele. O sol nasceu e ele não pode se esconder na escuridão. Seus olhos estão cansados e seu rosto parece mais velho do que nunca.

Eu vejo sua garganta balançar quando ele deita na cama e não diz nada. Ele não diz nada.

Mais silêncio. E esse é o último pedaço que posso aguentar.

Lambendo meus lábios secos, percebo que sua intenção era simplesmente me machucar, pelo menos naquele momento eu me virei, o momento em que era demais. Eu sou rápida para me levantar e me afastar dele, empurrando os lençóis de lado.

Seu aperto é quente, queimando em mim quando ele envolve uma mão forte ao redor do meu quadril e me puxa para seu peito duro e esculpido.

"Você sabe que eu me importo com você." Ele diz as palavras severamente, mas ele não olha para mim. Não no começo. As batidas no meu peito sobem para a minha garganta até que seus olhos encontram os meus, rodopiando de dor.

O caos distorce e torce dentro de mim. Estou sofrendo por ele, um homem que se sente traído e não sabe o que fazer, porque toda vez que a vida lhe deu um desafio, ele simplesmente os assassinou, mas aqui estou.

Mas também estou com dor. Por me apaixonar por um homem tão impiedoso e cruel como Carter.

"Nunca mais faça isso de novo," eu digo, mal impedindo a minha voz de quebrar. "Nunca me trate como se eu não fosse nada para você."

"Isso é uma ameaça?" Ele pergunta, ainda sem olhar para mim.

"Não. Não é uma ameaça, uma promessa. Carter, olhe para mim." Minha voz aguça e seus olhos encontram os meus. "Se você fizer isso de novo, eu vou deixar você." É preciso tudo em mim para dizer isso, porque sei que é verdade. E estou preocupada que isso aconteça. Parece tão perto de ser inevitável.

"Fazer o que exatamente?" Ele me pergunta, ousando jogar como se ele não soubesse. Como se ele não percebesse o quanto ele me machucou esta noite.

"Me foder só para provar o quanto estou disposta por você me ter. Passar por mim como se eu fosse insignificante na sua vida." Eu quase engasgo com minhas últimas palavras, lembrando como me senti no foyer. "Me tratar como se eu não valesse a pena."

"Primeiro, eu queria você. Eu te peguei porque queria você." Seu tom é agudo até que ele acrescenta: "Mas algo... mudou."

"Algo?" Eu pergunto a ele, mas ele não me responde. Ele continua falando como se eu não tivesse pronunciado a pergunta.

"Como foi segurar uma arma na minha cabeça?" Ele pergunta, e sua voz está cheia de emoção. "Você acha que isso me fez sentir como se eu significasse algo para você?" Ele não esconde a dor por trás de uma máscara fria de indiferença. Eu posso ouví-lo engolir e pela primeira vez ele me mostra tudo em sua expressão. Eu o machuquei tanto e nem sabia.

"Carter, não..." Eu começo a dizer, aproximando-me dele, embora ele fique perfeitamente imóvel. "Eu estava apenas tentando sobreviver," eu digo, implorando para ele entender. "Se eu pudesse levá-lo de volta..."

"Você não iria," ele me corta, e eu sei que ele está certo. Sob essa circunstância, eu não permitiria que ele matasse meus amigos e familiares. É fodido o quanto esse conhecimento me entope. Não tem como eu sair disso viva.

"Você estava apenas sobrevivendo. Talvez fingir que você não significa nada para mim é uma maneira de eu simplesmente sobreviver."

Estou impressionada com a confissão dele e odeio isso. Eu odeio as vidas que temos e como o destino nos colocou no caminho um do outro.

"Por favor, não faça isso, Carter." Minha garganta está apertada enquanto o desespero se ergue. "Eu sei que estamos quebrados, mas pare com isso. Não faça isso de novo. Não faça isso pior."

"Eu não posso fazer melhor," ele rebate.

"Diga-me que você se importa comigo de novo," eu sussurro, chegando perto dele e ignorando a dor que ainda perdura. Quando entrei de novo no aperto de Carter, deixando facilmente que ele me levasse de volta para ele, não fazia ideia de que estávamos tão quebrados. Como eu poderia ter sido tão idiota ao pensar que amá-lo iria consertar tudo? Como se pudesse pôr um fim à guerra, reescrever o passado e nos tornar invencíveis para o que quer que esteja pela frente.

Ele me diz que se importa comigo depois de um momento, mas então ele me conta uma verdade que eu não ousei admitir que já sabia até que ele falou as palavras. "Eu queria não ter feito isso. Tudo seria mais fácil se não o fizesse."




TODA VEZ QUE eu empurrava dentro dela, lembrei das confissões que ela fez na outra noite. Como ela me disse que estaria com Nikolai se eu não estivesse aparecido e como ela nunca me perdoaria. Ela quis dizer isso. Ela ainda faz.

Estar dentro dela é o paraíso, mas ontem à noite, foi o inferno. Não havia como eu ter tido algum prazer nela. Não quando tudo o que posso pensar é como ela vai me odiar quando isso acabar. Não há como eu ser capaz de mantê-la. É impossível.

Um entorpecimento se espalha pela minha mão enquanto eu forço um punho, deixando os cortes se abrirem e sentindo a dor rasgar meus dedos. Recostando-me na cadeira do escritório, aperto e abro a mão de novo e de novo, só para sentir outra coisa.

Eu nunca quis esquecer tanto. Para apagar a bagunça em que nos metemos. Para fugir com ela e começar de novo.

É uma dor que eu nunca senti e uma posição em que nunca considerei que estaria. Porque nunca me senti assim com mais ninguém. Ninguém mais significou tanto para mim antes. Nem meus irmãos.

Eu não sei como vamos sair disso juntos. E eu nunca quis mais nada.

O longo fio de pérolas que começa com pequenas esferas crescendo em tamanho até chegarem ao centro, me olha de volta da sua caixa de veludo sobre a mesa. A iridescência brilha nas pérolas polidas, roubando meu olhar. Elas me hipnotizaram, assim como a minha Aria. Qualquer coisa que possa manter minha atenção deveria pertencer a ela.

Eu precisava substituir seu colar anterior por um que ela pudesse usar para sempre. Este colar é atemporal e mesmo se ela me deixar, eu rezo para que ela mantenha isso para sempre. Eu oro para que o que tivemos seja infinito, mesmo se estarmos juntos seja apenas um sonho que eu poderia ousar voltar em meu sono.

Quando ouço os passos de Aria se aproximarem do meu escritório logo antes da porta se abrir, fecho a caixa de veludo. Os olhos de Aria ainda estão inchados e vermelhos pela falta de sono, e seus lábios estão inchados. Ela segura seu pijama com uma mão e bate na porta, embora esteja aberta e nossos olhos já tenham se encontrado.

Ela tenta um sorriso, mas desaparece tão rapidamente quanto veio. Foda-se, dói. Eu não quero nada mais do que fazê-la feliz. Verdadeiramente feliz comigo, com o homem que eu sou e sempre serei.

"Eu não tinha certeza se você queria que eu me vestisse," Ela mal fala antes de acrescentar, "já que não havia roupas expostas."

Eu vejo sua garganta enquanto ela engole, e novamente ela enrola o algodão fino de sua camisa de dormir em sua mão. Ela não o usa na cama, apenas quando sai do quarto. A tensão no ar é espessa e faz com que meus dedos fiquem dormentes de novo e fiquem cheios de angústia.

"Você ainda quer que eu faça?" Eu pergunto a ela e ela balança a cabeça rapidamente e sem hesitação. Eu amo esse lado submisso dela, esse lado confiante. Eu amo que ela quer esse lado de mim. Ainda mais, adoro poder dar tão facilmente o que ela quer.

"Eu gosto quando você faz coisas assim," ela responde.

Com um único aceno de cabeça, levanto-me e vou até o outro lado da mesa, engolindo o caroço e lembrando que preciso estar no controle o tempo todo. Para ela e para o bem da minha família e de todos os outros que confiam em mim. Aria fica onde está, parecendo perdida e insegura.

Eu odeio isso, mesmo sabendo que sou a razão para tudo o que está acontecendo. Eu poderia facilmente trazê-la de volta para os meus braços e amá-la. Mas isso só terminaria com ela me odiando, ela me quebrando e destruindo a última parte da minha sanidade.

Se terminar assim, lentamente, e com um abismo crescente entre nós, será mais fácil de aceitar. Para nós dois.

"Para você," eu digo e estendo a caixa preta para ela pegar, e só então ela se aproxima. Quando a caixa se abre, eu movo a cadeira para encará-la e me sento, explicando quando minhas costas atingem o couro liso. "É o seu presente de aniversário."

Ela força um pequeno sorriso nos lábios, mas a tristeza permanece ali. "É lindo," diz ela, embora não olhe para mim. "O que aconteceu com o meu outro... colar?" Instintivamente, sua mão alcança seu colarinho, até o lugar onde os diamantes e pérolas costumavam se pôr.

"Está onde você deixou," eu digo a ela e, em seguida, olho para a caixa, ainda empurrada contra a parede, mas não alinhada exatamente com o que normalmente parece. Eu não quero que volte para onde estava. Eu quero lembrar. Eu *tenho* que lembrar. Meu intestino se agita com a lembrança de como me senti, sentado nesta mesma cadeira, enquanto ela se trancava naquela caixa. Estou enojado com todo o ódio e raiva que tive, mas mais do que isso, a percepção de que o que eu queria nunca seria.

"Estamos bem?" A gentil pergunta de Aria, atada tanto ao desejo quanto ao medo, chama minha atenção para seu lindo rosto.

"Eu não sei se alguma vez estaremos bem." Minha resposta é instantânea e calmamente falada como se fosse uma certeza. "Mas isso não faz de você menos minha."

"Eu não sei o que posso fazer, Carter." A voz de Aria é miserável quando ela olha para as pérolas, as pontas dos dedos mal deslizando ao longo de cada uma delas. "Eu quero fazer isso direito."

"Isso nunca ia ser certo, Aria. Não estava certo o que eu fiz e o que vou fazer... não está certo para você." Eu não gosto do jeito que minhas palavras saem. Como se eu a deixasse ir, porque não vou. Eu não vou ser o único a estragar as coisas, mas eu sei que ela vai me deixar.

É inevitável.

"Você não consegue decidir o que é certo para mim." Sua resposta é afiada, aquele desafio que eu amo cortando a dolorosa verdade que ela não pode negar: Nós nunca fomos feitos para ser.

"Você ainda está com raiva de mim, não está? Por pegar a arma." Sua voz vacila quando ela acrescenta: "Sinto muito, Carter." Suas palavras são apressadas e ela mal respira quando dá um único passo em minha direção, fechando o espaço até eu estender a mão para pegar sua cintura em minhas mãos. Eu poderia puxá-la para o meu colo, mas não o faço. Eu a mantenho exatamente onde ela está, no comprimento de um braço.

"Eu sei que você sente." Digo solenemente.

"Isso significa que você não me perdoa?" A dor não está escondida no mínimo. Não em suas palavras, ou na maneira como suas mãos seguram as minhas, não nas sombras âmbar e jade em seus olhos.

"Não é sobre o perdão, Aria. Eu entendo porque você fez. Eu respeito mesmo. Mas isso aconteceria novamente. Você faria de novo." Eu falo com ela sem reservas. Ela vai chegar à mesma conclusão que eu tenho. Ela vai, mesmo que isso a machuque com a mesma dor que me machuca.

"Você é o único que me colocou aqui. Quem me colocou bem no meio, Carter. Você poderia me trancar na cela e então eu não estaria no caminho." Ela implora para mim, querendo que eu tire sua liberdade e a mulher que ela sempre foi para ser apenas para que eu possa tê-la.

"Você foi a única que queria sair da sua gaiola para voar para longe. Não estou certo?" Eu sei que isso não muda nada. Dando-lhe liberdade apenas para ficar desapontado com o que ela faz com isso, não muda nada entre nós.

"Você é o único que não cortou minhas asas," diz ela e a mistura de avelã em seus olhos me implora para me apaixonar por ela. Para ceder e simplesmente amá-la. Eles não sabem disso, assim como ela não sabe. Eu já amo. Eu a amo com tudo em mim. Mas isso é tudo que posso oferecer a ela. Eu já estou dando a ela tudo o que tenho. "Você me deixou te encontrar. Você me deu essa escolha... Eu sei que você fez," ela me diz e eu não nego.

"Cortar suas asas... mantê-la fora de tudo... esse teria sido o maior dos crimes, meu passarinho."




EU NÃO DEIXEI o quarto do esconderijo... Eu não sei por quanto tempo.

As pérolas ainda estão no meu travesseiro, onde as deixei. Tanto o colar de pérolas que Carter me deu esta manhã quanto as pérolas soltas e diamantes que eu peguei da caixa em seu escritório. Ele me deixou ali, sabendo que estávamos quebrados além do reparo. E eu fiz o meu melhor para limpá-lo. Pegando a evidência do meu colar quebrado enquanto lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto e caí na caixa onde eu estava apenas uma semana atrás.

Eu sei a dor de um amor que acabou. É uma sensação inegável que se estende lentamente através de cada membro e dedo. É entorpecedor, mas implacavelmente agudo.

Meu peito arfava com cada soluço até que caí no chão.

O amor não é suficiente e essa é a pior coisa no mundo inteiro. O amor deve conquistar tudo. É suposto perseverar. Em vez disso, tudo o que aconteceu nos causou uma dor insuportável. Uma dor que eu faria qualquer coisa para não sentir nunca mais.

Eu me deitei na cama improvisada, uma pilha de travesseiros em cima do tapete felpudo, guerreando comigo mesma. Eu pensei em todas as situações possíveis. Chegando de entrar na cela de bom grado e trancá-la atrás de mim até que tudo acabe, para dizer a Carter que eu mataria meu pai e Nikolai com minhas próprias mãos.

E eu odeio a mulher em cada cenário. Eu a desprezo. E também sei que nunca seria capaz de viver comigo mesma. Eu simplesmente

estaria esperando até o dia que eu morresse. Vivendo cada momento com um ressentimento em relação a Carter que eu não acho que poderia me esconder.

O destino é cruel e este mundo é mais frio do que eu imaginava.

Meu corpo está dolorido e leva um momento em que me levanto para começar a me mover. Eu não tive nada para beber ou comer... eu não sei por quanto tempo. Eu estou tonta e há uma batida na minha têmpora que não vai parar.

Eu me movo lentamente para a cozinha, ouvindo meus pés descalços batendo suavemente no chão e inspirando e expirando o mais profundamente que posso. Uma xícara de café é o que eu estou procurando, uma xícara quente que é principalmente açúcar e creme. Eu só preciso do café para a cafeína. Mas o que eu recebo são os sons de Addison e Daniel carregando da cozinha para o corredor.

Paro do lado de fora da porta, ouvindo Addison dizer a Daniel como ela nunca mais o deixará.

"Você promete?" A voz de Daniel é calma e há um sorriso escondido em sua voz. Eu posso ver na minha mente o sorriso exato que tocaria em seus lábios.

"Eu não quero mais fugir." A voz de Addison não é nada mais que sincera. "Nada ficará entre nós, Daniel. Se conseguirmos passar por isso..."

Minha bochecha está do lado de fora da porta enquanto os escuto, sentindo o amor entre eles que sempre esteve lá.

Não posso deixar de sentir uma pontada de ciúme e desejar que fosse fácil para Carter e eu.

"Então se case comigo." A resposta de Daniel faz meus olhos se arregalarem e de repente eu me sinto como uma intrusa. Não como uma amiga ou família. Sou apenas uma intrusa que precisa ir embora e não manchar a memória, mesmo que não perceba.

Sua voz é suave quando ela diz a ele que sim entre beijos rápidos que eu posso ouvir mesmo quando me afasto da porta. Virando-me, não

sinto nada e tudo de uma vez. Ciúme e felicidade. Vazio de saber que nunca vou ter o que eles compartilham, e uma sensação de conclusão por aceitar.

É esta a sensação de ter um colapso total?

Com uma única respiração profunda, meus olhos se fecham e meus músculos se apertam, dou um passo para frente apenas para ser atingida pelo calor de um corpo rígido enquanto caminho para frente.

Meu pulso acelera quando eu abro meus olhos.

"Perdida?" A voz de Carter não está silenciosa como meus passos, e eu posso ouvir Addison e Daniel saindo da cozinha e entrando na porta do corredor.

Meu corpo está duro, e leva um momento para eu mesma reunir coragem para olhar por cima do meu ombro para eles.

Eu não pertenço aqui. Nunca foi tão evidente para mim. Eu não deveria estar aqui.

"Aria," Addison é rápida para chamar por mim, mas eu não posso nem ficar olhando para ela sabendo que não poderíamos estar mais afastadas no que estamos agora. Ela não precisa de mim arrastando-a para baixo, arruinando este momento especial para ela, e não há nada que ela possa me dar neste momento que eu aceitaria.

"Eu estou bem," eu digo e mal viro para olhar por cima do meu ombro para a única amiga que tenho aqui. Com a mão levantada, ela para onde está. "Por favor." A única palavra é um apelo para ela me deixar em paz e ela escuta.

Pisando em volta de Carter, deixo-os o mais rápido que posso. Eu apenas olho para trás uma vez para ver Daniel segurando o pulso de Addison enquanto ela olha para mim com lágrimas nos olhos. Carter se foi, para onde? Eu não sei e não me importo.

Eu nunca me senti tão dilacerada na minha vida.

Eu sabia que a vida nunca seria fácil para mim. Não com o homem que meu pai é. Mas nunca imaginei que me apaixonaria pelo inimigo.

Tanto é assim que eu estaria aqui com ele, de bom grado, enquanto minha família chora mortes cometidas por sua mão. Ou que eu estaria chorando a perda de um amor que nunca deveria ter existido.

Então, o que isso faz de mim?

*Quem* faz isso comigo?




A GUERRA NÃO PARA PRA NINGUÉM.

A morte nunca espera.

"Cada ala está segura e os reparos estão em andamento, senhor," Aden me diz com um aceno de cabeça enquanto ele fica fora do escritório de Jase em sua ala. A maior parte do dano foi feito na ala de Declan, mas tudo é aproveitável.

"Qual é a linha do tempo?" Eu pergunto a Aden. Ele é um novo guarda, um de uma dúzia. Quando o número de mortos chegou, perdemos mais homens do que eu pensava originalmente. Agora estamos mantendo todos próximos, mas é apenas temporário, é só até vermos os homens de Romano e os de Talvery. Jett está cuidando disso com uma pequena equipe. Tudo está esperando por ele. Mas eu odeio esperar.

"Duas semanas no máximo até que tudo seja substituído," ele responde e eu dou-lhe um aceno de cabeça, efetivamente dispensando-o antes de entrar na porta aberta de Jase e fechá-la atrás de mim.

O escritório de Jase não é nada parecido com o meu. Não há um único livro. Não há mesa também. Eu só me refiro a isso como um escritório porque ele faz. A lareira está quase sempre acesa, e as chamas refletem-se na mesa de centro espelhada em frente a ela. A superfície espelhada tem uma pátina espessa que é desenvolvida ao longo do tempo. Eu acho que Jase prefere desse jeito, ou ele poliria isso.

As prateleiras que revestem a parede à direita contêm as raras armas antigas que ele coleciona. Principalmente espadas e facas. A impressão antiga que elas têm e seus primitivos rudimentares estão em

desacordo com as linhas limpas do resto da sala. No geral, a estética é moderna e estéril.

"Como ela está?" Jase me pergunta. Seu olhar permanece no fogo até que eu me sento ao lado dele no elegante sofá de couro preto. É só então que ele olha para mim.

Eu não respondo a ele, as palavras lutando com minhas emoções no fundo da minha garganta.

"Isso é ruim?" Ele pergunta, e eu apenas aceno com a cabeça.

O fogo crepita na nossa frente enquanto eu me sento com meu irmão, lembrando como chegamos aqui há quase uma década. Quando eu era apenas uma criança, saía à procura da morte e desejava que isso acontecesse rapidamente. Jase é quem fez o primeiro movimento. Ele matou cada um dos homens que me agarraram na esquina da rua. Ele foi alimentado apenas pela raiva, mas quando me recuperei e soube o que ele tinha feito, eu sabia que haveria muito mais mortes antes que a raiva pudesse deixá-lo.

Um por um, nós matamos, nós roubamos, nós governamos com um medo que uma vez tivemos pelos outros.

Mas o medo tem um jeito de mudar você. E eu seria um mentiroso para dizer que não estava motivado por isso agora.

Tenho medo de perder a única mulher pela qual vale a pena lutar. A única mulher que sou capaz de amar.

O couro grosso geme quando Jase se inclina para trás, esfregando o polegar sobre o queixo e me diz: "Tudo vai dar certo quando isso acabar. Ela ficará bem com o tempo."

"Ou ela vai ser consumida pela raiva," eu digo e dou-lhe um olhar de conhecimento, mas a expressão em seu rosto não vacila.

"Ela ama você," é sua única resposta.

Eu quebro o olhar dele para olhar para o fogo, imaginando quanto tempo levará para que uma chama tão alta e quente se tornar apenas cinzas e arder sem chamas.

"Eu não vim falar sobre ela."

"É tudo sobre ela, não é?" Ele questiona e meu peito aperta. Se eu pudesse voltar àquele momento e dizer a ele para não lutar por vingança, se eu pudesse voltar e em vez disso pegar meus irmãos e deixar aquele lugar horrível, eu voltaria. Não tenho orgulho de quem nos tornamos e sei que é por minha causa.

"Você sabe o que eu quero dizer," eu digo a ele, em vez de mentir para ele e fingir que não me meti nessa merda por causa de uma necessidade doentia de ter Aria para mim.

"Do que você veio falar então?" Jase pergunta e depois coloca a cabeça para trás. Ele pega uma faca da mesa e brinca com a lâmina entre os dedos.

"O que você quer fazer daqui?" Pergunto-lhe. A luta em mim é subjugada e ele pode ver isso. Tenho certeza que todos podem. Eu nunca me senti tão fraco na minha vida.

"Eu diria para esperarmos," ele oferece, olhando para o fogo crepitante. As chamas dançam na escuridão de seus olhos.

"Nós poderíamos atingí-los agora... Deixar as ruas correrem com sangue," eu sugiro a ele, sabendo que o dia está chegando. É assim que isso funciona. O vencedor leva o golpe final.

"Duas razões. A primeira é que Sebastian está voltando."

Sebastian. Minha reação inicial ao ouvir que ele está voltando não é nada que eu esperava. Eu sinto como se tivesse falhado com ele. Tenho vergonha por ele voltar e me ver assim. Desde que Aria veio para cá, enviei uma mensagem para mantê-lo informado. Ele é meu confidente desde que construiu o esconderijo. Ele me apoiou mais de uma vez. E ele sabe sobre Aria, e quão mal nós nos apaixonamos.

"Quando?" Eu pergunto e tenho que limpar minha garganta depois.

"Ele vai estar aqui esta noite, embora ele esteja indo para a sua propriedade e a casa segura primeiro para ver o estrago."

Um grunhido me deixa antes que eu pergunte: "Ele ainda não viu a extensão do dano, não é mesmo?"

Eu não queria acreditar que doía tanto quanto quando ele saiu. Com o tempo, a dor diminuiu. Mas não posso negar que a lembrança dele saindo e depois não voltando por tanto tempo me mata. Ele era da família. Ele ainda é.

"Ainda não," Jase responde uniformemente e, em seguida, acrescenta: "Chloe não está vindo por um tempo."

"Isso é compreensível," eu digo distraidamente. No fundo da minha mente, eu sempre soube que ele ficou longe por três razões:

*Chloe nunca quis estar aqui.*

*Romano a teria matado se ainda tivesse o poder de fazê-lo.*

*Marcus.*

Quando Marcus se aproxima das pessoas, elas tendem a fazer o seu lance e, em seguida, se mudam para longe, muito longe. Meus irmãos e eu somos os únicos que parecem ter desafiado esse padrão.

Está quieto enquanto a madeira se divide no fogo rugindo e partículas de cinzas voam no ar aquecido.

"Você disse que havia duas razões?" Eu lembro a Jase, esperando por outro motivo que não devemos destruir o que restou de Talvery.

"O pai dela recuou," ele me diz, ainda correndo os dedos ao longo da lâmina enquanto se inclina para trás na cadeira. Ele está simplesmente esperando pela guerra. Eu sou a razão pela qual meus irmãos foram atraídos para esta vida, e eu me odeio por isso.

Eu odeio que ele se refere a Talvery como "pai dela" tanto quanto ele faz.

"Ele tem que sair eventualmente. Ele não pode se esconder para sempre."

"Até que ele saia, vamos esperar?" Jase pergunta e eu só posso acenar. Todos os dias que esta guerra dura é um dia a mais que tenho Aria tão perto, mas inacessível.

"Você não costuma vir a mim em busca de conselhos," comenta Jase e eu não respondo por um momento.

"Estou cansado," digo-lhe honestamente, mas não lhe digo tudo o mais. Como tudo em que consigo pensar é o que serei quando ela me deixar. Eu serei a casca de um homem esperando para morrer, o modo como Jase está esperando por esta guerra.

Seu olhar queima em mim, mas ele não me pressiona por mais. Talvez ele já saiba.

"Talvery ligou também."

Minha cabeça vira para ele e minhas sobrancelhas se apertam em choque e raiva em sua admissão. "Quando? Por que não me chamou?"

"Só agora, antes de você entrar." Eu tento interrompê-lo, chateado que não me disse, mas Jase continua: "Ele só queria saber de uma coisa e depois desligou."

"E você disse a ele o que ele queria saber?" As minhas unhas afiadas cavam no couro macio do apoio de braços.

"Ele queria saber se Aria ainda estava viva. Se ela estava bem." Ele fala uniformemente, olhando para o fogo antes de olhar para mim quando eu pergunto: "O que você disse a ele?"

"A verdade."

Eu tenho que morder minha língua quando quase pergunto a ele que verdade ele disse a Talvery. Porque eu sei que ela não está bem. Não há nada sobre qualquer um de nós que está bem.




NUNCA ESQUECEREI a primeira briga que tive com o Nikolai. Enquanto eu me sento no meu quarto de refúgio, olhando para o papel de parede bonito na minha frente com uma tela em branco aos meus pés e um pedaço de giz na mão, lembro como gritei com ele e como ele gritou de volta para mim.

Foi uma briga de amor jovem. Mas também foi o começo do fim e nós dois sabíamos disso.

Ele me ensinou a atirar naquele dia, deixando-me disparar sua arma. Ele tinha apenas dezessete anos e eu dezesseis. Eu implorei a ele para me deixar disparar. Eu queria saber como era e ele me disse que não deveria, e que eu nunca precisaria saber, de qualquer maneira.

Eu não posso explicar o quanto isso me irritou, mas isso não importava, porque ele se moveu atrás de mim enquanto estávamos em frente à floresta atrás da minha casa. Seu peito pressionou contra minhas costas e suas mãos seguraram as minhas enquanto ele me ensinava a disparar.

A arma chutou para trás, mas ele segurou firme em minhas mãos. Eu lembro do calor que se espalhou através de mim quando ele me perguntou como me sentia, sussurrando a pergunta no meu ouvido. Nós estávamos nos vendo tarde da noite, quase todas as noites por um tempo.

Eu sabia que ele se importava comigo, mas ele não tinha dito aquelas três palavras para mim que eu confessei a ele.

Eu espiei por cima do meu ombro, e seus lábios estavam bem ali, tão perto dos meus. Eu olhei para eles por um momento e graças a Deus eu fiz, porque esse é o momento em que meu pai saiu da casa.

Eu me afastei de Nikolai antes mesmo de ele ver meu pai.

Naquela noite, não brigamos pela arma, ou se eu deveria ou não aprender a disparar uma. Nós brigamos porque ele queria acabar com o que tínhamos. Ele disse que meu pai nunca permitiria isso.

Nós brigamos porque eu queria fugir com ele, mas Nikolai recusou. Decidindo que era melhor ficar onde estávamos e parar de nos ver, em vez de correr o risco de sair e ficar com o que tínhamos.

Ele não queria ser visto comigo de novo, e é por isso que eu gritei. Ele era tudo que eu tinha, e ele sabia disso. Isso me machucou profundamente, embora eu entendesse o porquê que ele não queria que meu pai descobrisse. No segundo que mostrei-lhe a minha dor, ele a levou embora.

Nikolai me beijou e disse que faria melhor. Que ele estava fazendo tudo por mim e um dia eu veria. Levou tempo para eu me acostumar a não tê-lo. E toda vez que eu chorava, toda vez que eu precisava dele, mesmo que apenas por um momento, ele veio até mim.

Ele nunca me disse que me amava até depois que eu superei o que tínhamos e só o considerava um amigo. Mas eu sabia que ele me amou antes de me contar. Porque quando você ama alguém, você não aguenta vê-lo com dor.

Carter não é assim, no entanto. Ele não é um homem para acalmar ou ser acalmado. Ele é o tipo que coloca o polegar dentro de um ferimento de tiro cru e empurra com mais força. Esse é o tipo de homem que Carter é.

Não há como beijar minha dor com Carter. Ele quer que eu viva nela, porque ele vive na dele. Estar ao seu lado significa deleitar-se com a agonia e, mais ainda, governar nela.

A batida na minha porta me assusta. É suave e, embora eu gostaria que fosse Carter do outro lado, eu já sei que não é.

Carter não é do tipo que bate tão gentilmente.

"Sim?" Eu chamo por trás da porta fechada.

"Sou eu." A voz de Addison atravessa a porta e eu tenho que respirar fundo antes de poder responder.

Meus olhos estão cansados e queimam por falta de sono quando ela entra.

"Como você sabia que eu estava aqui?" Eu pergunto a ela e só então ouço o quão rouca minha voz está.

Enquanto me sento na pilha de travesseiros e olho em volta, percebo como isso parece patético. Como *eu* pareço patética.

"Daniel me disse," ela diz baixinho, com um sorriso que não chega aos olhos. Ela olha em volta desajeitadamente por apenas um breve segundo antes de vir se sentar comigo na minha cama improvisada.

Eu quero dizer a ela que estou feliz por ela, pelo que ouvi por acaso. Quero abraçá-la e dizer a ela que já conheço as boas novas, embora tenha sido um acidente. Eu quero fazer muitas coisas, mas Addison veio com um propósito e ela não me deu a chance de falar primeiro.

Sou grata por isso, porque vê-la me deixa ansiosa e desajeitada, dadas as circunstâncias.

"Quando me mudei para cá... bem," ela faz uma pausa e limpa a garganta, depois continua, "perto daqui, quando me mudei para Crescent Hills, eu não tinha ninguém."

Eu puxo minhas pernas para o meu peito e encosto minhas costas contra a parede enquanto a vejo sentada de pernas cruzadas. Há uma pequena pilha de cobertores de pelúcia dobrados ao meu lado e ela pega o rosa pálido, um chenille macio e puxa o cobertor em volta dela.

"Eu sei o que é isso," eu digo a ela e ela balança a cabeça negativamente.

"Eu era uma órfã," ela me diz com a voz embargada e eu sou pega de surpresa.

"Eu não fazia ideia."

"Eu não pareço uma órfã?" Ela levanta a sobrancelha e brinca, mas a pequena risada que a acompanha é triste. "Eu não falo muito sobre isso, sabe?" Eu aceno enquanto ela fala e tento imaginar como era isso.

"De qualquer forma, mudei-me entre algumas famílias diferentes e a que estava aqui era boa, não era melhor do que as outras de várias maneiras. Eles não se importavam comigo, só recebiam para me manter viva, sabe?" Addison morde o lábio inferior por um momento e não posso deixar de me perguntar por que ela está me dizendo tudo isso. Ela respira fundo e me olha nos olhos. "Eu fiquei por causa de Tyler."

"Tyler?" Uma sensação de congelamento varre minha pele ao ouvir seu nome. Parece que conheço o irmão Cross que morreu. Eu sonhei com ele, e as palavras que ele deu a Addison em seu sonho não me deixaram.

"Todos nós crescemos pobres, e ele não me julgou, não como as outras crianças da escola. Seu pai era alcoólatra e seus irmãos eram... bem, eles faziam o que tinham que fazer para sobreviver. E isso me assustou às vezes. Mas ele me amava e eu o amava de várias maneiras. Eu também percebi que amava seu irmão - eu amava mais Daniel, mesmo que não fôssemos nada naquela época. Eu mal falava com Daniel na época." Lágrimas nublam sua visão e ela as afasta. "Os meninos Cross, eles me protegeram, eles cuidaram de mim de uma maneira que ninguém tinha. Incluindo Carter." Ela deixa as lágrimas caírem e fungam antes de me dizer: "Eu juro para você, há tanta coisa boa lá dentro."

Ela lambe o lábio inferior, juntando a lágrima que fica lá e então eu percebo que ela acha que eu não estou bem porque eu quero ir embora. Porque eu não amo o Carter.

"Eu sei que há," digo a ela e ela espera por mais. Para o "mas" que não vai vir de mim. "Eu o amo e amo essa família." Emoções derramam de mim, emoções que eu gostaria de poder enterrar lá no fundo até que eu não possa mais sentí-las. "Eu quero fazer parte desta família mais do que você poderia imaginar."

Ela inclina a cabeça e me dá uma olhada, e eu na verdade dou um sorriso. "Bem, talvez você saiba." Eu funguei e olhei para o teto para evitar rasgar o pensamento de fazer parte desta família, uma família que me protegeu e me amou. Mesmo que eles sejam... os homens que são.

"Então você ama ele?" Ela pergunta e estende a mão para mim, colocando a mão no meu joelho. "Você o perdoou?"

Eu aceno com a cabeça, sabendo que é verdade. Ambas as declarações são tão verdadeiras.

"Ele não me perdoa." Eu digo a verdade que queima um buraco no meu peito. Tenho que enfiar a mão no bolso do pijama para tirar algumas das pérolas soltas do colar que costumava usar. As miçangas se encaixam suavemente na minha mão enquanto eu digo a ela: "Ele não confia em mim e não vai mostrar nenhuma piedade, nem para mim nem para ninguém."

"Eu queria entrar aqui e dizer uma coisa. Algo que está me assustando, Aria." A voz de Addison cai e seus olhos escurecem com uma intensidade que eu não vi nela antes.

"Vá em frente," eu digo a ela em um sussurro, sentindo a temperatura do meu sangue cair. Ela esfrega as palmas das mãos no jeans enquanto respira lentamente.

"Eu fui ao túmulo de Tyler." As lágrimas se acumulam nos olhos da mesma maneira que as nuvens ameaçam a tempestade, lentamente e com uma necessidade iminente. "Havia tantos bem-me-queres." Ela olha além de mim, para a janela coberta de lençóis bonitos, ainda trancada e nunca vai abrir. Duvido que ela saiba desse pequeno fato. Seu olhar fica lá enquanto ela me diz: "Eu trouxe dois pacotes de sementes comigo antes de sair, e espalhei tudo ao redor de seu túmulo." Seus olhos vagam para os meus. "Não é nada, além de um campo de azul e branco agora," ela me diz e um calafrio corre pela minha espinha. Uma estranha sensação de déjà vu se aprofunda em meus ossos.

Ela solta um suspiro e balança a cabeça suavemente. "Eu tenho sonhado com ele desde que voltamos. É o mesmo sonho, Aria."

Lembro-me de um sonho que tive desde que cheguei aqui. Desde a primeira semana que estou presa nesta cela, mas não é o que ela descreve.

"Tyler continua me dizendo para lembrá-lo. Segurá-lo com força. Não deixá-lo ir... senão ele vai morrer."

Nas profundezas do meu ser, eu sei que Carter precisa de alguém para amá-lo e de alguém que ele possa amar em troca. Ele é um homem com dor, uma fera presa em um castelo de sua própria autoria. Eu não estou convencida de que posso ser essa mulher.

Ou que ele me deixe perto o suficiente para ser aquela mulher.

"Eu sei," eu digo a ela com sinceridade. "Mas não é tudo para mim."

"Tente," ela me implora. "Por favor, apenas tente segurá-lo."

Eu engulo meu coração, que viajou todo o caminho até a minha garganta, e apenas aceno. Ela não tem ideia do quanto eu gostaria de poder.




ONTEM À NOITE ela ficou no quarto dela. O que eu não deveria entrar. Sentei-me à porta e ouvi ela chorar baixinho. Não sei quanto mais disso posso suportar.

Meu polegar bate na mesa enquanto olho para a caixa. Ela consertou. Ela fez. Eu não. Ela não perguntou, e ela não sabe o que isso faz comigo. Parte de mim quer arrancá-la. A outra parte está esperando que signifique algo. Algo além do que sou capaz de controlar.

*TOC, TOC*. A batida suave na porta perturba meus pensamentos. É cedo. Eu já me encontrei com Aden e Jase. Sabemos onde estão todos os inimigos e aliados e o que eles estão planejando. Não há nada a fazer senão esperar que Romano deixe Talvery em paz. Ele vai perder homens fazendo isso, mas meu lado perdeu o suficiente. E eu o informei exatamente disso. Suas opções são limitadas.

*TOC, TOC*. Ela bate de novo e eu tenho que limpar minha garganta, sentindo a aspereza na parte de trás enquanto eu me endireito na minha cadeira e peço para ela entrar.

A porta se abre devagar, revelando Aria para mim com o sono ainda em seus olhos. Seu cabelo flui pelas costas nuas em ondas, e a única coisa que ela está vestindo é uma camisola de seda preta e fina com as pérolas brancas cobrindo seus seios. Meu pau instantaneamente endurece quando ela dá um único passo cuidadoso, andando calmamente sobre as pontas dos pés até que ela se vira e fecha a porta com as costas para mim.

"Você parece... de tirar o fôlego," eu digo, as palavras caindo dos meus lábios.

Sua cabeça gira primeiro, trazendo consigo o balanço de seus quadris, o balanço suave de seus cabelos ao redor de seus ombros e aqueles belos olhos que brincam com minhas emoções. Seus lábios se inclinam, puxando em um sorriso feminino enquanto um rubor sobe em seu peito e sobe até a têmpora. Com a cabeça inclinada para baixo, ela me espia através de seus cílios, tirando uma mecha de seu rosto e murmura: "Isso parece apropriado... já que você me deixa sem fôlego."

Ela toma passos deliberados, mas lentos, então eu sei exatamente onde ela está indo enquanto ela dá a volta na mesa. Eu não sei porque eu desligo os monitores, fecho meu laptop e empurro a cadeira para trás, abrindo minhas pernas para que ela possa facilmente subir no meu colo. Enquanto ela se ajusta, sua pequena mão desliza para a minha virilha e um gemido abafado escapa da minha garganta, retumbando meu peito. Os olhos de Aria se iluminam com uma brincadeira, mas também muito mais. Seus olhos sempre me dão mais do que mereço.

"Eu sinto sua falta," ela sussurra enquanto sua bunda pressiona contra o meu pau e ela fica fortemente contra o meu peito. Seu cabelo faz cócegas no meu pescoço até que ela descanse sua bochecha no meu ombro, e preguiçosamente pressiona um pequeno beijo na minha garganta.

Eu tenho um pequeno momento, uma fração de segundo em que me pergunto se isso é real ou um sonho. A tensão se foi, os pensamentos do que virá não existem neste momento. Ela simplesmente me quer e eu sou dela. Enquanto suas unhas correm suavemente pela minha garganta, brincando entre a barba crescida, ela engole em seco e eu tenho que me perguntar se o mesmo pensamento a atingiu quando vejo a dor crescer em sua expressão no reflexo do monitor preto na minha frente.

"Eu não achava que você viria para mim," eu digo a ela em voz baixa, e seguro uma das pérolas de seu colar, rolando-o entre o polegar e o indicador. Ela esfrega contra o meu ombro e sussurra em uma voz sensual: "Eu pensei que você me conhecesse melhor do que isso, Sr. Cross." A risada áspera que eu lhe dou em troca sacode meu peito e junto com ela. Seus seios pressionam contra o meu peito, e eu sinto seus mamilos endurecerem com o leve movimento.

"Eu te amo," ela sussurra e beija meu pescoço de novo, mais suave desta vez, deixando um toque de umidade para trás. "Não há nada que possa me impedir de te amar. Eu tentei. Eu não consigo parar," ela me diz baixinho, levantando a cabeça para me olhar nos olhos.

Em vez de respondê-la, eu coloco sua boceta no meu colo, pressionando meus dedos contra a seda fina que separa minha mão de sua entrada quente. Ela está molhada imediatamente. Molhada e quente pra mim.

Quando ela se levanta para segurar meus ombros instintivamente, eu manobro meus dedos ao redor do tecido e os pressiono dentro dela. Suas costas arqueadas e seus seios se aproximam do meu rosto. Curvo-me apenas o suficiente para beliscar suavemente o bico endurecido de um mamilo através do tecido fino, deixando uma marca em sua camisola.

Ela grita no meu abraço, sacolejando um pouco, mas ela não me solta, ela só se agarra com mais força, suas unhas apertando mais fundo na minha pele através da camisa.

"Eu quero você," eu respiro contra seu pescoço esbelto quando eu empurro meus dedos para dentro e para fora dela, movendo um pouco da umidade para cima e para baixo de sua boceta e depois para o traseiro, em torno de seu buraco apertado. Eu preciso acertar a outra noite e transar com ela do jeito que ela precisa.

"Eu te amo," ela me diz novamente em um gemido estrangulado quando eu desabotoo minhas calças e a reposiciono para me montar.

Mais uma vez eu não digo de volta, e em vez disso, eu bato meus lábios nos dela, pressionando-os o mais profundamente que posso enquanto empurro meu pau dentro dela o mais rápido possível. Com minhas duas mãos em seus ombros, meus antebraços a apoiando, eu a bato, forçando-a a gritar em meu beijo com um êxtase que eu amo dar a ela.

Isso eu posso dar a ela. Tanto quanto ela precisa.

Ela é tão fodidamente apertada. Sentir ela apertar meu pau com cada estocada é algo que eu não mereço.

Suas unhas cravam em meus ombros e ela geme com cada impulso para cima. Os sons suaves são curtos e surgem em suspiros suaves, incitando-me a empurrá-la cada vez mais alto.

O ar está quente, mas minha pele está mais quente quando a sinto apertar em torno de mim. Estou perto, mas não quero gozar. Eu não quero tirar dela mais do que já tenho.

Eu não posso respirar quando eu a empurro com uma necessidade primordial de forçar o prazer a rasgar através dela, mas ela não solta. Ela não está respirando enquanto a cabeça se deita para trás, seus dentes cavando em seu lábio inferior.

Ela está me observando enquanto eu a assisto. Com cada batida dos meus quadris eu quero vê-la acender com prazer implacável, mas ela balança a cabeça suavemente, mal capaz de falar enquanto sussurra: "Não sem você."

Meu aperto na carne de seu quadril aperta, a ameaça de ela se conter, enfurecendo um lado meu. Uma parte da minha alma enterrada no fundo que não quer nada além de lhe dar tudo.

Com a parte de trás do meu braço tocando a mesa, eu limpo um ponto para ela, deixando todo o resto cair no chão para que eu possa movê-la para ficar deitada na mesa. O laptop fica de um lado, mas o telefone, os papéis e o diário com todos os números, meu celular - toda aquela merda bate no chão. Sua bunda está pendurada na mesa e meu pau ainda está enterrado dentro dela.

Eu vou fazê-la gozar. Ela não vai me recusar.

Eu levo um segundo, apenas um único segundo para envolver sua perna mais alta em torno do meu quadril, então eu tenho o ângulo perfeito para me bater profundamente dentro dela até que ela não consiga aguentar mais. Então ela vai quebrar abaixo de mim como eu preciso dela. Mas nesse segundo, os olhos dela se arregalam e ela estende a mão para mim, sua mão agarrando minha camisa e apertando-a enquanto ela se inclina, tirando os ombros da mesa. Enquanto ela engole, vejo o apelo em seus olhos e o quão tenso seu pescoço se torna.

"Por favor," ela me implora enquanto eu me martelo dentro dela, forçando a cabeça a ser jogada para trás enquanto seu pescoço e costas

ameaçam arquear. Mesmo com o meu ritmo implacável, ela grita para eu gozar com ela, para cair do mais alto nível e me perder em pedaços sob o mundo e a realidade que nos atormenta.

"Carter," ela geme meu nome e eu cedo. Eu pego meu ritmo e sinto o formigamento na base da minha espinha. Meus dedos se enrolam e eu os deixo.

Por mais que eu saiba que isso não vai durar, não posso negar. Eu não farei isso. Eu a amo demais, e essa será a minha queda.




É uma mistura dele não dizer que ele me ama, mesmo que eu saiba que ele faz, e do jeito que ele me deixa depois do sexo.

Ele me deixou ofegando e cambaleando em sua mesa, minha camisola rasgada e as pérolas em volta de mim com tanta força que eu senti que elas estavam me segurando. Eu estava uma bagunça, destruída por ele. E ele saiu para se limpar, tomando seu tempo sem mim para juntar suas próprias peças. Cada segundo parecia cru. A cada momento, outro fragmento de realidade se intrometeu no momento.

Isso me lembra do tempo que tivemos em seu banheiro quando percebi que tinha perdido meu aniversário e nunca fui ver minha mãe. Parece que foi há muito tempo quando nós brigamos e fodemos no chão de azulejos. E quando ele ficou de costas para mim e o olhar de arrependimento claramente escrito em seu rosto... Eu nunca esquecerei o que senti. E é exatamente isso que parece agora.

*Segure-se a ele*, uma voz sussurra enquanto as emoções tentam estrangular minha garganta. *Segure-se nele.*

"Estou tentando," eu sussurro.

"O que?" Carter pergunta e eu engulo as palavras secas, apoiando-me em sua mesa, embora eu possa sentir a umidade entre as minhas pernas. Eu tenho que enrolar o fundo da camisola, o pedaço que deve cobrir minhas pernas, e pressioná-lo contra mim para não fazer uma bagunça. Carter só vem me ajudar. E só para me ajudar. No momento em que as solas dos meus pés batem no chão de madeira, ele me solta.

Eu preciso de alguém para me abraçar também. Minha voz é fraca quando eu respondo: "Nada." O momento está quebrado e sinto isso dentro de mim. As bordas afiadas dele cavam no meu peito e deixam o mundo real encontrar o caminho de volta à minha cabeça.

O olhar de Carter é como fogo, queimando no lado do meu rosto quando eu me afasto dele, do jeito que ele fez para mim apenas um momento atrás.

"Eu preciso me trocar." Eu ofereço a desculpa e depois me odeio por isso. Eu odeio que eu possa fingir que estou bem.

Meu cabelo faz cócegas em minhas costas quando me viro para olhar para o homem que amo, o homem cujo amor vai me matar. Com um arrepio percorrendo meus ombros e a frieza de seu escritório substituindo o calor tão necessário que eu senti há um minuto atrás, eu lhe digo a verdade. "Parece que você se arrepende quase toda vez que você me toca agora."

Eu tenho que engolir em seco depois de deixar as palavras saírem. É quase todas as vezes, não é? Cada vez desde no esconderijo... ele nunca gozou, não até agora.

É uma mudança lenta em sua expressão, enquanto a ligeira preocupação se transforma em indiferença. Para a máscara que ele sempre usa. "Você se arrepende disso?" Pergunto-lhe. Antes que ele possa responder, eu tiro mais da verdade crua, dizendo: "Eu não quero me sentir assim depois. Eu não quero sentir..." Eu paro quando a minha mão chega até o meu peito e meus dedos emaranham em torno do fio de pérolas, sem saber quais são as palavras que retratam exatamente o que eu sinto.

Eu sinto que eu o perco mais e mais quando ele faz isso depois. Mas quando estou com ele, verdadeiramente com ele, estou inteira. "Eu quero que você volte." Eu sussurro as palavras em uma voz áspera encharcada de desespero.

"Isso não vai durar." Essas são as únicas palavras que Carter me dá, mas sua expressão diz mais. Seu olhar firme desmente as profundidades ocas de sua dor. Olhando mais de perto, a suavidade em torno de seus olhos mostra o quanto ele está cansado e vulnerável.

É só então que as lágrimas picam, mas ainda assim, eu as seguro. A tristeza não fará nada por nós. Só consome o tempo precioso que nos resta.

"Pare." Eu só posso dar-lhe uma única palavra antes de ter que respirar fundo. Eu posso me sentir quebrando, mas não vou. Ele deve ver isso, mas ele não vem para mim. Ele não tenta me consolar e eu tenho que chegar atrás de mim, segurando a borda da mesa para me segurar.

"Você mesma disse." Carter começa a dar minhas próprias palavras de volta para mim, e eu tenho que desviar o olhar dele, olhando para as janelas enormes, embora eu não veja nada. "Você disse que nunca me perdoaria, e nós dois sabemos que é a verdade e o que eu mereço."

Com meus dedos envolvendo as pérolas, eu falo calma e sem rumo: "Um gesto tão razoável, então, se afastar e não lutar por mim." Na última palavra, me viro para olhar para ele. "Apenas termine então, me mande de volta?"

Embora seja uma falsa ameaça, um arrepio frio sobe pelo meu corpo. Isso retarda tudo - minha respiração, meu pulso.

Um tique na mandíbula de Carter começa a se contrair quando ele se afasta de mim, apoiando os quadris contra a mesa e se apoiando nela, como se fosse olhar em direção às janelas comigo.

"No momento em que ouvi sua voz, soube que uma vez que tivesse você, nunca deixaria você ir." Sua voz é baixa e cheia de consolo. Por dentro, estou me recuperando com a bomba-relógio da verdade que ele não conhece.

"Que momento?" Pergunto-lhe.

Eu não posso olhar para ele, sabendo o que está prestes a derramar dos meus lábios. A revelação que poderia mudar tudo. Se alguma vez houve um tempo para confessar o que eu tenho escondido, é agora, quando não há mais nada para nos manter juntos.

"Quando seu pai me deixou ir. Ele me deixou viver, e é só porque você gritou."

"Não fui eu," eu deixo escapar, e as palavras estão mortas em meus lábios, completamente em desacordo com a emoção dele. Eu tenho que limpar minha garganta e repetir minhas palavras quando ele não diz nada. "Eu nunca bati na porta. Não fui eu."

"Eu ouvi sua voz," Carter começa a falar e até dá um meio passo mais perto de mim, mas eu o interrompo, e olho em seus olhos enquanto confesso.

"Não fui eu. Eu nunca fui para esse lado da casa." Minha cabeça treme quando minha voz fica rouca e eu tenho que parar e engolir. Minha mãe morreu no chão diretamente acima de onde meu pai trabalhava. Eu nunca mais quis voltar para aquele lado da casa depois que aconteceu. "Eu nunca teria dito ao meu pai que precisava dele. Eu nunca teria interrompido o trabalho dele." Meu coração aperta com dor insuportável ao olhar nos olhos de Carter. "Mais do que isso, meu pai não teria parado o que ele estava fazendo por mim," digo-lhe uma verdade que faz com que a pequena parte de mim que ainda anseia mais amor do meu pai torça em dor. "Não fui eu que você ouviu."

"Você está mentindo," fala Carter, mas não há convicção.

"Você sabe que eu não preciso mentir para você." Com uma respiração profunda e depois uma desesperada, eu lhe digo: "Eu te amo, mas se você só me quer aqui porque você queria a garota que salvou sua vida," lágrimas bastardas se juntam em meus olhos, mas eu me recuso a deixar caírem quando eu engulo e continuo, "se você só queria uma garota com quem você sonhou..."

Eu não posso continuar enquanto os olhos de Carter se estreitam para mim e seu aperto aumenta na mesa atrás dele.

"Eu não queria contar a você porque pensei que, se você soubesse, não iria mais me querer." Uma única lágrima cai e eu a ignoro. "Se você só me quer por causa daquela noite, porque você pensou que era eu, então me deixe sair." Quando eu lambo meus lábios secos, sinto o gosto de mais lágrimas. Lágrimas eu me recuso a reconhecer.

"Nunca deveria ser eu," eu sussurro enquanto limpo sob meus olhos em chamas e olho para a estante atrás dele. Seu próprio olhar é ilegível e implacável, a máscara escorregou de volta ao lugar.

"Eu não acredito em você," diz ele e a voz de Carter é baixa e ameaçadora. Com o ar frio pousando na minha pele nua, me sinto mais exposta neste momento do que em tanto tempo. "Eu conheço sua voz. Foi você."

Meu coração pisca quando Carter se move um passo para mais perto, seu olhar me avaliando como quando eu estava na primeira cela.

"Eu não estou mentindo, Carter. Nunca deveria ser eu."

"Eu só não sei porque você está mentindo." Carter continua como se eu não tivesse exposto uma verdade que estraga tudo o que ele pensava sobre mim, todas as peças que ele tanto odiava e amava antes mesmo que ele me visse.

"Pare de me chamar de mentirosa." Uma pequena chama se acende dentro de mim enquanto ele se aproxima, invadindo meu espaço e se elevando sobre mim. Minha voz é firme, beirando com força.

Eu posso sentir meus olhos se estreitando quando ele se aproxima tão perto que eu posso sentir o calor de sua pele. As chamas lambem entre nós enquanto ele sorri para mim, deixando seu olhar vagar para cima e para baixo do meu corpo.

"O que você achou que me dizer iria realizar?" Ele me questiona. É um maldito interrogatório.

Raiva queima no meu sangue. Tenho que respirar fundo para não quebrar.

"Eu queria compartilhar algo com você que mudaria as coisas. Algo que influenciaria a posição de como sempre fomos inimigos e..."

Ele me interrompe e refuta em tom casual: "Mas nossas famílias sempre foram inimigas."

Seu olhar está sempre avaliando. Eu sou a inimiga neste momento. Eu sou uma mentirosa em seus olhos.

"Você é um tolo em pensar que eu mentiria para você." Minha resposta vem com mais dor do que imaginei.

O sorriso que enfeita seus lábios não esconde sua mágoa. "Eu sou?"

"Eu não sou uma mentirosa." Minhas mãos apertam ao meu lado e as emoções que subiam antes de bater em mim de repente, como ondas ásperas na costa. "E isso foi um erro." Eu não sei se eu quero dizer que ele está errado, não fugir quando eu pude... ou me apaixonar por ele para começar. Talvez tudo isso.

"Foi tudo um erro," eu sussurro para mim mesma antes de olhar de volta para Carter. Em uma versão dele que é guardada e impenetrável enquanto tudo que sou é vulnerável a ele. "Eu sei disso agora." A conclusão é sóbria.

Eu encontro seu olhar quando digo a ele: "Eu não sou quem você pensa que sou. Eu sou Aria Talvery e isso nunca deveria acontecer."

Com uma das palmas das mãos apoiada na mesa, ele abaixa o olhar até que estamos olhos nos olhos e seus lábios estão próximos dos meus. Tão perto, e esse lado de mim que não quer nada mais do que o seu afeto me implora para levá-los eu mesma e silenciar quaisquer palavras que ele se atreve a falar. Mas eu não faço.

"Você pode ser uma Talvery, mas você está no território errado, pequeno passarinho." Se afastando um pouco, ele procura algo na minha expressão antes de acrescentar: "E mesmo que você me odeie, eu não vou deixar você ir."




*Não era ela?*

Porra não era ela.

É tudo em que consigo pensar enquanto a conduzo de volta ao quarto. Os sons dos nossos passos são pesados, mas não tão pesados quanto o bater do meu pulso.

Eu sei naquela noite, eu conheço a voz dela. Naquela noite, esse momento até mudou minha vida para sempre. Eu conheço todos os detalhes. A cadência de suas palavras. Eu sonhei com elas e fui consumido por aquele momento por anos.

A porta do quarto se fecha com um estalo estridente quando eu ando até a cômoda, onde um novo copo e uma garrafa de uísque me esperam.

Eu faço os movimentos, mal a ouço se despir e me movo pelas gavetas enquanto tento me acalmar.

É uma tarefa impossível. A cada segundo, a raiva aumenta.

Como ela se atreve a mentir para mim? Como ela se atreve a me olhar nos olhos e negar algo que me levou a um caminho de violência e auto-ódio. Como se atreve a fazer isso e ainda afirma me amar.

Eu nunca odiei como ela é capaz de me afetar mais do que neste momento.

Eu nunca vou dizer a ela o quanto dói ouvi-la negar isso. Eu me recuso a deixá-la saber. Eu serei amaldiçoado se eu lhe der essa verdade e esse poder.

Enquanto respiro, o líquido âmbar flui entre os cubos de gelo. Meu aperto no copo está solto quando eu agito, mas não adianta. Eu não tenho apetite por bebida hoje à noite.

Eu quero puní-la. É tudo em que consigo pensar.

Eu lidei com tudo errado porque eu a subestimei, mas agora que ela mostrou suas cartas e revelou o quão baixo ela está disposta a ir, eu não vou cometer esse erro novamente.

Ela estava certa. Eu deveria ter cortado suas asas.

"Eu não sei porque você não pode acreditar em mim," Aria fala suavemente, tão suavemente o farfalhar das cobertas quase abafa suas palavras enquanto ela sobe na cama. Olhando por cima do meu ombro, vejo quando ela as puxa para mais perto de sua garganta e olha para mim do jeito que ela sempre deveria, como se eu fosse o inimigo.

Eu mordo minha língua para não responder enquanto respiro pelo nariz pesadamente. Eu não sei porque ela mentiria sobre isso. Que motivo está por trás de suas mentiras?

Meus ombros ficam tensos quando me inclino para pegar o que está dentro da gaveta de cima da minha penteadeira. O som da abertura é sinistro. O metal está frio na minha mão enquanto as algemas tilintam juntas. Enquanto eu ando até ela, penso em como algemá-la, mas o pensamento de tocá-la agora é perigoso. Tão, caralho, perigoso.

Ela lança um feitiço sobre mim toda vez que minha pele a toca. Eu não posso arriscar.

Eu as atiro na cama quando o pensamento me atinge. "Algeme sua mão esquerda na cabeceira da cama," eu comando-a enquanto eu arrasto a cadeira no canto da sala em direção à cama, mais perto dela.

De costas para ela, me pergunto se ela me obedecerá até que o estalo revelador do fechamento ecoa no quarto.

Só então respiro e afundo na cadeira. Eu tenho ela e ela não vai a lugar algum.

A luz da lua brilha em sua pele macia de um jeito que faz meu peito doer. Ela é linda pra caralho. Ela afasta as madeixas de castanho do rosto e olha para mim com expectativa antes de descansar contra a cabeceira da cama.

"Você só vai me manter aqui até a guerra acabar e eu te odiar para sempre?" Ela pergunta quando eu não falo nada. Sua voz é plana, mas ela não consegue esconder a dor em seus olhos. Ela não pode esconder isso de mim. Não quando eu vi a agonia crua que a cela lhe trouxe, o tormento que matar Stephan lhe deu, e a tristeza de me amar tem manchado aqueles lindos olhos cor de avelã.

"Isso não é uma má ideia," comentei, não escondendo o esgotamento da minha voz.

O bufar que sai de seus lábios é sem humor. Ela tenta se sentir confortável, mas está algemada demais no posto. O manguito fica entre o meio e o topo, em vez de no fundo. Ela pode alcançar a mesa de cabeceira, onde uma garrafa de vinho e uma taça que foi colocada antes, junto com seu celular. Pelo menos ela pode alcançá-los, mas nada mais está à sua disposição.

Agitação rapidamente mostra em seus lábios franzidos enquanto ela adere um travesseiro debaixo do braço. Deixando escapar um suspiro, eu me inclino para frente, descansando meus cotovelos sobre os joelhos e olhando para baixo. Espero que ela olhe para mim e pergunto: "Por que mentir?"

O fogo arde em seu olhar enquanto ela empurra as palavras: "Não era eu."

*Tick, tick.* Não é o relógio, é a batida constante do meu coração, no limite e querendo saber por que ela tentou me machucar como ela fez.

"Eu tenho todo o tempo do mundo," digo a ela e me inclino para trás. Enquanto engulo, percebo o quanto isso me mata, a própria ideia de que era outra pessoa. "Foi você," eu digo, endurecendo a minha voz, recusando-me a entreter o pensamento de que a voz que me salvou pertencia a outra. Eu sei que foi Aria. No fundo dos meus ossos, eu sei que era ela.

"Sinto muito, Carter." O sussurro de Aria está doendo. Ela se aproxima de mim na cama e eu vejo quando a algema a mantém longe de mim. Porra, eu estou em um maldito naufrágio e ela pode ver.

Ela sempre podia me ver. Algo sobre ela simplesmente sabe quem eu sou. Sua alma conhece a minha.

"Eu não queria contar a você," ela sussurra e sou levado de volta para aquela noite, para a dor, para o desespero de morrer.

"Eu queria morrer e você me salvou," digo a ela, sabendo o quanto é verdade. Foi a voz dela que me chamou quando senti a mão fria da morte me puxar para mais perto do chão. Não para uma luz branca e salvação, mas para o chão sujo de concreto. E eu orei para que isso acontecesse. Eu cobicei nada menos que a morte para vir até mim e tirar a dor. A tortura que sofri destruiu qualquer chance de paz e felicidade que um garoto como eu poderia ter.

"Sinto muito," é novamente tudo o que ela pode dizer como poços de emoção no meu peito e, em seguida, mais alto, na minha garganta.

"Você não sente," eu falo com os dentes cerrados e me agarro ao fato de que ela está mentindo. Eu conheço a voz que me salvou. "Você é uma mentirosa."

Enquanto Aria tenta enxugar as lágrimas que escorreram pelas bochechas coradas, ela levanta a mão esquerda, apenas para segurá-la em punho.

"E você vai ficar aí até eu terminar o que tenho que fazer." De pé abruptamente, vejo seus olhos se arregalarem. "Você pode ficar aí. Aí onde você pertence." Minhas palavras são vazias, mas a ameaça é real. Eu não vou desistir dela tão facilmente. Se ela pensasse que mentir para mim lhe daria liberdade, ela pensou errado.

"Carter," Aria chama e se move na cama, os lençóis caem ao redor de seu corpo em uma poça bagunçada, mas o braço esquerdo está preso atrás dela. A frustração se junta ao desespero em seus olhos.

Sua mão direita se move para a esquerda, como se pudesse soltá-la enquanto eu ando até a porta. "Carter!" Ela grita meu nome para que eu pare quando estou na porta. Eu olho de volta para o meu passarinho,

nua de joelhos na minha cama, e acorrentada a ela de bom grado. Uma marca rosa fosca ainda mostra em seu seio de onde eu a toquei anteriormente, logo abaixo das pérolas que balançam levemente a sua frente. Ela é uma linda visão do caralho. Linda, mas miserável com tristeza.

"Não me deixe aqui," ela exige, como se pudesse, e depois engole visivelmente.

"Você não está em condições de dar os comandos," é tudo que eu dou a ela. Eu só sou capaz de dar um meio passo para fora da sala antes que o som estalado de vidro à minha direita seja acompanhado de umidade ao longo do lado direito da minha bochecha, meu queixo, meu pescoço e minha camisa. O líquido vermelho escuro penetra na minha camisa branca e eu olho para as manchas, observando-as se espalharem pelo tecido antes de olhar de volta para Aria. A garrafa rachada está em pedaços aos meus pés, e há um pequeno arranhão no drywall. Está cercado por manchas de vinho que estão caindo no chão.

Meu coração dispara no meu peito pelo choque, mas também pela raiva.

"Agora você não pode se esconder no fundo dela." Minhas palavras são cuspidas com veneno enquanto o controle escapa de mim.

"Foda-se você! Te odeio!"

Ela grita como se ela realmente quisesse dizer isso. Como se o ódio dela fosse a única coisa que a mantém viva, e eu sei que é. Eu estive lá. Eu a odiava antes mesmo de ela saber meu nome.

"Eu sei que você faz. Eu sei que você me odeia. Não muda que você é minha." Eu não posso esconder a falta de controle, o desenrolar da compostura enquanto eu a observo, observando seu peito subir e descer com a respiração caótica.

"Eu não vou deixar você fazer isso comigo," ela fala com convicção e a risada seca que sai dos meus lábios é escura e genuína quando eu aperto a maçaneta da porta para não me aproximar dela.

"Foda-se você!" Ela zomba quando ela tira o braço da cabeceira da cama. Não puxando, mas puxando seu pulso contra o punho. A dor ecoa

em seu rosto e no grito que rasga sua garganta. Meu coração bate no meu peito enquanto a vejo fazer isso de novo. E de novo. Minha temperatura corporal cai e, por um segundo, não acredito. Ela arranca seu corpo até que um grito horrível vem de seus lábios. As lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto o braço dela fica mole, e o pulso dela, ainda algemado, está vermelho e cru com cortes do metal.

"Foda-se," ela chora, suas palavras baixas e cheias de sofrimento. Ela rasga o braço novamente, embora desta vez ela só possa usar o peso de seu corpo e a ação é feita sem convicção.

Porra.

Eu sou muito fraco pra ela. Sua agonia destrói qualquer pensamento racional que eu tenha. Não consigo chegar rápido a ela, embora não esteja pensando logicamente e não tenha a chave. Em uma tentativa de ajudar, aperto-a tão gentilmente quanto posso para empurrá-la contra a cabeceira da cama para soltar a tensão da algema, mas o ódio de Aria é mais forte que sua razão.

Mesmo com um ombro deslocado, ela me empurra com a mão ilesa. "Fique longe," ela grita para mim com lágrimas ainda caindo livremente. "Sai!" É só quando ela tenta me empurrar de novo que seu corpo se recusa a obedecer e ela agarra seu ombro.

"Aria," eu começo a dizer, pronta para implorar a ela que seja razoável e me deixe ajudar.

"Eu quis dizer isso, eu te odeio!" Sua confissão é sóbria. Seu rosto está vermelho enquanto ela engole a dor e me olha diretamente nos olhos. "Você queria que eu fosse assim? Para me acorrentar e me fazer pagar? Você não pode voltar. Essa é a sua coisa, certo?" Ela faz uma pausa por um momento para respirar e, em seguida, recua contra a cabeceira da cama, segurando em seu ombro e fungando. "Bem, você não pode voltar." Sua respiração é instável e ela fala mais suave. "Você fez isso. Você me fez odiar você." Seu rosto se encolhe com as últimas confissões. "Isso é o que você queria, e agora você conseguiu."

A dor está entorpecida. Leva um minuto e depois outro para eu recuperar a chave para soltá-la. Ela não olha para mim enquanto eu coloco seu ombro de volta no lugar.

E quando ela soluça, eu quero nada mais do que segurá-la, mas ela me empurra para longe e deita de lado, de costas para mim e seu ombro machucado no ar.

Eu nunca me machuquei tanto na minha vida.

Eu lembro de tudo daquela noite anos atrás. E mesmo essa dor não se compara a isso.

***

O UÍSQUE É MAIS DO que tentador desta vez e desce fácil.

Cada copo é mais fácil que o anterior, e cada um traz a imagem do nosso passado para mim da mesma forma que Aria pinta. Cada momento parece feito de belas pinceladas em sua tela. Ela poderia pintar um passado doloroso, mas fazer você desejar tocá-lo com a maneira magistral com que seu pincel se move quando está criando arte.

Por mais tempo, tudo que vejo são os momentos que tivemos juntos.

O próximo copo ressalta meu ciúme. E o pensamento de mandar para Nikolai um vídeo de mim transando com Aria e mostrando o quanto ela ama.

Ela traz um lado possessivo de mim que eu nunca conheci. Ela me faz perder o controle. Ela estraga tudo, mas ela é a razão para tudo isso.

Ela é minha.

Essa é a única coisa que importa.

Eu nunca faria isso. Eu nunca deixaria um homem como Nikolai vê-la gozar. Ele teve uma chance com ela, e ele perdeu. Eu me recuso a perdê-la como ele. Eu não vou deixar isso acontecer.

Ao pensar, o copo bate na mesa. Por um momento, acho que o quebrei.

Eu não quebrei, mas o uísque está zumbindo em minhas veias e sabendo disso, empurro o copo para longe de mim.

Eu me ajoelho, sentindo tontura quando eu pego toda a merda que eu joguei da minha mesa mais cedo para que eu pudesse tê-la. Colocando os últimos itens onde eles pertencem, deixei minha mão descansar onde a parte inferior de suas costas descansava apenas algumas horas atrás. O castanho rígido é muito frio e nada como o seu calor.

Meu olhar cai para as fotos polaroid que estão sobre uma pilha de papéis. Fotos que eu trouxe dias atrás para mostrar à Aria. Fotos da casa que ela diz ser tão familiar. E uma delas tem meu pai e minha mãe na varanda.

Ele a amava. Qualquer um que olhasse para eles poderia ver. Meu pai a amava com tudo o que ele tinha.

Quando ela morreu lentamente, ele morreu com ela.

Eu nunca aprendi a amar, só como sobreviver.

Talvez seja isso que Aria está fazendo. Pensar no passado me faz pegar o copo de novo. O líquido queima enquanto engulo mais em grandes goles e lembro como ela se deitou no sofá no canto do meu escritório pela primeira vez.

Ela estava tão cansada, mas bem alimentada e bem fodida. Os efeitos do que eu fiz para ela ainda eram evidentes. Sua pele não tinha cor e suas costelas ainda perfuravam sua carne.

Eu fiz isso com ela. Eu coloquei ela nessa posição para simplesmente sobreviver.

Naquele dia, ela se deitou no sofá, ela dormiu e desligou. Cada vez que ela acordou assustada e aterrorizada, fui até ela. Eu a acalmei. Eu levei seus pesadelos embora.

Lágrimas caem na parte de trás dos meus olhos enquanto eu me esforço para respirar. Sim, eu a machuquei, mas tirei tudo. Toda a dor, todo o medo.

Achei que contava mais do que isso.

Enquanto ela dormia naquele primeiro dia, eu não podia fazer nada, além de observá-la e cada pequeno movimento de seu corpo. Eu me lembro de cada centímetro do seu corpo. Eu nunca me senti tão mal por quem eu era naquela época.

Mas eu tentei levar tudo embora.

Meus cotovelos batem mais forte do que eu queria na escrivaninha enquanto descanso minha testa em minhas mãos e deixo escapar um suspiro pesado, sobrecarregado por todos os pecados que cometi contra Aria Talvery.

É muito. Esta noite tem sido demais.

Eu procuro a gaveta superior direita para o pequeno frasco de comprimidos, mas não o encontro. Os papéis estão espalhados quando termino, mas não me importo. Quando eu o fecho, o que está embaixo se abre e eu o puxo entreaberto para encontrar o que estou procurando bem no topo.

Eu sei que o licor vai me anestesiar o suficiente para dormir, mas eu nunca durmo muito e esta noite eu preciso disso. Com um frasco cheio, eu engulo tudo e quando um momento passa e o sono não vem, eu pego outro frasco e tomo mais da droga.

Minhas pernas estão pesadas quando me movo para o sofá em que ela dormiu e deito em seu lugar.

Eu não sei se eu levaria tudo de volta. Eu não sei como posso tê-la. Tudo o que eu queria era ela e ainda quero. Eu não posso evitar. Tudo que eu quero é que Aria seja minha.

*Eu ouço sua respiração trêmula primeiro. E quando eu levanto o meu olhar do chão embaixo da mesa para suas bochechas coradas e depois para aqueles lindos olhos, sinto um peso sendo levantado de mim.*

*Como a dor não existe mais. Porque ela está rastejando para mim. Ela vem para mim Meu passarinho.*

*"Você ainda está com raiva?" Eu pergunto e minha voz parece áspera, como se não fosse usada há muito tempo. Eu posso sentir minha testa apertar em confusão com o pensamento, e é então que eu percebo que estou com frio. Tão frio.*

*Nada disso importa quando Aria balança a cabeça. O cabelo bagunçado em volta do rosto me faz saber que ela está dormindo aqui nesta sala. Ela estava esperando que eu acordasse.*

*"Eu não estou brava." Sua voz é suave quando ela me alcança, mas as lágrimas não param. Meus dedos se espalham em seus cabelos enquanto eu coloco minha mão atrás de sua cabeça e a puxo para mais perto de mim. Eu nem lembro qual foi a briga quando a toquei. Nada mais importa quando eu a toco. Ela se agarra a mim, suas mãos em minhas coxas enquanto ela levanta os lábios e me beija.*

*Com seus lábios nos meus, tudo parece certo de novo e a dor não existe. Não até sentir a umidade de suas lágrimas no meu rosto e ela estremece ao meu alcance, afastando-se para sussurrar: "Por favor, me perdoe."*

*Leva-me um momento, a neblina do uísque entorpecendo meus pensamentos enquanto luto para me lembrar desta noite. Como ela mentiu, como ela disse que não era ela.*

*"Por que você mentiu?" Eu pergunto a ela, mas ela não responde. Ela só pede que eu a perdoe.*

*Sua voz é miserável quando ela diz: "Você nunca me disse que você fez e depois de tanto tempo... por favor, Carter. Por favor me perdoe."*

*Minha cabeça bate com uma dor que vem de beber demais e leva um minuto para registrar o que ela disse. Pergunto a ela: "O que você quer dizer com 'depois de tanto tempo?'"*

*Ela se sente tão bem em meus braços, e nenhum de nós está disposto a deixar ir, mas eu me sinto tão tonto. Tão frio e confuso. A sala se inclina de repente. "Foda-se," eu digo, a palavra esticada no ar e a sala se inclina novamente, como se estivesse tentando me fazer cair.*

*"Faz tanto tempo desde que eu vi você," Aria diz-me quando ela toca as pontas dos dedos no meu rosto sempre tão gentilmente. Ela funga e acrescenta: "Desde que eu comecei a falar com você."*

*"Eu acabei de ver você." É tudo que consigo dizer, mas Aria parece não me ouvir.*

*"Eu te amo tanto," diz ela, e seu lábio inferior balança quando seus olhos encontram os meus. "Por favor, me diga que você me perdoa. Eu preciso disso, Carter." Ela puxa a minha mão, segurando-a entre as suas e segurando minha mão no peito.*

*"Pare de chorar," digo a ela, tentando respirar, mas sentindo o ar ficar mais rarefeito. É como se eu estivesse sufocando. Algo está errado.*

*Não quero tirar minha mão dela, mas preciso pegar meu colarinho. Eu não posso respirar. É então, quando penso em mover minha mão, que sinto o frio dela contra meus dedos. E como ainda está no peito dela. E quão pálida ela está.*

*"Aria." O nome dela é sussurrado, mas não sei se já disse isso. O frio se infiltra no meu sangue. Ela não está respirando.*

*"Carter, não." Não, ela me diz como se soubesse o que estou pensando. "Era para terminar assim. Eu nunca poderia estar no meio da guerra. Eu sempre seria a única a morrer."*

*O que ela está falando? Não! Eu grito, mas não há som que escapa da minha boca. A sala está em silêncio, fora seu pedido para mim. "Está tudo bem. Quando acontecer... eu estarei bem morrendo por você. Eu só preciso que você me perdoe, por favor. Perdoe-me e ame-me, como eu te amo. Eu vou te amar para sempre."*

*A alfinetada na parte de trás do meu pescoço flui para baixo em cada centímetro da minha pele. A sala escurece e eu ainda não consigo respirar. Não consigo pensar. Ela não pode estar morta. "Aria!" Eu grito de novo, mas é silencioso.*

*"Não temos muito tempo. Por favor, por favor, Carter. Me perdoe." Seus olhos procuram os meus enquanto eu grito e é então que ela vê minha boca se movendo, mas não há som.*

*Ela grita algo para mim enquanto a distância entre nós se estende, mas sua voz se foi.*

*"Aria!" Eu grito seu nome, procurando por ela e segurando suas mãos frias com toda a força que eu tenho."Não me deixe! Eu perdoo você!" Eu rezo para que ela me ouça, mas tudo que ela faz é chorar enquanto a escuridão invade todos os sentidos que eu tenho.*

O SUSPIRO que preenche meu peito envia uma dor nas minhas costas e eu caio do sofá para o chão duro do escritório. Estou suando e meu coração está batendo descontroladamente no meu peito.

Meu cotovelo raspa contra o chão enquanto eu me esforço para me levantar rápido o suficiente.

"Aria!" Eu grito, mesmo que não tenha como ela me ouvir. "Aria!" É tudo o que posso dizer enquanto corro para ela, para o meu quarto e abro a porta para encontrar sua pequena forma na cama. Não é o suficiente. Eu não posso engolir, não posso respirar, não posso fazer nada até puxar as cobertas para trás e ver seu peito subir e descer. Ela geme um pequeno protesto em seu sono do frio, mas mesmo assim, eu coloco minha mão contra seu peito, exatamente onde estava momentos atrás, mas há calor e a batida constante de seu coração.

Há um nó sufocante na minha garganta ao vê-la. Ainda viva e ainda aqui comigo. Eu caio de joelhos ao lado dela antes de cobri-la com os lençóis novamente.

Ela não se agita por causa do sono, e uma olhada na mesinha de cabeceira revela uma garrafa de analgésicos que ela deve ter encontrado no banheiro. Faz sentido, dado o braço dela. Ela desmaiou depois de tomar os dois últimos comprimidos que eu tinha. Mas ela está aqui e está viva.

Foi apenas um sonho. Mas parecia tão real. Eu me esforço para respirar no chão ao lado dela e, pior ainda, eu luto para tirar a visão dela da minha cabeça.

Eu não vou dormir até que isso acabe.

Eu nunca me odiei mais. Eu não me importo se ela mentiu. Eu não me importo se essas palavras não vieram dela. Eu nunca amei nada nem ninguém nesta vida como eu a amo, a Aria que conheço, a mulher que eu conheço me ama em troca. A garota que eu peguei e quebrei, então coloquei as peças lascadas de volta o melhor que pude.

Eu não vou deixar ela morrer.

Aria Talvery, meu passarinho, não pode morrer.




Há muita dor quando acordo, sinto-me doente. Literalmente doente do meu estômago quando eu rolo para o lado errado, meu lado esquerdo, e uma dor gritante atira nas minhas costas e, em seguida, viaja até a minha frente.

Cerrando meus dentes, meus olhos se arregalam quando eu acordo no fim da manhã e luto para não vomitar.

Eu gostaria de poder dizer que estava bêbada quando perdi minha merda na noite passada. Isso é exatamente o que eu fiz. Eu perdi toda a compostura quando se trata deste homem.

Levei muito tempo, mais do que deveria, para perceber que estou sozinha no quarto. Eu esperava vê-lo na cadeira me observando ou na cama. Não tenho certeza porque eu esperava. Eu não deveria. Ele nunca está aqui de manhã. Mas nunca estivemos assim antes. Tão quebrados e cada um de nós machucando o outro.

Nós não estamos jogando pedras, estamos derrubando pedregulhos sobre um penhasco íngreme enquanto o outro está indefeso lá embaixo.

Eu escolhi ele. Eu queria estar com ele, e ele está escolhendo me fazer sentir tão sozinha. O lençol de cima fino se acumula em minhas mãos enquanto os punhos se formam e eu luto para conter a dor de tudo.

Acordar sozinha dói mais do que nunca. Eu não quero mais ficar sozinha. Eu não quero estar sofrendo. Eu não quero ser a causa da dor de Carter também. E eu acho que é tudo que eu sempre serei. Depois da

noite passada, eu não sei como eu poderia ser qualquer coisa além de um doloroso lembrete para ele.

Segurando meu ombro dolorido, sento-me na cama e deixo minhas pernas penduradas para o lado enquanto testo meu braço. Dói como uma cadela, mas é minha culpa. Os cortes profundos no meu pulso são piores.

O chão está frio sob meus pés descalços enquanto eu faço o meu caminho para o banheiro em busca de mais analgésicos e algo que eu possa usar para limpar os cortes. Eu também não encontro, mas me preparo, pensando no banheiro localizado fora do foyer. Aposto que há alguns lá.

Enquanto escovo os dentes, olho para mim mesma no espelho. Quando eu escovo meu cabelo, meu reflexo faz o mesmo, observando a mulher que eu sou. Não há um pingo de felicidade. Não há nada além de escuridão.

Eu li em algum artigo um tempo atrás, que os animais de estimação começam a se parecer com seus donos porque eles aprendem a imitar suas expressões faciais. É o mesmo com crianças adotadas que se parecem com pais que não são biológicos. Quanto mais tempo você passa com alguém, mais você herda seus trejeitos.

E enquanto eu olho para mim, tudo que vejo é a escuridão que é Carter. A dor fermentada no fundo. Isso me habita de uma maneira que eu não tinha visto antes.

O cômodo está em silêncio quando eu desligo a água e cuidadosamente coloco minha escova no balcão de granito.

Nada disso pertence a mim. Nada disso é meu.

Cada peça era um presente, itens de conforto destinados a me aplacar. Com um passo para trás, é difícil de engolir. Com uma espiada no espelho, é difícil resistir à visão.

Nunca foi mais claro para mim de que preciso sair neste momento. Carter Cross é uma droga que eu nunca vou largar. Uma droga que se infiltrou em minhas veias e envolveu cada pequeno pedaço de mim.

Estou viciada no que ele faz comigo e ele continuará me machucando. Ele sabe o quanto ele me machuca, assim como eu, e ainda assim estou aqui.

Quando viro as costas, parece que tem alguém atrás de mim. A garota no espelho, talvez. Ela está me observando e isso envia arrepios no pescoço enquanto eu lentamente saio do banheiro, com muito frio e perturbada para ousar fechar a porta.

Mesmo enquanto me visto, devagar e com dor cada vez que tenho que mover meu ombro esquerdo, olho para o banheiro como se em algum lugar no fundo, uma parte de mim estivesse esperando que uma pessoa o deixasse.

Eu não posso me livrar desse sentimento. Não até eu sair do quarto. Pelo menos por um momento.

Sinto-me vazia demais enquanto caminho sozinha até o banheiro do foyer. Eu estou oca por dentro com a verdade miserável tão clara em minha mente.

Deixar alguém que te machuca não deveria te fazer sentir assim. Como se você estivesse perdendo uma parte da sua alma. Como se dentro houvesse uma fissura que está se expandindo e, ao fazê-lo, está prejudicando o que quer que seja que faça uma pessoa viva. O que quer que me faça sentir que estou sendo marcada com cada passo que dou.

Porque quanto mais eu chego à porta da frente, mais eu quero sair e nunca mais olhar para trás.

Eu nunca poderia, nem por um segundo, olhar para trás. Eu já posso imaginar seu rosto e o jeito que ele olharia para mim se eu o deixasse.

Eu posso *sentir* sua dor.

Ao virar no corredor, tenho o cuidado de conter minhas emoções para não desmoronar novamente.

Com uma rápida lufada de ar, endureço o momento em que olho para a frente, diretamente para a porta aberta do banheiro.

Até meu coração se cala, não querendo que eu seja ouvida ou vista.

Addison não me vê quando ela puxa o cabelo em um rabo de cavalo. Ela está em sua cabeça, eu sei que ela está. Eu praticamente posso ver as rodas girando enquanto ela caminha pelo corredor direito, passando pelo banheiro.

É só quando ela está fora de vista que eu ouso respirar.

Eu ainda não me movo. Meus membros não permitem isso.

Como eu deixei minha vida chegar a isso? Onde tenho medo de ver a única amiga com quem consigo interagir porque... por quê? Porque eu tenho vergonha, e medo, e tristeza com quem eu sou e as escolhas que eu fiz, e eu não posso dizer nada disso... porque ela está do lado do inimigo.

Aquela fissura profunda dentro de mim, a única destruindo tudo em seu caminho, me rasga largamente quando eu ando o mais silenciosamente possível até o pequeno lavabo e fecho a porta.

O clique soa como a coisa mais alta que eu já ouvi quando me sento no banheiro e cubro meu rosto com as mãos.

Eu me sinto quente e imediatamente eu tenho o desejo de vomitar novamente quando eu alcanço e meu ombro envia um raio de dor nas minhas costas. *Porra!*

Eu mordo o interior da minha bochecha com tanta força que posso sentir o gosto metálico do sangue. Valeu a pena não gritar. Ainda assim, quero gritar tanto. Eu quero tirar tudo isso de mim.

Eu sou mais forte do que isso, mas parece que há algo dentro de mim que está desmoronando de um jeito onde eu sei que nunca será completo novamente.

Há uma parte em uma das minhas histórias favoritas de *Alice no País das Maravilhas*, que tem algo a ver com isso, não adianta voltar para ontem, você é uma pessoa diferente do que você era na época.

Eu odeio essa parte agora. Eu costumava adorá-la. Eu poderia ter vivido por esse sentimento, sentindo-me com propósito e realizada. Agora

mesmo? A própria ideia dessa citação me obriga a pular do assento do vaso sanitário para que eu possa jogar o pouco que tenho dentro de mim dentro do vaso.

É nojento. O gosto, o cheiro, a sensação de queimação. E quando termino, enquanto lavo a boca com a água corrente, não me sinto melhor.

Respirações profundas me fazem limpar tudo. É quando eu estou procurando debaixo da pia por uma toalha de mão nova para substituir a que eu usei para limpar minha boca que eu vejo a caixa de testes de gravidez.

*Addison.*

"Oh meu Deus." As palavras me deixam em um sussurro e pela primeira vez esta manhã eu sorrio. É apenas uma sugestão de um, mas agora eu tenho uma luz que está crescendo, se fraca. Ela está grávida. Eu caio de bunda e me inclino contra a parede enquanto seguro a caixa de testes de gravidez e me pergunto o que ela está sentindo e pensando. Ela vai ter um bebê. E que mãe maravilhosa ela será. Eu sei que ela vai.

A luz dentro de mim desaparece rapidamente quando percebo que ela não me contou. Mas talvez não haja nada para contar. Eu puxo a embalagem grossa amarrotada do teste na minha mão e penso no meu último período... antes de tudo isso começar.

Os dias se desvaneceram e com a injeção que Carter me deu, nunca considerei qualquer outra razão para não ter menstruado.

Estou constantemente cansada, irritada e emotiva, e agora doente. Doente no meu estômago. Mas doente e cansada também descreveria alguém na minha situação. Ainda assim, uma onda aquecida de ansiedade rola através de mim até que eu me movo para fazer o teste.

*Tic-tac.*

*Tic-tac.*

O tempo passa e meus pensamentos correm soltos.

*Tic-tac.*

*Tic-tac.*

O tempo passa à medida que o tumulto e a náusea diminuem, deixando uma poeira se acomodar e uma imagem clara se formar.

*Tic-tac.*

*Tic-tac.*

Eu não sei quanto tempo eu sento lá segurando a caixa.

Ou quanto tempo eu me pergunto se é inútil. Se tudo isso é inútil.

Eu não preciso de uma amiga. Eu não preciso de alguém para me amar também.

Eu preciso dar o fora daqui.




EU NÃO CONSIGO parar de ouvir o som dela implorando para que eu a perdoe da minha cabeça. As palavras estão gravadas dentro de mim, ricocheteando pelas paredes de todos os quartos em que entro.

Exatamente como suas palavras anos atrás me seguiram, mas esses argumentos estão assombrando de uma maneira que eu nunca senti.

Foi muito real.

Mesmo que eu esteja na minha cadeira, esperando meus irmãos, não consigo parar de olhar para onde ela estava na noite passada. Eu ainda estou olhando para o local quando a porta se abre e é quando eu olho para o monitor, esperando ver Aria dormindo, mas ela já está de pé e se vestindo.

Não sei quem entrou, mas começo a falar mesmo assim. "Precisamos chamar o médico." Eu deixo o ar em meus pulmões me deixar antes de ver Jase e Declan entrarem e cada um se sentar. Jase se senta com facilidade na cadeira em frente à mesa à direita. Declan deixa a da esquerda, presumivelmente para Sebastian ou Daniel.

Sebastian entrou na noite passada em sua casa, onde dormiu, indo contra o que eu recomendei, e está a caminho daqui agora. Eu preciso dele aqui. Preciso que meu amigo me ajude a descobrir o que há de errado comigo.

Declan se inclina contra a estante, colocando o celular no bolso e deixando a cabeça cair contra a ripa de madeira para me perguntar: "Médico?"

Sua testa está apertada e eu levo um momento para realmente olhar para ele. Ele envelheceu tanto nos últimos anos.

Eu posso ouvir os passos pesados de Daniel soando pelo corredor enquanto eu aceno para Declan, sentindo minha garganta ficando mais apertada, embora eu tente relaxar e me inclinar para trás em minha cadeira. "Aria machucou seu ombro na noite passada."

A dor no meu peito irradia. "A noite passada foi difícil." Eu não posso olhar meus irmãos nos olhos, e Daniel entra logo em seguida. A porta se fecha calmamente enquanto eu espio de volta para o sofá que dormi na noite passada e depois para Daniel, que pede tempo.

"Nós temos seis minutos," Jase responde e rapidamente volta para mim e meus pensamentos perdidos. "O que ela fez?" Ele me pergunta.

A vergonha é amarga. Tem um gosto tão amargo.

"Ela está bem?" Declan pergunta, e Daniel é rápido para perguntar o que há de errado enquanto ele toma o assento da esquerda em frente à minha mesa.

"Aria machucou seu ombro ontem à noite, é tudo. Ela está bem," eu digo. É uma mentira e com o silêncio da sala, meus irmãos também sabem disso. Eu não posso dizer a eles o que aconteceu. Eu mal posso ficar me olhando, sabendo o que aconteceu na noite passada.

"Cinco minutos," Jase quebra o silêncio, levantando o braço para verificar o relógio. A luz cintila no metal brilhante e eu agradeço a distração. Eu gostaria de não ter mencionado nada, mas não estou acostumado a esconder nada dos meus irmãos.

"Quando terminarmos, eu vou lidar com isso, mas esta ligação, esperançosamente, nos dará algo."

"Só para você saber, demos a última caixa de armas ao Romano e retiramos todas as pessoas."

"Então eles têm tudo o que eles queriam?" Daniel esclarece com Jase as novidades, e Jase assente.

Já nos envolvemos bastante e Talvery não tem mais homens para nos ameaçar.

"Bom," Declan observa: "Deixe os dois se matarem."

Meu aperto no couro macio do braço aumenta enquanto olho para Jase e digo a ele: "Tudo que eu quero é mantê-los todos longe daqui." Ele acena com facilidade no início, em completo acordo, mas quando ele olha para mim, sua expressão se torna mais séria. "Ninguém chega perto," eu digo, e minha voz endurece, pensando em manter Aria segura. Eu não vou deixar ela morrer.

"É claro," Jase me diz, seu olhar procurando no meu rosto pelo que mudou desde a última vez que falei com ele ontem sobre trazer todo mundo. Eu sei que ainda estou abalado e disperso, eu sei que Jase pode dizer algo fora da linha.

Sou salvo de sua inquisição quando a porta se abre e Sebastian entra. Seu cabelo está mais comprido, sua barba agora é curta e bem aparada. Seus olhos envelheceram, mas o homem que uma vez conheci como um irmão entra no escritório e posso sentir a tensão começar a deixar meu corpo quase imediatamente.

"Desculpe, estou atrasado."

"Bem-vindo a casa," digo a ele, encontrando seu olhar, mas minhas próprias palavras são abafadas pelos meus irmãos. Quando éramos mais jovens, Sebastian era tudo o que tínhamos para nos guiar.

Meu corpo está duro enquanto eu faço o meu caminho para cumprimentá-lo. Vê-lo é agridoce. O tempo passou e nós dois mudamos. Mas neste mundo cruel em que vivemos onde você tem que lutar para sobreviver, não há nada como um amigo que já esteve lá toda vez que você precisava dele.

No caso de Sebastian, todas as vezes, menos uma, mas não há tempo para pensar no passado. Mais uma vez meu olhar se desloca para o sofá vazio enquanto eu volto para o meu lugar.

Eu ainda estou com tanto frio, e por um momento eu sinto que não posso respirar novamente.

"É bom ver vocês novamente," diz Sebastian e, em seguida, nos leva um por um.

"Eu gostaria que as coisas fossem diferentes," digo a ele e nenhuma palavra poderia falar mais verdade.

"É apenas um pouco de derramamento de sangue," Sebastian oferece, sorrindo e inclinando-se contra a parede.

"Você está bem?" Ele me pergunta, e ele não esconde a preocupação em sua pergunta. Ele nunca fez, e com essas palavras eu sou levado de volta para quando eu era apenas uma criança e todas as vezes que ele me perguntou exatamente a mesma coisa.

"Eu estou pronto para que isso acabe," eu lhe respondo e compartilhamos um olhar conhecedor.

"Eu acho que é bom que eu vim então." Sua resposta é firme, mas sai de uma forma que me faz sentir um pouco aliviado.

Eu dou a ele um sorriso genuíno tanto quanto posso enquanto ele caminha sobre o local em que Aria estava ontem à noite e depois de volta para a porta. *Foi apenas um sonho.* Eu tenho que me lembrar.

Sebastian pergunta para Declan quando ele se inclina contra a porta fechada: "Você tem tudo pronto?" Meu irmão dá-lhe um aceno de cabeça e um sorriso arrogante em troca.

Declan sai da estante e caminha para mais perto da mesa, com os olhos no telefone, sentado no canto esquerdo, enquanto diz: "Os rastreadores estão ligados e são novos. Mesmo que ele esteja desviando o sinal de várias torres, ou a ligação seja interrompida em segundos, posso encontrá-lo."

Minhas costas estão rígidas de tensão... mas também a sensação assustadora de perigo. Nós vamos caçar o Grim Reaper, um dos nomes que o Marcus usa.

"Você tem certeza?" Ele balança a cabeça para a pergunta de Daniel e então todos nós olhamos para o telefone, preparando-nos para obter respostas que esperamos por muito tempo enquanto ele toca, como se desafiasse por Declan estar certo.

*Ring.*

Eu posso sentir a mesa vibrar e os pequenos movimentos trêmulos do telefone enquanto o alcanço.

Levantando o telefone e colocando-o no alto-falante, deixo Marcus saber que estamos todos aqui.

"Os irmãos Cross," ele fala. Marcus, o Grim Reaper, o fantasma... qualquer que seja o nome pelo qual ele atenda, ele finalmente nos agraciou com uma ligação. Meus dentes apertam quando ouço sua voz e meu sangue fica frio.

Sua voz sempre me lembrou de uma cobra. Não é uma cobra que você pode facilmente matar cortando sua cabeça, mas o tipo de cobra que os mitos tornam imortal.

É assim que as palavras dele permanecem no ar e se acomodam em seus ossos.

"Já faz um tempo," comenta Marcus e Daniel responde rapidamente: "Não por causa de nosso trabalho."

Minha mão esquerda levanta silenciosamente no ar, acalmando Daniel, embora eu possa ver a raiva subindo dentro dele, enquanto ele mal está na cadeira. Ele sabe que Marcus tem respostas e se recusa a entregá-las a nós.

"Acredito que nossos resultados desejados podem não estar mais alinhados, Marcus." Meu batimento cardíaco acelera, mas eu mantenho minha voz e permaneço calmo e no controle. "É por isso que você está silenciosamente nos evitando?" Eu questiono ele.

Silêncio. Por um segundo e depois outro.

Eu posso sentir meus irmãos me observando, seus olhos me perfurando, mas eu olho para o telefone, querendo que Marcus responda.

E finalmente, recebo uma resposta. "Não necessariamente," ele me responde e acrescenta: "Você fez uma mudança com a qual eu não concordo necessariamente, Cross."

"Você vai ter que ser mais claro com qual de nós você está se referindo," digo a ele enquanto eu descanso meu cotovelo na mesa e meu queixo no meu punho. Meu polegar corre ao longo da minha barba enquanto eu olho para Declan, que está observando o tablet em sua mão com um olhar inflexível.

"Eu suponho que você está certo..." Marcus diz e depois faz uma pausa antes de acrescentar: "Dois de vocês, de fato, saíram do caminho."

Os olhos de Daniel encontram os meus ao mesmo tempo em que olho para ele.

"O que exatamente mudou que você decidiu que não éramos mais aliados?" Eu pergunto a Marcus, me sentindo mais quente e ficando irritado. Marcus é uma força incomparável, mas ele me irrita com o quão cauteloso ele é. Quando posso usá-lo em meu proveito, o que eu fiz no passado, penso muito no homem. Eu tanto o temi como o admirei.

Mas estar do outro lado de seu temperamento é... enfurecedor.

"Eu precisava fazer um acordo com Nicholas Talvery." Marcus me surpreende com uma resposta direta.

Eu suponho: "E minha interferência foi..."

"Não apreciada." Marcus termina minha sentença e eu apenas aceno com a cabeça, minha boca definida em uma linha reta e sombria.

"O que aconteceu com Addison?" Daniel pergunta, e Marcus o ignora.

"Eu quero Aria Talvery." A demanda de Marcus recebe uma reação de mim que ele não pode ver. Minha sobrancelha levanta e um sorriso ondula contra meus lábios.

"Não." Estou surpreendentemente calmo quando respondo: "Isso não vai acontecer."

O sempre presente tic-tac do relógio passa no silêncio até que Marcus responda: "Eu não esperava que sua resposta fosse assim... míope."

"Daniel lhe fez uma pergunta," lembro a Marcus e observo meu irmão. "Por que ela estava envolvida?" Não tenho certeza se Marcus está por trás do que aconteceu, mas sei que ele sabe a resposta.

"Por que você tentou levá-la?" A pergunta de Daniel vem com uma voz levantada atrás dos dentes cerrados e mal continha raiva. Sua incapacidade de manter a calma é compreensível, mas ineficaz.

"Não foi eu. Você já sabe quem foi."

Eu mal consigo conter minha irritação, observando Daniel ficar desequilibrado enquanto Marcus continua a contornar a única coisa que ele precisa saber.

"Se soubéssemos, não estaríamos perguntando a você," digo a Marcus incisivamente.

"Quem tentou pegar a Addison?" Daniel fala com a única pergunta que ele quer que seja respondida. Eu tenho tantas que eu poderia me afogar nelas, mas ele só tem uma.

Eu espero um único nome. Ou a negação de informação inteiramente. Em vez disso, Marcus continua evitando a resposta, mas ele também me surpreende.

Eu não gosto de ficar surpreso, porque significa que estou com falta de informação, o que significa que estou sem controle.

"O mesmo homem que te machucou anos atrás e começou tudo isso." *Anos atrás*? Suas palavras repetem na minha cabeça. Na década desde que assumimos o poder, ninguém se atreveu a nos machucar até recentemente.

Marcus continua e, desta vez, ele coloca uma pequena pista em sua resposta. "Ela não seria sua se não tivesse acontecido."

"Se o que não tivesse acontecido?" Jase pergunta, falando pela primeira vez. E agora fico me perguntando se Marcus está se referindo a Addison ou Aria.

"O primeiro golpe que sua família levou," diz Marcus, dando mais informações para resolver um enigma ao invés de fornecer uma resposta que seria tão fácil de dar.

"Você fala em círculos e enigmas," Daniel zomba e, em seguida, bate o punho para baixo antes de levantar a voz para dizer-lhe: "Eu só quero um nome."

"E eu só quero Aria," responde Marcus, sempre calmo de uma forma que faz o meu sangue virar gelo.

Meu irmão olha para mim, desesperado por informações, mas antes que eu possa responder, Daniel estreita os olhos para o telefone e diz para Marcus: "Se tudo que você procura é Aria, essa conversa é inútil. Nós nunca iremos entregá-la a você."

A linha clica morta e, no momento em que aparece, olho para Daniel, que não tira o olhar do telefone silencioso. Com a mandíbula cerrada e cada emoção escrita em seu rosto, não sinto nada além de tristeza por ele. Talvez vergonha também. Tenho vergonha de ter trazido meus irmãos para isso, e não tenho como consertar isso.

"Anos atrás?" Sebastian repete as palavras de Marcus e abre a porta quando Declan se move para sair, parecendo chateado.

"Fez isso..."

Antes que Sebastian possa terminar sua pergunta, o punho de Declan bate contra o batente da porta, estilhaçando-o com sua raiva.

Ele não fala, ele nem diminui o ritmo. Declan é o primeiro a sair e Daniel segue.

"Posso ter um minuto com Sebastian?" Eu pergunto a Jase, deixando ir meus pensamentos de descobrir o que Marcus estava insinuando. Com um aceno de cabeça, Jase se foi, deixando apenas Sebastian e eu.

"Não deixe ninguém se aproximar deste lugar e só confie em nós," eu digo a Sebastian, não perdendo um segundo enquanto ele espreita para onde Jase estava sentado. Com as duas mãos ao redor da parte de trás da cadeira, ele olha para mim de perto.

"Você está bem?" Ele me pergunta novamente e o triste sorriso vem mais rápido dessa vez.

"Não."

"O que precisa acontecer?" Ele pergunta, e eu sou grato por essa pergunta ao invés do óbvio, *por quê?*

"Ela precisa ser mantida em segurança. Aria Talvery."

"Por que ele a quer?" Ele supõe e eu mantenho minha expressão imóvel e inabalável, mas depois de um breve momento, eu balanço minha cabeça. "Não tem nada a ver com Marcus. Ela simplesmente precisa ser mantida em segurança."

Seus olhos vasculham os meus e eu odeio sua hesitação.

"Você sabe o que ela significa para mim," eu falo com desespero e odeio que eu tenha que dizer isso. Foi ideia dele dar Stephan para Aria. Entre meus irmãos e Sebastian, eles sabem todos os meus segredos. Amar Aria não é mais um segredo, e Sebastian sabe disso.

"Eu não me importo com o que acontece, contanto que você a mantenha segura. Ela não pode se machucar. De qualquer maneira."

"Então você quer que eu... seja seu guarda?" Ele oferece e eu não tinha pensado nisso assim, mas eu aceno, sabendo que preciso de alguém para cuidar de Aria.

Sebastian acena e me diz que vamos falar mais detalhadamente logo antes de virar e sair. E esse é o fim desta reunião muito curta.

Depois que ele saiu, eu gostaria que ele não tivesse. Estou sozinho no cômodo com as lembranças da noite passada e enigmas que não sei como começar a resolver. O mundo parece estar se aproximando de mim, e anos de pecado são meros segundos de destruir o que restou de mim.

"Eu tive um pensamento," fala Jase e eu abro meus olhos, percebendo que eu nem sequer o ouvi voltar.

"Eu preciso verificar Aria," digo a ele, não querendo lidar com mais merda. Ela tem que encontrar Sebastian, e uma estranha sensação

coagula o pouco de bílis na boca do meu estômago ao pensar no que ela vai dizer a ele sobre mim.

"Apenas ouça por um minuto."

"Um minuto," eu digo. Eu me concentro no telefone, na conversa que fica se repetindo no fundo da minha mente enquanto Jase me diz que devemos nos encontrar com Nikolai e deixar Aria ver tudo. Deixe-a assistir enquanto Nikolai se mostra como o homem que ele não é na frente dela.

"E se ela o visse do jeito que nós fazemos?" Ele sugere e olha para mim com expectativa.

"Eu não posso nem começar a entender por que você acha que é uma boa ideia."

"Deixe Aria ver. Deixe-a ver você dar a ele a chance de ir embora e mostrar a ela o lado dele que ela não conhece."

"Por que..." Eu quase questiono a sanidade de meu irmão até perceber que ele acha que estou fodido hoje por causa de Nikolai. Ele não tem ideia do peso que estou carregando hoje, mas seu primeiro palpite é que tem a ver com Aria e Nikolai.

"Você acha que assim ela ficaria bem com ele morrendo? Você está errado." Eu não dou a ele um momento para responder.

"Eu não dou a mínima para Nikolai e me resignei ao fato de que Aria vai me odiar pelo que estou prestes a fazer. O que ela sabe e não sabe é irrelevante."

Derrota atravessa a expressão de Jase quando eu digo a ele uma verdade que eu gostaria que não existisse.

"Ela o amava primeiro, eu sei disso. E ela me ama agora." Eu engulo em seco e depois digo a ele: "Uma parte dela sempre o amará, mas uma parte sempre me amará também."

"Estou lutando aqui," diz Jase e passa a mão pelo cabelo. "Algo está errado."

Como ele não podia ver? Como alguém poderia não entender?

"Eu não sei como isso deve terminar de qualquer outra maneira, além de nos separar."

Não há como acabar com isso além de ela me odiar ou morrer.

"Ela entende..."

"E eu entendo que ela vai me odiar quando acabar," eu o interrompi com as minhas palavras apressadas. "O que todo mundo precisa entender é que mesmo se..." Eu tenho que parar e respirar fundo, olhando para meu irmão na porta fechada enquanto eu continuo. "Mesmo se ela for embora... Mesmo que ela decida que não pode viver com..." Pensei neste final tantas vezes, mas nunca aceitei totalmente até este momento.

"Mesmo que ela não me queira mais quando tudo isso acabar, quero protegê-la. Eu quero ela segura. Mesmo que ela não possa viver sendo minha esposa, minha amante, minha... tudo. Mesmo assim, preciso que todos saibam que ela está protegida e que ela sempre será minha."




CARTER NUNCA MUDOU A FECHADURA.

É engraçado como o arrependimento passa por mim quando abro a porta da frente. Minha mão está pesada com isso e quando olho por cima do meu ombro, de volta pelo corredor, as minhas pernas também. Quando coloquei minha mão no scanner, não esperava que funcionasse. Eu não achei que seria tão fácil.

Dizer adeus nunca é fácil. Especialmente o tipo de adeus que é final. O tipo que dói para dizer em voz alta, mas dói ainda mais quando enterrado lá no fundo.

Eu só fico na porta por um momento antes de sentir a brisa no ar do começo da noite. Estou surpresa que ninguém corra pelo corredor quando fecho a porta atrás de mim.

Ainda mais surpresa quando eu envolvo meus braços um no outro, com cuidado com o meu ombro esquerdo, embora esteja se sentindo melhor agora com os analgésicos que encontrei no armário de remédios do lavabo.

O vento arranca meu cabelo do meu ombro, expondo minha pele ao frio. Arrepios fluem sobre a minha pele enquanto eu dou cada passo para baixo, cada passo mais longe de Carter.

Parte de mim se pergunta se ele está assistindo. Outra parte sabe que ele está.

Ele não me deixa ir longe. Eu já sei disso, mas eu preciso saber até onde ele vai permitir, antes que alguém venha e me pegue para me levar de volta para ele.

Se isso acontecer hoje, ou amanhã, ou daqui a uma semana, nunca vou parar de tentar ir embora. Repito essas palavras na minha cabeça enquanto dou outro passo.

Eu não penso nas razões. Existem muitas neste momento e apenas o resultado é importante.

Eu não posso ficar mais aqui. Essa não é a vida que eu quero. Nunca foi mais claro do que é agora.

Meu ritmo não diminui até chegar a um portão de metal no final do caminho. Eu não tinha visto antes através de todas as árvores, e acho que estava aberto da última vez quando os carros passaram.

Eu não posso imaginar que eles guardem qualquer coisa além de veículos, porque as lacunas no intrincado metal são bastante largas o suficiente para uma pessoa passar.

E eu faço.

Meus dedos seguram o ferro frio e eu abaixei minha cabeça enquanto me viro para deslizar pelas barras.

Olhando de volta para a casa, eu sei que ele está assistindo e quando eu volto para a calçada remanescente que continua por pelo menos um quarto de milha e depois atravessa uma densa floresta, eu sei que ele vai me parar em breve. As câmeras no topo do portão giram, seguindo-me.

Meu coração pisca fracamente. A coisa estúpida não entende. Ainda está cheio de esperança.

Não há esperança embora. Nunca houve.




TALVEZ SE ELA não ESTIVER comigo, ela não morrerá por mim.

O pensamento vem e vai rapidamente, mas enquanto eu a observava descer os degraus da varanda, estava lá por um momento.

Que eu poderia deixá-la ir para salvá-la.

*Ela não pode morrer por mim, se eu não estiver com ela.*

O pensamento é apenas um pequeno ponto na minha consciência, mas continua voltando. Mesmo quando Sebastian corre para o cômodo para me dizer que ela está na frente. Não tenho tempo para questionar o destino e o que fiz. Eu não posso deixá-la desprotegida. Isso não é uma opção. Eu não vou permitir isso.

"Eu sei." As palavras saem mesmo baixas, com uma ameaça que não posso esconder.

"Nós temos um olho nela." Ele está recuperando o fôlego, seu peito subindo e descendo com arfadas pesadas, mas seu comportamento é calmo. Suas palavras, porém, são curiosas. "Ela normalmente sai do portão?" Ele tem o cuidado de não perguntar se está tentando fugir, algo com o qual não estou acostumado. Eu posso ver a mudança na maneira como ele olha para mim. O tempo mudou muitas coisas desde a última vez que fizemos algo assim juntos.

Leva um momento, outro momento antes que eu possa até respirar com a realização. Uma década se passou e eu odeio o que me tornei.

Eu não queria ser esse homem. Eu não pedi por esta vida.

Por mais que eu queira, não posso voltar. Meu olhar se concentra em Sebastian, segurando a autoridade que eu merecia. "Tranque-a." Cada sílaba sai com força e cada palavra é acompanhada de uma batida no meu peito.

Ela não pode morrer. Ela está segura aqui.

"Tudo está barricado, guardado e armado. Ninguém está chegando perto e ninguém vai machucá-la." As palavras ecoam na sala e Sebastian fica em silêncio. Ele já sabe que estou meramente me tranquilizando.

"Apenas pegar ela?" Sebastian pergunta facilmente, como se não houvesse nada de errado com o que estou fazendo. Eu aceno, sentindo um nó no meu estômago, torcendo implacavelmente pelo fato de que ela está tentando me deixar. Disposta a me deixar.

"Eu sei que ela está com raiva." Eu tento justificar o fato de que ela está saindo, mas engulo minhas palavras. "Eu vou fazer o certo com ela," eu digo quando me afasto de Sebastian e me movo para a janela para ver o quanto ela se foi. "Não deixe que ela chegue muito mais longe do que o portão."

"Você acha que ela vai percorrer todo o caminho?" Jase questiona atrás de mim. Há homens que revestem a propriedade, além do caminho, embora ainda não seja seguro. Eu não me incomodo de virar para ele quando o sol se põe além das árvores, onde é menos protegido. A luz azul no céu escurece instantaneamente quando as folhas castanhas tecem padrões com a luz restante.

"Apenas pegue ela." O nó sobe no meu estômago e gira e gira dentro de mim. É uma dor que não senti antes.

A noite passada acaba quando olho para mim no reflexo da janela. Eu amo ela. Eu a amo completamente e sem hesitação. Mas o homem que eu sou é aquele que destrói.

O fato de que uma parte dela me ama, significa apenas que ela está se preparando para ser arruinada. Cada pedaço dela quebrado... por mim.

Enquanto engulo o pensamento, minhas mãos se movem para os meus bolsos e prometo consertar isso entre nós. Eu não tenho outra opção. Eu não vou deixar ela ir.

"Você está bem?" A voz de Jase me traz de volta ao presente e quando me volto para ele, olho de volta para o sofá. Vazio. Assim como o chão está na frente da minha mesa. As visões da noite passada passam como um outro pontinho.

Sebastian se foi e Jase tomou o seu lugar. O tempo está se movendo como as imagens tremeluzentes de um rolo de filme antigo com alguns dos quadros faltando. Não sei quanto tempo Sebastian se foi ou quando Jase entrou no meu escritório.

"Não," eu respondo meu irmão honestamente e minhas próximas palavras saem irregulares. "Eu nunca fui assim. Eu nunca..." Eu paro para tirar minhas mãos dos meus bolsos e passá-las sobre o meu rosto. Olhando para a gaveta da minha mesa, lembro-me de ter tomado o remédio para dormir na noite passada. É apenas uma droga e nunca me afetou assim. Tem que ser a droga. *Os sweets*. A última vez que tomei foi há anos.

"Ela está apenas com raiva," diz Jase, em seguida, olha por cima do ombro antes de fechar a porta do escritório e vindo para tomar o seu lugar na minha frente.

"Eu não quero esperar." Eu digo a ele com agitação antes que ele possa afundar na cadeira.

Eu vejo seus dedos apertarem quando ele agarra o encosto do assento. "Eu quero isso terminado. Precisamos acabar com isso." Minhas palavras saem mais e mais rápido quando o desespero para superar isso com Aria tomou conta.

"Estamos deixando Romano..."

"Foda-se Romano!" Eu bato a parte de trás da minha mão contra a minha cadeira, precisando sentir algo diferente dessa dor que está se arrastando dentro de mim. Precisando fazer algo diferente de esperar.

"Não podemos fazer as duas coisas, Carter." A voz de Jase é calma, mas cheia de razão. Ele não se move de onde está, mas seus olhos me

observam com interesse crescente. "Não podemos proteger a propriedade e também atacar Talvery." Ele finalmente se move, afastando-se da cadeira, embora suas mãos ainda a segurem. "Você não pode ter as duas coisas."

O tempo marcha enquanto eu considero meu irmão. A única coisa que ele sempre teve é uma opinião. Ideias fodidas constantes. Empurrões constantes. No entanto, enquanto me inclino para frente, respirando para me equilibrar, ele está quieto. Ele não está me empurrando de qualquer maneira.

"O que você faria?" Pergunto a ele, sem olhar para ele, mas olhando para a porta fechada atrás dele.

"Eu não posso responder isso," ele me diz e eu odeio ele por me deixar sem nada. A parte de trás da minha mandíbula aperta enquanto eu olho para a tela. Ela está no portão.

Ela está me deixando.

*Nunca deveria ser eu.*

Suas palavras da noite passada, palavras que me destruíram e causaram toda essa merda. Essas palavras voltam e enquanto eu a assisto, eu acredito nela.

"Ela me disse," eu engoli antes de terminar meu pensamento, questionando dizer a Jase tudo isso, mas decidindo que precisava contar a alguém. "Ela me disse que não era ela todos aqueles anos atrás."

Jase demora um momento antes de sua expressão registrar o que estou falando. Ele sabe sobre aquela noite. Bem como Declan, Daniel e Sebastian também. Aquela noite mudou tudo. Ela negar ser uma parte disso... Eu não posso aguentar isso.

"Quem mais poderia ter sido?"

"Ninguém." Minha resposta é imediata e implacável, unida a uma dor semelhante na minha garganta quando ela aperta. Meus olhos se fecham enquanto penso comigo mesmo, *como eu saberia? Como eu poderia saber se outra mulher estava lá?*

"Carter," a voz de Jase corta a memória daquela noite. "O que aconteceu com o ombro dela?"

"Eu a algemei na cama. Bem, ela se algemou, porque eu mandei." Jase não vacila quando eu lambo meu lábio inferior, escondendo a vergonha. "Eu disse a ela que ela poderia ficar lá até que terminasse," meus olhos levantam e eu encontro o seu quando explico. "E então ela puxou o braço dela até que ele se deslocou e eu a soltei, mas ela..." Eu não posso nem terminar.

"Ela fez isso para si mesma?"

"Fisicamente... sim." Parece uma mentira na minha língua. Eu sou a razão pela qual isso aconteceu. É minha culpa.

O aceno de compreensão de Jase é curto e depois passa por mim para a janela. "Bem, isso explica porque ela fugiu."

"Ela sempre vai fugir." Eu digo a ele quando a derrota leva a melhor sobre mim.

"Pare de mentir para si mesmo." A voz calma de Jase me pega desprevenido. "Você a ama. Eu sei isso. E ela ama você. Não deixe nada ficar entre vocês."

*O amor nem sempre é suficiente*, penso eu, mas não digo em voz alta. Em vez disso, meu olhar se volta para o chão em frente à minha mesa, a noite passada ainda girando em minha mente. A imagem dela deitada lá vai e vem com o piscar dos meus olhos. "Você precisa me ajudar a mantê-la segura." Eu não sei como eu falo. Meu corpo está rígido e meus membros estão congelados.

"Você está me assustando com o jeito que você está hoje." Mais uma vez os pés e a postura de Jase se movem, mas seu aperto permanece rígido, mantendo-o onde ele está.

Eu olho de volta para o sofá enquanto eu digo a ele a única coisa que é responsável por como eu estive hoje: "Eu não quero que ela morra."

"Isso não vai acontecer." A resposta de Jase não é nada além de confiante. Eu queria que a noite passada não tivesse roubado a mesma

certeza de mim. Eu quase falo sobre o pesadelo. Sobre o quão real foi, e como está fodendo comigo.

"O que quer que tenha entrado na sua cabeça," ele começa a dizer, a preocupação gravada nas palavras de Jase fazendo-me olhar de volta para ele enquanto ele termina seu pensamento, "tire isso."

"Eu simplesmente não dormi bem." Eu dou a ele meia verdade.

"Bem, diga a Aria que você a ama, transe com ela até que ela esqueça porquê ela está com raiva e durma. Vocês dois precisam dormir."

"Isso é tudo que eu preciso fazer?" Eu o questiono para aliviar a tensão, mas faz exatamente o oposto.

"Você pode começar mostrando mais respeito do que no passado. Mais amor. Diga a ela que você a ama."

"Ela não está saindo porque eu não digo isso de volta para ela." Eu zombei de sua sugestão.

"Eu acho que é exatamente por isso que ela está saindo. Isso e o fato de você ter dito a ela o que fazer." Suas palavras registram uma por uma. "Eu acho que ela deixaria você destruir tudo em seu mundo, exceto você, contanto que você mostrasse o quanto você a ama e fale com frequência."

Eu não sei quando meu irmão se tornou a voz da razão, mas tudo o que ele diz afunda em profundidade e lentidão, entorpecendo a raiva, a necessidade de lutar. Entorpecendo a culpa e as preocupações. Tudo parece desvanecer com o pensamento de que eu posso ficar com ela. Isso é possível.

"Se ela sentisse o amor que você tem por ela, ela não iria embora. Ninguém desistiria disso." Seus olhos escuros brilham com uma lembrança de outra coisa. Algo que eu sei que não tem nada a ver comigo, mas suas próximas palavras são exatamente o que eu preciso ouvir neste momento. "Ela não se sente amada, e eu sei que você pode fazê-la sentir isso."

Como ela pode não sentir tudo o que sinto por ela? Como ela pode não sentir *isso*?

Assim como a pergunta me consome, o telefone toca e é o mesmo número de antes.

*Marcus.*




TALVEZ QUATROCENTOS METROS.

O caminho para a propriedade é quilômetros de comprimento. As luzes da rua em ferro fundido que a cobrem lançam um brilho amarelo pálido pela estrada asfaltada que serpenteia pela floresta, e eu cheguei a uns quatrocentos metros do portão antes de ouvir o cascalho se levantar quando os pneus se moviam atrás de mim. Olhando para o lugar onde a floresta começa, acho que talvez estejam a mais quatrocentos metros de distância.

O carro em direção a mim não está dirigindo rápido e eu apenas ando para o lado da estrada e fico lá cruzando os braços quando ouço a aproximação. Imagino que pareço uma criança petulante, mas é só porque estou com frio. O ar da tarde na sombra é amargo e implacável.

Meu ombro está entorpecido e toda a dor também. Estou pronta para acabar. No entanto, vem, estou preparada para o que vem em seguida.

O pensamento faz minha garganta apertar e é quando a janela desce. É Sebastian, não Carter. Demoro um momento para reconhecer que é ele. Addison me contou sobre ele quando estávamos em sua casa segura. Ela me mostrou algumas fotos de Carter e seus irmãos com Sebastian. Eu sei quem é ele, mas isso não atenua a decepção que Carter não veio pessoalmente.

"Carter enviou você?" Eu pergunto embaixo da minha respiração. Odiando que eu até esperasse que Carter se incomodasse em me pegar. Claro que ele não faria. Com o carro em marcha lenta, espero que o homem fale.

Ele é obviamente mais velho, mas seus traços são classicamente bonitos. Ele é o tipo de homem que poderia se safar com o que quisesse, ele poderia encantá-la em qualquer coisa. Mesmo que haja um ar de perigo que o rodeia.

"Você vai me fazer um favor e entrar de boa?" Ele me pergunta e um sorriso bonito mostra seus dentes perfeitos. "Eu vou te fazer um favor em troca," ele oferece.

Chutando a entrada da garagem, deixo meu olhar cair e depois sinto o frio na brisa antes de perguntar: "O que?"

"Eu vou dirigir, podemos dirigir um pouco até você se acalmar?" Ele oferece. "Você pode me dizer por que você está chateada."

Embora ele seja aparentemente gentil, eu detesto o que ele acabou de dizer. "Chateada?" Eu engulo em seco depois de falar e Sebastian coloca as duas mãos em defesa.

"Eu não quero piorar nem pisar nos seus calos, Aria." Sua voz implora quando ele acrescenta: "Ajude-me a melhorar isso se eu puder."

O céu escurece enquanto espero um momento. Observando esse homem e me encontrando com inveja dele. Ele conhecia Carter. O garoto antes dele se transformar no que ele é agora. A curiosidade supera qualquer raiva com esse pensamento.

Minhas pernas se movem sozinhas e eu me vejo entrando no carro. A porta se fecha com um baque surdo, silenciando os sons fracos da floresta.

"Eu sou Aria," eu ofereço a ele, embora ele já saiba. "Sinto muito que tivemos que nos encontrar assim." Meus modos parecem voltar para mim quando ele solta os freios e seguimos em frente.

As fechaduras do carro são automáticas e batem, soando muito mais alto do que deveriam e lembrando-me o que tudo isso é para mim, uma prisão.

"Eu conheci pessoas em circunstâncias piores," ele me diz. Ele mantém sua palavra, dirigindo devagar no longo caminho. Tão devagar

que eu poderia andar mais rápido do que isso, mas estou simplesmente grata por estar me afastando do castelo de crueldade de Carter.

"Eu não quero voltar," eu digo distraidamente. Eu não espero que faça alguma diferença. Quando a confissão me abandona, olho para a fechadura da porta, tão facilmente levantada se apenas eu estivesse em contato.

"Você sabe que eu tenho que te levar de volta para ele, certo?"

Meu pulso dispara e então parece congelar quando me lembro de Daniel me oferecendo uma saída apenas alguns dias atrás. Eu poderia ter corrido, eu poderia ter aceitado a oferta de Daniel, embora quem sabe se ele realmente quis dizer isso ou não.

"Eu nunca o vi assim." Sebastian começa a dizer algo mais, mas depois ele sacode a cabeça e acena com o pensamento. "Eu não quero ficar entre vocês dois," ele me diz.

"Todo mundo está," eu respondo sem rodeios e, em seguida, realmente olho para ele até que seus olhos se voltam para os meus. "Todo mundo sempre esteve entre nós." Essa é a triste verdade. Se fosse apenas nós, não há dúvida de que eu estaria ao seu lado.

Partes de Sebastian me lembram de Eli, ou talvez eu simplesmente anseie por alguém para confiar, alguém que entende e respeita a situação do jeito que Eli fez. O pensamento traz uma onda de emoção pelo meu peito e eu olho para fora da janela, para as folhas verde-escuras espalhadas entre os âmbar secos.

"Ei." A voz de Sebastian traz meu foco de volta para ele.

"Você falou com ele hoje?" A preocupação em seu rosto parece fora de lugar enquanto ele espera que eu responda.

"Eu acabei de levantar e..." Eu paro para engolir a náusea subindo pela minha garganta, lembrando o que aconteceu quando eu cheguei ao banheiro. "Eu não falei." Não há mais nada a dizer. Essa é a verdade da situação, mas não me preocupo em expressar isso.

O silêncio no carro é estranho. Sebastian faz perguntas que eu não quero responder.

"O que há de errado?"

Eu nem me dou ao trabalho de dar uma resposta a isso.

"Você gosta do silêncio também?" Ele me pergunta depois de um momento sem nenhum de nós falar.

"Você gosta do silêncio?" Peço-lhe para esclarecer e ele balança a cabeça não.

"Carter sempre gostou."

Mais uma vez me volto para a janela. Não é chocante que o homem pensativo prefira o silêncio. E o jeito que esse pequeno fato me puxa me faz desejar não ter entrado no carro.

"Embora em alguns dias ele ligasse o rádio apenas para entorpecer tudo." Ele limpa a garganta e vira o carro ao redor. Enquanto ele está fazendo a virada de três pontos para voltar para a propriedade, ele me diz: "Quando ele ficava comigo, quando a mãe dele estava doente, ele sempre queria que ficasse quieto. Ele costumava dizer que o silêncio era o seu lugar seguro, mas, novamente, ele cresceu com quatro irmãos e a única vez que tinha silêncio era quando ele não estava em casa... então..." Ele encolhe os ombros.

"Como ele era naquela época?"

Sebastian me observa por um segundo e diminui a velocidade quando nos aproximamos da propriedade.

"Teimoso, ambicioso," ele me responde e depois diz: "leal ao extremo."

Ele para em frente ao portão e eu peço para ele dar uma volta só mais uma vez. Minhas mãos ficam úmidas quando meu olhar flui para a fechadura e depois de volta para ele. Eu não acho que ele viu embora.

"Então ele sempre foi assim?" Isso é mais uma afirmação do que uma pergunta, mas Sebastian a refuta.

"Carter nunca foi assim. Ele não era brutal, ele era justo. Ele não..." Sebastian interrompe seus pensamentos novamente e desta vez

um conjunto mais sombrio de emoções joga em seu rosto. "Eu nunca deveria ter saído," ele confia a mim e eu dou-lhe um sorriso fraco.

"Se eu pudesse voltar," ele começa a dizer, mas eu o interrompo, afirmando: "Você nunca pode voltar."

O momento termina com o silêncio enquanto o carro continua a se afastar. Mais perto e mais perto do ponto da estrada onde eu escolhi. O lugar onde ele se virou da última vez. Onde ele desacelerou mais e o mais longe na estrada que ele irá.

"Por que você saiu?" Pergunto a Sebastian mais para distraí-lo do que qualquer outra coisa.

Sebastian nem sequer me dá uma olhada quando eu alcanço a fechadura. Ele está muito ocupado apertando a ponta do nariz para manter quaisquer emoções que o assombrem.

*Clique.* Eu não deveria ter me virado para olhar para ele, perdendo a fração de segundo, mas também me sentindo culpada pelo olhar de surpresa e machucado em seu rosto quando ele me vê puxar a maçaneta e empurrar a porta para fora.

Ele ouve o clique da fechadura e seus dedos envolvem meu pulso, meu esquerdo com as marcas profundas do punho na noite passada. Porra! A dor viaja rapidamente e em um único movimento elétrico. Eu assobio do súbito choque de dor quando eu arranco meu braço de seu alcance, quase caindo do carro até que eu tenho os dois pés no chão e corro o mais rápido que posso. Eu não paro. Não por um momento. Não quando ele xinga e desliga o carro. Não quando quase viajo do asfalto para a terra quando entro na floresta. Cada respiração machuca meus pulmões enquanto eu vomito no ar.

Algumas vozes de homens são levadas para a floresta. Eu sei que há mais homens que guardam a propriedade, mas eu não sei onde eles estão. Em algum lugar eles viram, o que significa que eles estão próximos.

Minhas pernas estão muito fracas, e eu posso ouvir a porta do carro de Sebastian abrir e, em seguida, seus passos duros na calçada enquanto eu passo por galhos. Mais homens gritam e os galhos das árvores me atacam como se quisessem me punir, e eu aceito. Eu aceito

cada corte dos ramos finos e quando eu chego a uma borda repentina, eu me arremesso, ansiosa para ir embora. Cair duro, e é exatamente isso que eu faço. Pousando nas minhas costas, eu bati na terra fria e rolei.

Minha palma se contrai contra algo ao mesmo tempo em que minhas pernas batem no tronco áspero de uma árvore. A batida rasga minhas pernas e eu mordo para não gritar de agonia. Dói ficar de pé, mas eu fico. Sentindo-me tonta e fraca, eu tropeço no começo, mas continuo me movendo. As vozes soam mais distantes agora. Eu espero que elas estejam.

Eu não sei qual é o caminho, mas corro o mais rápido e mais forte que posso. Eu não posso ultrapassar Sebastian. Ele é grande demais e eu nunca fui uma corredora. Mas vou ouvi-lo quando ele vier e posso pelo menos me esconder.

"Porra!" A voz de Sebastian reverbera na floresta e envia pássaros voando para fora das copas das árvores. Seu movimento repentino faz meu coração disparar, e eu estou olhando para eles enquanto eu me deparo com algo duro.

Algo com mãos.

Algo que me agarra.

O grito na minha garganta é retido por uma grande mão sobre a minha boca.

Meu coração bate e minha ansiedade dispara descontroladamente até que ele me empurra, segurando meu pequeno corpo perto do dele e se escondendo atrás de uma árvore grossa.

"Shh, fique calma, Ria." A voz de Nikolai é a coisa mais reconfortante que eu poderia ter pedido neste momento. Pequenos cortes nos meus braços e no rosto ardem quando me agarro ao Nikolai. Lágrimas queimam no fundo dos meus olhos.

"Eu tenho você agora."




"Eu pensei que não havia nada para falar?" Eu atendo o telefone com Jase na minha frente. Ele é lento para se sentar na cadeira, mas quieto enquanto faz isso. Não há nenhum som na sala além do meu próprio coração batendo até que Marcus responda.

"Eu esqueci que queria mencionar algo," ele me diz por telefone. "Seus irmãos estão com você?" Ele me pergunta e acrescenta: "Eles podem estar interessados em ouvir isso também."

"Eu acabei de mandar uma mensagem para eles," Jase responde e coloca seu telefone na mesa. Ele vibra com uma resposta e depois outra.

"Estou feliz que você esteja aqui, Jase," diz Marcus e eu posso ouvir o sorriso que deve estar estampado em seu rosto. Sua voz percorre o espaço e chega até a porta quando se abre, trazendo Daniel para o escritório. Ele ainda está recuperando o fôlego e diminuindo o ritmo depois de dar passos rápidos para dentro da sala.

"E quem é esse?" Marcus pergunta quando Declan chega em seguida, com o tablet na mão. "É aquele tentando me rastrear?" Marcus pergunta e, instintivamente, eu movo meu olhar para Declan. Ele apenas olha para o telefone na minha mesa, sem responder.

"É claro que estamos tentando rastrear você," eu respondo a Marcus, lentamente tomando meu lugar e ignorando o meu próprio telefone. "É justo, e você sabe disso." Ele dá uma risada baixa, mas não diz nada.

"O que você quer nos dizer?" Eu pergunto a ele e olho para o monitor para ver o carro de Sebastian estacionado na rua. Eu sei que ele

estava falando com ela. A voz irritante na minha cabeça só está preocupada com Aria, mas ela nem está de volta ainda. Essa ligação será rápida. Primeiro vou lidar com isso e depois vou lidar com Aria.

Em breve. Logo eu vou tê-la de volta e vou seguir o conselho de Jase.

"Eu tenho mais informações sobre a primeira vez que as linhas foram desenhadas na areia," diz Marcus. "Linhas que você não conseguiu ver."

"Sem mais enigmas." Eu cortei Marcus e cerrei os dentes antes de dizer: "Estou cansado de jogos. Diga-nos quem tentou levar Addison e Aria." Eu endureci minha voz quando acrescentei: "Quero nomes."

Está quieto por um segundo e depois outro, mas Marcus finalmente fala.

"Jase, você se lembra dos artigos que eu te enviei?" Marcus pergunta e o olhar de Jase se estreita enquanto ele olha para o telefone, não com raiva, mas com lembrança. E todos nós olhamos para ele.

"Sobre Tyler?" Jase pergunta e instantaneamente meu sangue se transforma em gelo. "Os artigos sobre a mulher que o atingiu?" Jase esclarece e minha mente corre.

Linhas desenhadas na areia.

O primeiro golpe que a nossa família levou.

"A morte de Tyler foi um acidente," Daniel fala e, em seguida, engole visivelmente, aproximando-se da borda da mesa e ousando a voz ao telefone para negar essa verdade.

Foi há cinco anos. Quase seis agora.

A morte de Tyler foi antes de tudo isso. Anos atrás. Depois que fui contra o Talvery, uma vez que comecei a fazer um nome para mim, sim. Mas eu não era ninguém. Foi apenas nos últimos anos que meu nome se tornou sinônimo de medo. Jase e eu mal havíamos ganhado terreno, muito menos qualquer coisa que merecesse a atenção de machucar Tyler.

"Sua morte foi um acidente," eu digo com firmeza, repetindo as palavras de Daniel.

Ainda assim, a frieza não me deixa. Lentamente as lembranças voltam do meu irmão mais novo. Ele era a única alma boa de nós cinco. Se alguma vez uma morte foi cruel, tirar sua vida foi isso.

"Quais foram os artigos?" Eu pergunto a Jase, mas Marcus responde em vez disso.

"Sobre os vícios dela..." A voz de Marcus fala até que ele diz: "Sobre a morte súbita dela enquanto espera por sua sentença."

O rosto de Daniel está pálido e seus olhos estão vidrados. Ele viu isso acontecer. Ele estava lá quando Tyler foi atingido por seu veículo.

"Onde você quer chegar?" Eu questiono Marcus, mantendo minha voz uniforme e não deixando a emoção chegar até mim.

"Ela morreu em seu sono," Jase fala sobre mim e Marcus responde sem hesitação, para dizer: "Ela foi assassinada."

"Um nome, Marcus" Lembro-lhe. "Você queria nos dizer algo, então nos conte tudo. Uma mulher assassinada na prisão não significa nada."

"Não, mas o nome do contrato que ela recebeu, sim. Um golpe que eu neguei. O nome era Jase Cross." Náusea esmagadora surge dentro de mim enquanto Marcus tece um conto e pinta a imagem do meu passado de forma diferente do que eu já vi. "Um bandido de cidade pequena de Crescent Hills. Um garoto que estava atrapalhando e precisava ser cuidado antes que ele e seus irmãos ganhassem terreno. Mas ela sabia demais e teve que morrer uma vez que ela fez seu lance."

"O que?" A voz de Jase carrega descrença quando uma dormência crescente cobre minha pele com arrepios.

"Um acerto de contas?" Questiona Declan. Incredulidade está escrita em seu rosto.

Eu não posso me mexer. Há tanta tensão em todas as partes do meu corpo.

"Tony Romano veio para mim primeiro." Ouvir o nome de Romano desperta a necessidade de vingança, mas não vou agir rapidamente. Eu vou ouvir primeiro e avaliar. Mas imaginar meu irmão mais novo, com apenas dezesseis anos e morto na rua, prova que essa tarefa é fútil. "Ele disse que qualquer um dos dois faria, mas se estabeleceu em Jase." Marcus continua contando sua história enquanto eu me pergunto se é possível. Se é verdade.

Se Tyler foi assassinado todos esses anos atrás. Se ele tomou o lugar de Jase.

"O artigo que enviei ao Jase em particular foi o maior indício de todos. Sua foto estava lá. O que ele estava vestindo, Jase?" Marcus leva Jase com a pergunta, e é só então que o rosto de Jase se encolhe com o tormento. "Seu moletom." Marcus responde sua própria pergunta e eu posso ouvir Jase engolir.

"Era para ser Jase, e ela viu um menino que parecia com ele, em uma noite chuvosa no mesmo moletom que estava procurando. Ela não era uma motorista bêbada, era alcoólatra e viciada em drogas contratada por Romano porque eu me recusei."

"É por isso que você estava lá?" Daniel fala alto, com a voz alta o suficiente para que Marcus ouça o alto-falante. "Você sabia que ia acontecer?"

"Eu pensei que ia ser você. Eu queria te salvar. Eu tinha outros planos para você." Minha garganta está apertada enquanto ouço Marcus, achando cada vez mais difícil discordar de sua versão do que aconteceu. Não importa o quanto eu queira negar essas revelações vindo à luz, anos depois.

"Ele queria acabar com você, mas em vez disso ele entregou uma morte que alimentou vocês dois para conquistar sem remorso."

"Romano?" Declan questiona e compartilhamos um olhar de conhecimento.

"Romano," Marcus confirma.

*Ele está morto. Ele está fodidamente morto.*

"Por que agora?" Daniel pergunta, não escondendo a emoção em sua voz. "Você estava lá. Você sabia disso todo esse tempo e não me contou na época, não me avisou... mas agora?"

"Por que nos dizer isso agora?" Declan repete a pergunta de Daniel.

"Por um lado, você perguntou quem tentou levar Addison e Aria. Estou te dando uma resposta. Mas a outra razão, a razão muito maior, é porque eu sabia que Carter iria ouvir. Eu sabia que teria sua atenção." A voz de Marcus não tem a mesma profundidade que tinha durante a sua história. Como se ele tivesse voltado ao presente e não esteja mais interessado.

"Você teria a minha atenção sempre que quisesse, Marcus," digo a ele honestamente.

"Sim," ele responde, "mas eu não queria isso naquela época. Eu queria agora." E com isso, a linha fica muda.

Nenhum dos meus irmãos fala depois que o clique preenche a sala.

Ele não queria isso naquela época?

Outro enigma. Eu deixo as palavras afundarem, mas elas não significam nada. Marcus nunca mentiu. Romano matou meu irmão. Romano deu seu último suspiro livre.

"Ele é um homem morto," falo em voz alta, embora nenhum dos meus irmãos reaja.

Jase não se moveu. Ele está tão imóvel quanto pode estar, e Declan continua olhando entre ele e Daniel.

"Não foi sua culpa," Daniel oferece a Jase, mas Jase apenas balança a cabeça.

Luto pela perda de um ente querido é a pior sensação do mundo. Não há droga que possa tirar essa dor, porque não há droga que possa trazê-los de volta. Eles simplesmente se foram para sempre.

Mas, para aprender a verdade de uma tragédia, saber que havia mais na história, mais do que aquilo que lhe foi dito antes e ainda não ter controle, acrescenta sal à ferida.

E para Jase... ele está em agonia, sabendo que deveria ser ele.

As vibrações do meu celular são uma distração muda. Eu nem sei quanto tempo isso tem acontecido - o Jase também está saindo - e estou ansioso para pegá-lo, apenas para perceber o que o Marcus quis dizer.

Ele não queria minha atenção naquela época. Ele queria agora, porque não queria minha atenção em outro lugar.

A raiva se acende dentro de mim como nunca antes, enquanto eu lia a mensagem em voz alta. "Aria se foi."

*EU VOU MATAR TODOS ELES.*




MEU CORAÇÃO NÃO PARA DE correr. Tudo está se movendo tão rápido. Uma decisão poderia mudar o curso de tudo. Eu não sabia quando entrei naquele portão que isso aconteceria assim, movendo-se facilmente de um lado para o outro. Eu fui tola em pensar que poderia fugir dessa vida. O pensamento ecoa nas câmaras da minha mente enquanto meu pé esquerdo faz barulhos nos galhos no chão e meu lado direito se inclina mais pesado em Nikolai. Ele está andando tão rápido, me puxando para mais perto dele. Tudo está se movendo muito rápido.

Existem pequenos arranhões em todos os lugares. Meus jeans estão rasgados e cobertos de sujeira e meus braços estão sujos de sangue. O pior é que não consigo parar de tremer. Eu acho que é apenas a adrenalina, ou talvez seja devido à ansiedade. Eu não sei qual, mas não consigo parar de tremer e isso faz Nikolai me abraçar muito mais forte.

Os galhos quebram sob nossos pés a cada passo e eu continuo olhando para trás. Eles devem nos ouvir. É mais sombrio a cada momento que passa e eu não sei para onde estamos indo, mas isso não importa. Nikolai me leva embora. *Nikolai será o único que Carter culpará.*

Cada pequeno som atrás de mim me faz pular, mas mesmo assim, eu não tenho tempo para parar, Nikolai não desiste. Eu posso ouvir seu coração batendo forte, e sei que ele sabe que está morto se os homens de Carter nos pegarem antes de sairmos daqui.

Eu não acho que ele me machucaria, mas ele vai matar Nikolai.

"Ele não pode nos encontrar juntos." As palavras correm de mim quando eu alcanço e agarro a camisa de Nikolai, forçando-o a parar e

pensar. "Ele não pode pensar que você me levou, ele vai te matar. Ele não pode," as palavras não param de cair fora de mim, mas Nik me silencia.

"Eu tenho você, e não me importo se ele sabe disso." Ele está surpreendentemente calmo e legítimo em sua resposta. "Eu esperei muito tempo para chegar perto o suficiente para salvá-la." Meus pensamentos correm, imaginando como ele conseguiu passar pela segurança de Carter, onde estão e quanto tempo Nikolai esperou aqui por este momento.

"Como você sabia?" Eu pergunto a ele, meus olhos procurando por todas as respostas.

"Alguém me disse para vir. Ele me disse que eu seria capaz de te salvar." Enquanto ele fala, a voz de Nik está cheia de emoções. "Me desculpe, por demorar tanto tempo, Ria," diz ele, sua voz embargada quando ele agarra minha cintura e me empurra para a frente. Eu tropeço, recusando-me a me mover e esperando que ele olhe para mim. Eu preciso que ele perceba o quanto isso é sério.

"Ele vai matar você," eu digo e olho profundamente em seus olhos azuis claros, sabendo que é verdade. Antes que eu possa incitá-lo a correr, ele me diz: "Não se eu o matar primeiro."

"Não fale assim." As palavras são arrancadas da minha garganta, imediatas e cruas, assim como os instintos. Traição brilha nos olhos de Nikolai e eu gostaria de poder pegar as palavras de volta, apenas para aliviar sua dor, mas não posso. Ele está atordoado e dolorido, esmagado pelas minhas palavras, mas não dura muito tempo.

O som de passos pesados atrás de nós me força a me esmagar no abraço de Nik. Agarrando sua camisa, eu imploro em um sussurro, "corra."

Eu posso sentir sua grande mão espalmada ao longo do meu ombro, me puxando para mais perto dele enquanto ele sussurra contra o meu cabelo. "Nunca. Nunca mais."

Meu rosto está enterrado em seu peito quando ouço meu nome gritado atrás de mim. Por um momento, imagino que possa permutar minha vida por Nikolai, mas não acredito nem por um segundo que

Carter iria negociar comigo. Não quando não tenho controle e nada mais a oferecer.

O momento é de curta duração, porque ouço a voz novamente. Tão familiar, mas parece que foi muito tempo desde a última vez que ouvi meu primo Brett.

Choque me força a me afastar de Nik, mas novamente tudo acontece tão rápido. Mesmo quando ele me agarra em um abraço de urso, Brett me arrasta ao longo da borda da floresta para uma estrada de terra onde uma caminhonete velha e surrada está parada. Há dois outros homens conosco, mas não me lembro de seus nomes e com Brett agarrado ao meu lado, não tenho tempo para perguntar.

"Eu sinto muito, Ria," meu primo continua dizendo enquanto nos movemos para a caminhonete. "Eu sou um bastardo e um covarde, e me desculpe."

"Tudo bem," eu digo a ele repetidamente, sem saber o que dizer ou como consolá-lo. Ou de onde diabos ele veio. "Eu lhe disse para correr," é tudo que posso falar, mas ele balança a cabeça, com o remorso inundando os olhos.

"Dois atrás, armados e prontos." Nik dá o comando quando a porta da caminhonete se abre com um rangido que atravessa a floresta.

"Ria." Brett diz meu nome reverentemente antes de me abraçar uma última vez e me ajudar a entrar na caminhonete. Os assentos de couro secos estão rachados. Eu nunca vi esse carro em toda a minha vida.

"Não se preocupe, o barulho é apenas feito para parecer que é algo a ser ignorado," diz Nik, como se estivesse lendo minha mente. Meu olhar encontra o dele enquanto a caminhonete balança com Brett e um dos outros caras subindo atrás e debaixo de uma lona, armas apontadas através de buracos imperceptíveis. Essa caminhonete foi feita para fugas. O zumbido silencioso do motor é tudo que ouço por um momento.

É só então que eu sinto que é real. Como se eu estivesse deixando Carter e indo para casa.

Voltando ao meu pai e seus homens.

Os outros dois homens que não conheço, embora seus rostos sejam tão familiares, mas seus nomes ainda me escapam nesse momento. Eu posso sentir seus olhos em mim enquanto eles sobem atrás, avaliando, julgando e questionando. Querendo saber o que aconteceu e mais importante, de que lado estou, tenho certeza.

*Ele me deixou fugir.* É tudo que posso pensar. Carter deixou eles me levarem. Essa é a única maneira que poderia ser tão fácil.

O pensamento traz uma onda de emoção pela minha garganta e sinto que vou ficar enjoada de novo. O esforço seco me força a abrir a porta e me inclinar para fora dela. O ar está frio contra o calor súbito se espalhando pelo meu corpo e viajando até o meu rosto.

Tudo está quieto enquanto a ânsia me deixa. É repugnante e deixa uma queimadura ácida em seu rastro. Mas mesmo quando acabar, não posso voltar ao carro completamente. Eu me inclino para fora, sentindo o ar frio e desejando poder sair tão facilmente quanto o vento pode.

Tudo é demais. É tudo muito rápido e eu seguro minha barriga, sem saber o que pensar ou o que fazer.

É só quando Nik gentilmente esfrega minhas costas e sussurra que nós temos que sair que eu me resigno ao destino que escolhi.

"Eu não planejei isso," eu confesso para Nikolai quando ele me puxa de volta para a caminhonete e me dá um guardanapo para limpar minha boca.

Não planejei deixar o homem que amo. Eu não planejei que ele permitisse isso.

Eu não planejei correr de volta para minha família, para seu inimigo.

E eu não planejei a pequena vida que queria proteger de tudo isso.

Eu precisava correr para fugir. Não cair no mesmo jogo, apenas para descobrir que a cor das minhas peças mudou.

"Ele vai me odiar," eu digo baixinho e mais uma vez, Nikolai me puxa para ele. A caminhonete ainda está ociosa e sei que o tempo está passando. Tempo precioso.

Nik chama um dos caras para vir dirigir e corre para o meio para que ele possa me consolar, mesmo quando eu choro por Carter.

Quando o outro homem entra no banco do motorista, dando-me um olhar de simpatia, Nik chega por trás do assento e tira um grosso cobertor de lã.

"Está tudo bem," Nik me diz, não aproveitando o momento para amaldiçoar Carter ou questionar minha sanidade. "Estamos indo para casa."

***

DURANTE OS PRIMEIROS DEZ MINUTOS, esperei que as balas voassem do nada. Eu estava pronta para a bala de aço bater contra a caminhonete. E então pensei que talvez Carter aparecesse na frente da caminhonete. De pé no meio da estrada como um louco.

Demorou muito para eu engolir a pílula irregular. Eu realmente deixei Carter. Ele não vai me pegar de novo.

"Você não tem que me dizer agora." A voz de Nik corta meus pensamentos. O homem ao volante, um homem chamado Connor, olha para mim. Eu sei que ele está curioso. Eu não posso imaginar o que todo mundo pensa de mim, sabendo que escolhi ficar com Carter quando eles vieram me resgatar.

Com toda a sinceridade, considero contar uma mentira, só para que eles não saibam como me apaixonei por ele e como os traí com isso. A ideia vem e vai com o estrondo da caminhonete sendo levada para o ar do outono.

"Você não tem que me dizer agora," ele repete e eu olho nos olhos de Nik enquanto ele continua, "mas eu preciso saber tudo o que você lembra." Ele balança a cabeça ligeiramente, como se quisesse que eu concordasse com tal coisa.

"Você não quer saber, Nik," eu lhe respondo, sentindo a dolorosa fissura novamente no meu peito. Minhas bochechas esquentam enquanto olho para minhas mãos e me afasto dele. Eu começo a dizer a ele que eu amo Carter e que eu só corri porque ele não me ama de uma maneira saudável. Eu só corri porque não suporto pensar em uma criança crescendo neste mundo que habitamos. Eu queria fugir de tudo, mas quando a caminhonete passa sobre uma lombada, eu sei que eu só corri para outro inferno.

"Você está segura agora," diz Connor calmamente de seu assento. Demoro um longo segundo para lembrar quem ele é. Para colocar seu rosto e sua voz. Virando-se no meu lugar, lembro-me do outro homem de quando éramos mais jovens. As memórias reunidas e me lembrando quem eu sou.

"Que tal eu te contar um segredo?" Nik oferece. Ele coloca a mão na minha coxa e esfrega um círculo calmante com a ponta do polegar. Ele é muito mais alto do que eu, tenho que esticar o pescoço para olhar para ele depois de vê-lo engolir.

O ar muda instantaneamente, enrijecendo e tornando-se espesso. Muito grosso quando Nik começa: "Você se lembra do dia em que nos conhecemos? No funeral do meu pai quando éramos apenas crianças?"

Meu pulso fica fraco quando eu respondo a ele, sabendo bem dentro de mim que Nikolai nunca vai me machucar, mas também sentindo que o que quer que ele esteja prestes a me dizer, seja o que for, vai me causar dor. É o olhar em seus olhos. Eu reconheço isso muito bem.

"Você tem que esperar que eu termine," Nik pressente sua confissão, e eu aceno. "Diga-me que vai. Prometa-me, Ria," ele me comanda, sua voz endurecendo.

Eu olho para Connor, que cautelosamente olha para nós antes de eu dizer a Nikolai: "Eu prometo." Com uma respiração rápida eu acrescento: "Eu vou deixar você terminar."

Borboletas voam na boca do meu estômago quando Nikolai diz: "Eu estava trabalhando para Romano no funeral. Quando meu pai morreu, eu estava trabalhando para Romano."

As palavras me atingiram repetidamente. *Trabalhando para Romano.* Uma onda revoltante de náusea se espalha através de mim enquanto Nikolai engole e olha para mim, esperando por uma resposta. Eu não posso respirar.

*Romano. O homem que me levou e me trocou por uma guerra. O homem que me queria morta naquela noite que eu matei Stephan, ao invés de ter seu aliado assassinado.*

Meu corpo endurece e não consigo controlar. Eu nunca temi Nikolai, não até este momento.

"Romano me contou que seu pai matou o meu pai. É por isso que fiquei com tanta raiva quando você me tocou. Quando você se aproximou de mim como se tivesse algum direito."

Eu não posso engolir e eu me esforço para respirar.

"Eu não sei o que meu pai..." Eu luto contra a necessidade de explicar, defender, fazer o que for preciso para sobreviver com a raiva que se eleva lentamente. Mentiras. Minha vida foi construída em tantas mentiras e com tantos homens que não posso confiar.

Nikolai me interrompe. "Não importa. Nada disso importa, Ria."

Eu tenho que morder meu lábio para não gritar com ele para não me chamar pelo nome que minha mãe me chamou. A traição e a raiva se agitam dentro de mim, preparando um coquetel que não tenho certeza se posso controlar.

O meu melhor amigo. Meu único amigo. Me enganou por anos. Ele era um informante. Um maldito informante!

"Seu pai me disse que foi Romano quem fez isso. Que Romano matou meu pai. E eu não sabia em quem acreditar. Eu não tinha ninguém, mas ambos haviam me contratado. Eu era apenas uma criança. Eu estava com raiva e mais do que isso, eu estava com medo e tão solitário."

A caminhonete se move continuamente até sairmos da estrada de terra, seguindo por uma estrada de asfalto fino.

O dia no funeral volta para mim lentamente com o ruído silencioso, a imagem pintada em um tom diferente do que eu já vi antes.

"Eu ainda sou o mesmo, Ria. Você tem que entender. Eu era criança e você não diz não a homens como seu pai... ou a homens como Romano."

"Meu pai sabia?" Eu consigo perguntar a ele quando a raiva diminui e o garoto em minha memória olha para mim. Eu me lembro do rosto dele. Eu me lembro da raiva e lembro como ele me segurou em troca. Como eu precisava de alguém como ele precisou. Ele era meu alguém. Mas as mentiras... Estou tão farta dos pecados e dos segredos.

"Não." Sua resposta é solene. "Romano queria que eu mantivesse os olhos em Talvery, e Talvery me contratou para fazer o trabalho de merda. Eu imaginei que um dia, um deles me mataria." A voz de Nik é resignada e plana, sem nenhum motivo revelado em suas palavras além da sobrevivência. "Romano me mataria por não contar tudo a ele. Ou seu pai, por ser um informante. Eu não queria isso. Eu era apenas um menino."

Através dos meus cílios, eu espio Connor, que não responde. Foi quando me ocorreu que Connor também sabia.

A adrenalina dispara através de mim, me entorpecendo enquanto o olhar de Connor pega o meu.

"Eu não trabalho para Romano," Connor me diz antes que eu tenha que perguntar. "Mas eu sei que Nik sim - todos nós - há anos."

Meu intestino se agita. Minha garganta está apertada quando olho para Nik. "Por que você não me contou?" As palavras são apenas sussurros.

Nik não fala, ele só olha para mim com pena, mas Connor responde em seu lugar. "Seu pai vai nos matar se ele descobrir que sabemos, Aria." Eu mal posso tirar meu olhar de Nik para olhar de volta para Connor. "Você não merecia ser colocada no meio."

A ironia de suas palavras não está perdida em mim.

"Eu tive que ficar e quando tudo aconteceu, eu fiz o que tinha que fazer para sobreviver."

"Você não precisava ficar," eu argumento.

"Sim, eu precisava."

"Por que você ficou? Você poderia ter saído a qualquer momento e apenas fugir." Eu empurro as palavras para fora, contendo minha raiva que está diminuindo, e me lembrando de todas as vezes que estivemos juntos. Em uma época da minha vida, ele era meu tudo, e ainda assim, ele se agarrou a segredos que poderiam ter me destruído.

Ele está quieto por tanto tempo, eu começo a pensar que não fiz a pergunta, até que eu olhei para ele.

Ele olha de volta para mim com tanta dor nas profundezas de seus olhos assombrados. Dor que eu ainda não sei, mas em algum lugar no fundo da minha alma eu sabia. Eu sempre soube.

"Eu nunca poderia deixar você, Ria," ele me diz e, em seguida, rasga o olhar para olhar para frente, quando seus olhos encobrem.

"Então por que eles me levaram?" Eu pergunto a ele e engulo o nó duro que cresce na minha garganta. "Você me deu a Romano!" Minha voz levanta e eu não posso evitar, mas quando isso acontece, Nik me aperta mais e olha para mim com uma ferocidade que é inegável.

Ele me disse que ele é a razão pela qual eu fui levada. É culpa de Nikolai que tudo isso começou. Se ele me amasse tanto, por que ele ousaria arriscar?

"Não, eu não dei. Ele me fodeu e vai pagar por isso." A mandíbula de Nik é dura e os olhos escuros de raiva. O tipo de raiva que eu já vi antes. Raiva que vem com vingança.

"Eu queria você longe desta vida," ele confessa para mim, seus ombros relaxando enquanto olha pela janela atrás de mim. "Seu pai está ficando mais velho. Todo mundo sabe que seu tempo está chegando ao fim. O que você acha que teria acontecido com você?"

Eu não respondo a pergunta do Nik.

"Ele prometeu que salvaria você. Eu te atraí para fora, pegando seu caderno, e sabia que você tentaria recuperá-lo. Eu sabia que você pensaria que era Mika. E Romano mentiu para mim. Me desculpe, Ria. Seu pai não tem muito tempo e eu precisava te proteger. Eu precisava de você longe de tudo isso."

"Não era sua decisão," é tudo que posso dizer a ele. Meu caderno. É um sentimento estranho ter um objeto tão significante em uma vida onde nada é mais significativo.

"Eu não posso acreditar que foi você."

"Eu tinha que salvá-la," ele me diz e se recosta em seu assento, aparentemente terminando a conversa.

É difícil não culpar ele por tudo. Tudo pelo que passei. Eu luto com todas as emoções correndo pelo meu sangue.

"Você o ama, não é?" Ele me pergunta com uma ponta de desgosto em seu tom. "Ele fez uma lavagem cerebral em você." Ele se dá uma explicação sem esperar pela minha resposta.

"Eu amo," eu digo, olhando Nikolai bem nos olhos. "Eu amo Carter Cross..." Eu tenho que engolir antes de terminar. "Mas eu não sou burra o suficiente para pensar que duraria... Porque ele não me ama. Não como eu preciso."

Meu coração faz essa coisa horrível naquele momento. Bombeia, mas é sem vida. Bate, mas não há som. Desiste de mim neste momento e posso sentir quando acontece.

É uma mentira nos meus lábios. Eu ouço um sussurro na parte de trás da minha cabeça.

Eu tenho que lembrar porque eu saí. Eu tenho que lembrar desta vida e o que ela faz com as pessoas.

"Eu preciso sair daqui," murmuro baixinho, não para Nikolai ou Connor, mas para mim mesma.

"Eu posso ajudá-la," Nik é rápido para me dizer, me puxando para perto dele, embora eu ainda esteja em seu alcance. "Eu farei certo. Eu vou tirar você daqui, Ria. Eu só tenho que fazer uma coisa primeiro."




"É CLARO QUE ele a levaria de volta para ele." As palavras são acompanhadas de silêncio enquanto observamos Nikolai e sua equipe chegarem e esperar que os portões da propriedade de Talvery se abram.

Ela não correu para Nikolai - nem para o pai dela. Eu sei que ela não sabia. Ela correu, e ela tinha um bom motivo com a maneira como eu a tratava, mas ela não correu para ele.

Eu vi a filmagem.

"Sinto muito," diz Sebastian na parte de trás do Grand Cherokee SRT. O SUV preto fica nas sombras. Com vidros escuros e um motor que pode atingir cem quilômetros por hora em quatro ponto oito segundos, é o nosso veículo de ataque, armado e equipado para qualquer coisa que apareça no nosso caminho.

Nós compramos anos atrás para que pudéssemos correr atrás de batidas.

Enquanto nos sentamos ociosos ao longo da floresta a dois quilômetros de distância da propriedade de Talvery, eu não dou a mínima para me afastar de qualquer coisa. Não sem Aria.

"Ela ia fugir como podia," murmuro sob o fôlego no banco do motorista, desculpando Sebastian.

"Ainda assim..." Ele murmura, passando a mão pelos cabelos. Ele mal consegue olhar para mim e eu odeio isso. Não é culpa dele que ela correu. Não é culpa dele que ela tenha fugido. É minha.

O volante está quente sob o meu aperto e tudo dentro de mim está me empurrando para sair e invadir as portas da frente da propriedade de seu pai.

O que me deixaria morto nos degraus da frente de mármore polido.

Ela está tão perto, mas fora do meu alcance enquanto os arbustos bem aparados que se alinham no caminho até a porta balançam com o vento na tela. Eu só estive mais perto dessa propriedade uma vez na minha vida.

À mercê de seu pai quando eu era apenas um menino.

Eu engulo a memória quando a porta do carro se abre e vários homens com metralhadoras se aproximam da caminhonete surrada de Nik.

Aquele idiota do caralho.

Meu coração bate no meu peito quando a vejo. Seus cachos morenos caem ao redor de seus ombros. Sua camisa está rasgada e ainda há sujeira cobrindo metade de sua bunda até a perna.

Ela não se comporta como a garota que costumava ser. Sua cabeça está erguida e seus ombros estão retos, mas o medo ainda está lá, dançando em seus olhos de corça.

Por mais que ela não possa esconder que ela é uma mulher voltada para esta vida, ela não pode esconder o medo que ela tem de ser pega no meio de uma guerra também.

Aria não para de olhar ao seu redor quando Nikolai a conduz até a porta da frente, olhando por cima do ombro na direção da câmera que invadimos. Como se ele soubesse que estamos aqui.

É somente quando os homens a cercam, que percebo o quão quieto está no SUV.

A vergonha e arrependimento dificilmente se registram. Vergonha do jeito que eu a tratei. E lamento por tudo isso.

"Eu vou fazer melhor por ela," eu digo a eles e ainda nem um maldito homem fala. Eu vejo Sebastian acenando na minha visão e tenho

que fechar os olhos e respirar fundo antes de abrí-los para ver a mão de Nikolai nas costas de Aria. E então a grande porta da frente se fecha.

"Vai ser diferente quando a guerra acabar," Jase oferece e Sebastian concorda. Como se isso fosse por causa da guerra.

"Vai ser menos complicado." Daniel entra em cena.

"Menos necessidade de lutar," acrescenta Declan.

Nunca foi a guerra, embora. É minha culpa.

Sabendo que Nik está com ela alivia um pouco da tensão correndo através de mim. O ciúme está presente como sempre, mas não tenho tempo para isso. Ele vai protegê-la, e essa é a única graça que eu tenho agora. Nikolai não vai deixar nada acontecer com ela, e eu devo a ele por isso. Eu sei mais sobre Nikolai do que qualquer outro homem de Talvery por um motivo. Ele é quem sempre esteve com Aria. Ele é o único de quem eu queria todos os detalhes. E ele a ama, eu sei que ele ama. Eu devo a ele mais do que eu jamais o deixarei saber.

Ele pode ser seu herói no momento. Ele pode protegê-la.

Eu não dou a mínima se eu não sou nada além do vilão que a captura.

O vilão que a mantém contra a sua vontade até que a sua vontade mude.

O vilão que porá fim a esta guerra e ao império a que seu último nome dá força.

O vilão que não vai parar por nada para tê-la completamente.

E o resto de mim, o que restar, o resto de mim pertencerá a ela. Sempre.

Não tenho escolha, isso é tudo que vou aceitar.

E ela aprenderá a aceitar também.

"Nós já conhecemos o lugar e temos o número dos homens." Jase é o primeiro a chegar aos negócios. Hoje à noite, Talvery finalmente cairá.

Há oito homens na entrada da frente. Outras quatro torres ao longo das altas paredes de tijolos que cercam a propriedade. Cada um deles com um punhado de homens armados e prontos.

Haverá ainda mais homens dentro. Eles terão que morrer também.

"Onde quer que acertemos será uma distração," Declan diz como se estivesse pensando em voz alta, "mas eles também vão enviar Talvery para o quarto seguro."

"Nós precisamos conter ele e Aria também, se pudermos," Jase responde à declaração de Declan, inclinando-se para frente em seu assento para olhar para as plantas no tablet.

"O quarto seguro é grande, mas se nos livrarmos dele como uma opção, eles não terão para onde ir, eles estão em desvantagem... é só a questão da sala segura e se há alguma coisa que nós não temos visto."

"Atinja o quarto seguro, em seguida, então," eu respondo sem pensar duas vezes, mas depois adiciono, voltando-me para encarar Jase, "A menos que eles levem Aria lá."

Ela trancada num quarto, recusando-se a deixar-me entrar mesmo sabendo que estarei à espera dela e que só o tempo a mantém longe de mim, é exatamente o que a nossa relação tem sido. Eu posso ver isso sendo revertido tão facilmente.

Esta noite eu tiro essa opção. Esta noite eu mudo o curso do nosso destino. Eu escolho-nos para sempre. Não há mais luta.  Eu já lutei bastante nessa vida. Eu só quero amá-la.

"Todo mundo está no lugar?" Eu pergunto a Jase e ele balança a cabeça solenemente. Saímos de casa e de todos os bens que possuímos desprotegidos. Todo homem solteiro está aqui. Todo homem pronto para sangue. A única exceção é uma pequena equipe que guarda Addison agora, longe de tudo isso.

"Eu tenho os vídeos de segurança." Enquanto Declan fala, meus olhos se abrem e eu espero a tela virar para um novo fluxo de vídeo, um que mostra as imagens hackeadas dentro de cada um dos quartos de Talvery até que ele caia em uma imagem de Aria.

As imagens passam pela tela, movendo-se enquanto ela se move, e me concentra em sua expressão.

Minha pobre Aria. Porra, eu nunca a vi com essa dor antes.

"Você é bom para alguma coisa, Declan," Daniel diz a ele, com a mão na arma carregada em seu colo.

"Foda-se você também," Declan responde com um sorriso.

"Parece como nos velhos tempos," diz Jase e eu olho para ele, olhando para cada um dos meus irmãos e Sebastian. Isso acontece.

"Já faz um tempo, não é?" Eu digo a ele, sentindo cada pulso nas minhas veias. A tensão, o acúmulo. Mas algo mais também.

"Desde que se sentiu como se tudo estivesse montado neste momento?"

"Sim," eu respondo a ele.

"Muito tempo," Sebastian diz baixinho, verificando sua arma e, em seguida, batendo o pente no lugar com a ponta da mão.

"Isso costumava ser emocionante, no entanto," diz Jase calmamente, olhando para a tela mostrando os homens do lado de fora da porta para onde Aria foi levada. Alguns homens esperam do lado de fora, mas Nikolai entra com ela. "Isto é diferente."

"Há muito em jogo hoje," eu digo a todos e seus acenos são instantâneos.

"Vamos pegá-la e levá-la para casa," Jase me diz e Sebastian olha entre nós dois.

"Quando isso acabar," Sebastian diz, "eu não vou embora. Vou trazer a Chloe para casa, ela virá comigo." Eu não tenho tempo para responder.

"Primeiro Talvery, depois Romano. Sua bunda não vai a lugar algum." A resposta de Jase puxa os lábios de Sebastian em um sorriso torto.

É difícil deixar passar as palavras, mas digo aos meus irmãos algo que muitas vezes não faço. "Obrigado." Eu engulo em seco e, em seguida, viro para cada um deles, os assentos de couro gemendo quando eu faço. "Obrigado por estarem aqui. Por me ajudarem e por ajudá-la."

"É claro," diz Jase, seus olhos procurando os meus e o triste sorriso aparecendo. "Nós sobrevivemos juntos. Lutamos juntos... Amamos juntos."

"Eu não estaria em outro lugar. Você precisa de mim," Sebastian me diz e me olha nos olhos. "Principalmente porque eu estraguei tudo, mas ainda assim, você precisa de mim."

Sua piada ilumina o clima um pouco, o suficiente para deixar as outras emoções diminuírem um pouco. As emoções que me lembram que ela me deixou. As que me provam que são por minha causa.

Com a mão agarrando meu ombro, Sebastian me diz: "Vamos pegá-la de volta."

"E eu vou mantê-la," eu digo a eles, querendo dizer cada palavra. Eu vou manter ela de todo jeito, eu sei como.

"Tudo bem, o suficiente com essa merda," diz Declan, e Daniel solta uma risada curta. Faz muito tempo desde que eu tive uma conversa como essa. Uma que é real e toca um pedaço de mim que permanece adormecido. Uma peça que Aria tem como refém.

"Eu tenho tudo sob controle agora," Declan fala da parte de trás do SUV. "A sala do cofre está vazia, mas não está perto o suficiente das salas externas para ser acertada facilmente."

"Aden tem visão em qualquer lugar perto do quarto seguro?"

"Ele pode bater no lado oeste pela janela do corredor, enviar as bombas de fumaça e emboscar esse lado da casa. Nós vamos entrar e sair com as bombas dentro de alguns minutos, mas eles vão reagir. As chances de sair não são as melhores." Jase responde por Declan, e eu posso ver o plano já formulando em sua cabeça.

Aden já está esperando do outro lado. Eles estão esperando pela ordem de Jase.

"Precisamos acertar todos de uma vez," digo a Jase. A adrenalina no meu sangue está quase me sufocando. Só porque estou sentado aqui. Eu preciso me mover, acabar com essa merda e tê-la de volta. "Diga a todos eles para atacar no meu comando."

Quando digo as palavras, a visão na tela muda e ela volta para Aria. Seus braços estão cruzados e ela fica sem jeito na sala central. De frente para Nikolai, nenhum deles se moveu, mas ambos demonstram arrependimento.

Não há nenhuma maneira que eu não faça tudo o que puder para segurá-la.

"Ataque as torres, a entrada da frente e a sala de segurança de uma só vez. Nós temos mais homens do que eles." As palavras me deixam no segundo em que a tela muda novamente.

"E quanto a Romano?" Declan pergunta.

"E ele?" A raiva e o ódio no tom de Daniel refletem o mesmo em cada um de nós.

"Ele poderia tentar fazer um movimento em nós, enquanto nossas costas estão viradas," diz Declan e, em seguida, corta para uma imagem mostrando seus homens ao longo do território. Eles estão prontos para atacar, esperando que Talvery enfraqueça. Se nós os derrubarmos primeiro, Romano nos cercará e se ele desejar, ele poderá atacar.

"Ele não sabe que sabemos, ainda não," Jase responde e então Sebastian afirma: "Vamos manter o lado norte mais forte para Talvery, empurrando seus homens para o lado mais pesado que Romano armou. Nós não temos que matar todos eles, apenas o suficiente para superá-los. O suficiente para fazê-los perceber que Talvery, o nome, o império, não existe mais."

"É como antes, ninguém morre voluntariamente por um homem morto." Os olhos de Jase brilham com as memórias de todos os desafiantes que derrubamos no passado. O nome Talvery pode ser antigo, pode ter poder, mas quando o homem está morto, o nome não significa nada.

"Qual é o plano?" Jase me pergunta e acrescenta: "Passo a passo."

"Precisamos nos aproximar primeiro," digo a ele. "Ela está na ala leste, então podemos cortar as imagens, atacar a torre leste discretamente sem bombas, fazer a nossa aproximação e, assim que chegarmos, atacar as outras torres e a sala de segurança."

"Eles vão estar procurando em todos os lugares por nós," responde Jase, balançando a cabeça e respirando fundo. "Você entra e pega ela, Sebastian e eu vamos e tiramos quem vem correndo."

"Elimine as imagens assim que chegarmos perto da torre leste. Vamos caminhar pela linha das árvores," digo a Declan e ele responde rapidamente. "As câmeras giram a cada noventa segundos. Você vai precisar das imagens manipuladas antes de passar por essa estrada. Ou então eles vão te ver chegando."

"Há homens no chão," Jase fala. "Corta as imagens, vamos entrar lá, matar aqueles dois filhos da puta fora da torre leste e usá-los para entrar."

Sebastian olha para Declan e pergunta: "As impressões digitais estão corretas?" Com um aceno de Declan, Jase acrescenta: "Mortos ainda têm impressões. Vai funcionar."

Com meu irmão e meu amigo atrás de mim, meus homens cercando o inimigo e prontos para a guerra, é a hora. Meu coração bate quando eu corro através da floresta e levanto a minha arma, ouvindo os gritos assustados das torres em relação aos suprimentos de segurança que vão para baixo. Eu posso ouvir o medo deles. Eu posso sentir isso enquanto eu levanto minha arma nas sombras. Nós três atiramos, as balas abafadas com os silenciadores, antes que os dois homens, homens como eu, nos vissem. Os dois primeiros homens a morrer esta noite. Seus corpos ainda estão quentes, pesados e moles enquanto os arrastamos para o bloco de segurança, limpando o sangue de seus dedos em nossas calças para ganhar a entrada e começar a terminar esta guerra.




"Eu não posso ver você com ele." A voz de Nikolai é calma, de alguma forma parecendo indulgente enquanto ele me assiste no escritório do meu pai.

Eu fico olhando para ele nas fotos na parede do meu pai. Há uma foto da minha mãe e meu pai, com meu tio entre eles. Eu nunca conheci ele. Na foto ele está segurando-os perto, com os braços em volta dos ombros. É uma foto em preto-e-branco, tirada pouco antes de meu tio ser assassinado. É apenas uma de quase uma dúzia de fotos na parede à direita da mesa do meu pai. Mas apenas aquela foto e outra foto me chamam a atenção.

Eu respiro para dentro e para fora lentamente enquanto olho para a segunda foto, tentando ficar de pé e não deixar transparecer que alguma coisa está errada.

É a casa do Carter. A casa dos irmãos Cross. A mesma fotografia que está no foyer de Carter. Gelo se espalha sobre a minha pele e tudo que eu posso ouvir são minhas respirações superficiais.

Eu juro que é a mesma. Eu soube quando vi pela primeira vez que a imagem era familiar. Eu pensei que talvez eu estivesse lá antes, mas é por isso que era tão familiar.

Meu pai tem uma foto da velha casa de Carter, a casa que ele destruiu, pendurada em seu escritório. É um maldito troféu? Um lembrete de algo? Meu estômago se agita quando eu cruzo os braços com mais força, sentindo-me cada vez mais como um animal preso. Eu queria que meu pai estivesse aqui para que eu pudesse perguntar a ele. Então eu poderia enfrentá-lo depois de tudo que aconteceu. Se ele estivesse...

não posso nem imaginar onde começaríamos. Uma vida chegou e se foi. Eu não sou a mesma pessoa que eu era quando eu pisei pela última vez nesta casa.

Não importa, no entanto. Ele não está aqui, e duvido que ele vá atrás de mim até que ele tenha tempo. Os negócios sempre vêm primeiro.

"O que ele fez para você, Ria?" Nik me pergunta e eu me viro para ele. Sentado na poltrona de couro cor de uísque no canto da sala, vejo Nikolai sob uma luz diferente da que eu já vi antes.

Não como meu amigo ou ex-amante, não como o garoto que precisava de mim. Mas como um homem na dor e na borda, imprudente e querendo mudar, precisando e pronto para levá-lo.

Eu o vejo como um perigo.

"Nikolai, você está me assustando," eu sussurro com uma quietude que implora para que fique em silêncio, mas de alguma forma as palavras o encontram. O canto de seus lábios se abaixa quando seus olhos se movem com uma leve luz de reconhecimento.

"Eu não quero, eu só não acho que você percebe o que tem que acontecer," ele me diz e depois engole com um olhar de angústia em suas feições.

"O que tem que acontecer?" Pergunto a ele, sentindo minhas mãos ficarem frias enquanto permaneço sem rumo na sala. Sabendo que estou novamente à mercê de homens que me enganam.

"Hoje os homens vão morrer."

"Homens morrem todos os dias," eu sou rápida para responder e ele me dá um sorriso triste com seu bufar, inclinando-se para a frente com os cotovelos nos joelhos. Ele olha para o chão e não para mim. Seus olhos se fecham enquanto eu viro para a porta do escritório, ouvindo gritos ecoando pelos corredores. Os vídeos estão inativos. O celular de Nik dispara, mas apenas por um segundo antes de silenciá-lo e seu olhar se mover para mim.

"Está tudo bem. Você tinha que saber que ele viria por você," ele me diz, seus olhos me implorando para negar, mas ele já sabe a verdade.

As batidas no meu peito se intensificam, e um calor se espalha através de mim, mas não o suficiente para parar a frieza que se agarra a mim.

"Você vai me odiar se eu fizer isso mais fácil?" Nik me pergunta, deslocando seu peso e alcançando atrás dele a arma enfiada na parte de trás de suas calças. "Se eu o matasse, você me odiaria?" Ele me pergunta, mas balança a cabeça antes que eu possa responder. Meus lábios estão separados e as palavras estão lá, *sim, eu irei te odiar para sempre se você matá-lo*. Os pedidos não são os mesmos que eu ouvi antes, falados da minha própria boca.

"Você sabe que eu te amo," ele me diz e acrescenta: "E você sabe que ele não é bom para você." Eu vejo os músculos de seu pescoço tensos enquanto ele engole. Ele se levanta e puxa uma gaveta aberta na mesa do meu pai, pegando outra arma, verificando se ela está carregada e colocando-a na mesa antes de fechar a porta.

"Você fugiu dele... Mas ainda assim, você quer que ele viva."

"Eu não posso explicar," eu digo a Nikolai, observando cada pequeno movimento.

Ele espreita para mim, ouvindo o rastro de medo em minhas palavras e abaixa a cabeça. "Eu nunca te machucaria, Ria. Pare de olhar para mim como se eu fosse."

"Existem diferentes tipos de dor. E eu recentemente aceitei que algumas pessoas, alguns homens muito próximos a mim, não podem deixar de me causar os piores tipos de dor."

"Não me compare a ele," ele retruca, e a ameaça em sua voz é tão fria quanto a nitidez em seus olhos quando ele olha para mim.

A resposta sarcástica e plana vem de um lugar de dor dentro de mim. "Como ousaria fazer uma coisa dessas?"

"Você está apenas doente." Nikolai fala mais para si mesmo do que para mim. "Você verá. Quando tudo isso acabar, você verá."

"Eu pensei muito sobre isso. Sobre se eu estava doente ou não," eu digo a ele quando ele dá a volta na mesa e se inclina contra a frente dela.

"Acho que talvez por um momento eu tenha estado. Talvez quando eu não estava bem, e eu sei que não estava bem por causa dele. Mas eu posso ver claramente agora. E estou pensando mais em mim mesma hoje em dia." Meus dedos coçam para tocar minha barriga, mas eu não faço. Eu não quero que ele saiba ou qualquer outra pessoa. Eu vou esperar o meu tempo e depois vou correr muito longe. Eu serei outra pessoa. E deixar todos os traços de Aria Talvery e este mundo para trás.

"Você não acha que se você estivesse doente, você não saberia?"

Eu aceno uma vez, sentindo uma força subir dentro de mim. "Você não está errado, mas a coisa é que, mesmo que eu esteja doente, eu gosto de quem eu sou mais agora do que antes. Eu vejo o mundo pelo que é e sou mais forte por isso." Eu não digo a Nikolai, mas no fundo eu sei que posso ser quem eu quiser. Eu posso fazer o que eu quiser fazer.

Neste momento, correr é o que eu escolho, porque eu quero que essa criança viva uma vida cercada de amor. E eu não sei se é possível ter isso com Carter. Não importa o quanto eu o ame ou o quanto ele acha que me ama. Ele não sabe amar. E eu não vou permitir essa vida para o meu filho.

Com esse pensamento, parece que um prego irregular percorre todo o comprimento do meu peito por dentro. Me rasgando. Não está certo e não é justo, mas nada sobre isso é justo.

"Você é forte, Aria, mas eu posso te dar um mundo onde você não tem que ser," diz Nikolai. Sua voz acaricia a dor que cai sobre mim. Três cenários brincam em minha mente, guerreando por dentro.

Um onde Nikolai me segura como ele costumava fazer. Onde eu olho para ele com o amor e o desejo que costumavam ser, e então eu olho para uma criança pequena em meus braços, uma que não pertence a ele. Um bebê que sempre me lembrará que eu não amo Nikolai tanto quanto uma vez eu amei outro. Nikolai cuidaria de mim, ele me amaria e cuidaria não só de mim, mas também desse bebê. E eu usaria ele. Eu sei no fundo do meu coração que é tudo o que seria.

Outra versão do conto de fadas fodido me coloca de volta na cama de Carter, de pernas cruzadas com uma criança aninhada e empacotada no meu colo enquanto eu espio para o homem que amo, sentado do

outro lado da sala em uma cadeira, observando-me à distância que ele escolhe.

O pai do meu filho.

A fera de um homem.

Se as coisas fossem diferentes, eu nunca sairia do seu lado. Mas desejos e esperanças não fazem nada. As coisas não são diferentes, e eu não vou criar uma criança com o veneno e tensão que vem com o lado de Carter.

E na terceira visão, a que escolho, estou sozinha em uma varanda quieta, balançando uma criança em meus braços. Eu vejo a pequena casa afastada à distância de uma estrada de terra. Longe de tudo. Talvez um menino ou talvez uma menina, mas de qualquer forma, não haverá ódio, nem vingança que permaneça ao nosso redor. O vento vai sussurrar canções de ninar e, embora este bebê não tenha um pai, eu darei a ele ou ela tudo o que tenho e o protegerei do que eu já fui e desse mundo vicioso de onde eu vim.

Um dia vou contar uma história tão crua e tão verdadeira que ele não vai acreditar. Será apenas um conto de fadas que deu errado. Mais importante, essa criança será mais forte e melhor do que jamais serei. Eu não posso escolher uma vida melhor para mim. Mas eu posso dar uma para esta pequena vida.

"Eu te amo, Nikolai," eu sussurro quando abro os olhos e depois me certifico de que ele me vê, realmente me vê antes que eu diga a ele, "mas não é o amor que você tem por mim. E eu amo outro mais que você."

"Você o deixou," Nikolai me lembra e eu aceno com a cabeça, sentindo a crueza arranhar minha garganta.

"Se ele tivesse me mostrado o amor que eu precisava, eu ainda estaria com ele." Eu deixo minha mão viajar para o meu estômago, onde eu sei que Nikolai vê quando eu digo a ele: "Agora eu não posso arriscar nada."

A porta do escritório se abre sem aviso prévio, trazendo consigo o som da voz do meu pai. "Ainda estaria com quem?" As palavras parecem

cautelosas. Meu coração dispara quando ele lentamente fecha a porta atrás de si e as luzes se apagam, a escuridão tomando conta até que a energia de reserva se acenda.

Meu pai olha atrás de mim, compartilhando um olhar com Nikolai antes de olhar para mim. Minha respiração vem em ofegos rápidos.

"Pai," eu exalo e não sei o que pensar. Eu não sei o que fazer. De muitas maneiras, sinto-me como sua inimiga. Simplesmente porque caí na cama, mas também apaixonada pelo homem que deseja ver meu pai dar seu último suspiro.

"Ainda estaria com Carter?" Meu pai pergunta, andando mais perto de mim, cada passo intimidante.

Eu só posso engolir até que ele solta um suspiro profundo e olha para mim com simpatia. "Eu não ouvi tudo," diz ele, seus olhos passando rapidamente para Nikolai antes de encontrar o meu olhar novamente e continuar, "mas criança, isso não é culpa sua, e me desculpe." Uma onda repentina de alívio flui através de mim. Meus pulmões estão imóveis e se recusam a se mover, mesmo com a segurança. "Está tudo bem, Aria." A voz do meu pai é calma e não dá nada além de conforto. Não posso deixar de me mover para ele e, quando faço, ele abre os braços.

Ser amada incondicionalmente é algo tão raro. Mas de pai para filho, há perdão em todos os momentos. As paredes guardadas desmoronam, embora eu esteja tão ciente de Nikolai atrás de mim e meu pai na minha frente, vindo para frente para me puxar para perto. Ele sussurra que não é minha culpa. Suas palavras são arrependidas.

Ele me segura perto dele, ele me segura como antes, mas quando eu era criança. Quando eu deixei.

"Eu sinto muito, Aria," diz ele e me segura apertado, embora sua voz esteja tensa.

"Não é sua culpa," digo a ele, porque é verdade. Esta é a vida que levamos e reproduzimos. Ninguém é culpado pelo ódio e destruição que isso traz. Simplesmente existe.

"Estou com medo," confesso contra seu peito. O cheiro de couro macio e colônia temperada me envolve exatamente como os braços dele.

"Você acha que o ama e, considerando o que ele fez, eu entendo." É quase chocante ouvir as palavras dele, mas ele sussurra: "Não me arrependo de ter que matá-lo."

Meu corpo endurece em seus braços, mas se meu pai percebe isso, ele não deixa transparecer. Um único suspiro me deixa e meus olhos se abrem, olhando para a parede em frente à mesa do meu pai, onde as imagens me encaram. "Eu deveria ter feito isso há muito tempo," diz ele quando eu recuo um pouco, querendo nada mais do que correr mais uma vez. *Corra para longe, longe*, eu penso quando meus dedos passam pela minha barriga e me afasto do meu pai. Afastando-me de meu pai, vejo que seus olhos estão tão frios e escuros como sempre foram.

Um passo e depois dois.

O segundo passo vem com o tremor do chão. Um estrondo no começo, mas depois um movimento tão agudo que quase perco o passo.

Bombas, uma após a outra e aparentemente tudo ao nosso redor. Incríveis entradas de ar. Um pico de medo e adrenalina.

Estamos sob ataque. E eu não sei se é Romano... ou se é o Carter vindo atrás de mim.

Homens gritam, mas não os dois com quem estou. Eles estão em silêncio enquanto eu caio no chão na minha bunda e me movo para a borda da sala. Para me esconder no canto e me apoiar lá. As explosões estão próximas, mas não perto o suficiente para nos atingir. Ainda assim, eles continuam chegando. Cada um soando mais perto que o anterior.

Nikolai e meu pai não procuram proteção como eu. Eles agem como se esperassem, simplesmente apoiando-se contra a parede da sala, deixando que cada golpe de soco batesse sem uma diferença em sua expressão.

O chão treme e os sons de explosões reverberam pela sala. As bombas devem estar próximas, porque as prateleiras se empurram e com elas, os livros caem. Eu observo a arma enquanto ela balança na mesa, o metal deslizando ao longo da borda enquanto ela encontra seu caminho mais perto de cair, mas de alguma forma consegue aguentar, mesmo

quando o monitor cai no chão, quebrando a estrutura e forçando um grito meu com a próxima explosão.

Isso faz sete.

O abajur se moveu para a borda da mesa, onde ele cai em câmera lenta na última explosão. Atinge a arma que Nikolai deixou no canto, e o olhar de meu pai permanece no aço.

"Chefe." A voz de Nik é severa, direta, quase uma afirmação em vez de uma pergunta, e o olhar duro entre dois homens confirma que meu pai também reconhece isso.

"O que posso fazer para ajudar?" A pergunta de Nik é casual, à vontade desta vez.

"Sete," eu sussurro a palavra, ousando ir contra os desejos do meu corpo congelado. A única coisa que posso sentir é o entorpecimento do medo. Mas eu contei sete. "Sete explosões." Os olhos do meu pai ficam nos meus e só quando ele volta sua atenção para Nikolai eu sou capaz de respirar novamente. Ele não me responde, ele não diz uma maldita palavra para mim enquanto eu fico onde estou, agachada e contando cada segundo a partir de agora até que outra bomba atinja. Mas a próxima nunca vem.

Os passos pesados atravessam a sala e no ritmo da minha pulsação acelerada enquanto meu pai caminha ao redor de sua mesa, chutando seu computador caído enquanto o faz. Meus ombros se inclinam para frente e meus olhos se fecham ao som da tela.

Eu tremo novamente quando Nikolai coloca uma mão nas minhas costas, espalhada e destinada a confortar. Não posso deixar de soltar um grito curto e me afastar até ver que é ele.

"Foda-se," eu suspiro e tento acalmar meu coração acelerado. É muito. Este mundo é demais.

"Você está bem aqui," Nik me diz e no momento em que ele faz, meu pai manda embora.

"Desça para a ala oeste. Pegue o Connor e o resto deles. Bloqueie qualquer um que entrar." Eu nunca vi meu pai do jeito que ele está

agora. Com ambas as mãos levemente colocadas em sua mesa enquanto ele está em sua cabeça, tudo em cima da superfície preta e lustrosa está em desordem e até mesmo as pinturas atrás dele estão tortas.

A sala não reflete nada do homem poderoso e controlado que governou naquele mesmo lugar durante anos. E nem o olhar em seus olhos. Há uma tristeza envolvida nos redemoinhos escuros do seu olhar. E uma sensação de aceitação, mais um cansaço que nunca vi.

"Papai?" Eu me atrevo a falar, e ele se atreve a me ignorar.

"Bloqueie o corredor e mate qualquer um que entrar." Ele não fala comigo. Apenas para Nikolai.

Um vinco se alinha no centro da testa de Nik enquanto ele gesticula para o telefone em sua mão, a tela se iluminando com notificações a cada poucos segundos. "Não há sinal de ninguém."

"Eu sei! Você não acha que eu vi as mensagens?" Meu pai grita para ele com palavras apressadas. Raiva e medo atam sua expressão, mas desta vez, Nik não se opõe. Tudo o que vejo são suas costas enquanto seu passo decidido o leva para longe de mim e para fora do quarto.

Deixando-me sozinha com meu pai.

Ainda estou no chão, esperando por outro sinal do que está por vir quando meu pai joga algo do outro lado da sala. Aterra duro na minha frente, talvez a um metro de distância e de novo, estou com medo dessa merda. Meu coração estúpido não vai desistir de tentar escapar do meu peito.

Isso é o que a guerra é, mas não sei quanto mais disso posso suportar.

"Seu caderno," diz meu pai. "Você deve pegar enquanto ainda pode." Eu mal consigo distinguir suas palavras, muito menos o que o item é com a adrenalina e o medo me atingindo. Meu caderno de esboços que perdi há muito tempo, o caderno que começou tudo isso.

Ainda estou impressionada com a traição ao saber que era Nikolai. Que toda essa merda começou com ele me atraindo e me deixando

acreditar que era alguém que eu odiava, alguém que iria danificá-lo apenas para me irritar, ou pior, queimá-lo ou jogá-lo fora, simplesmente porque ele podia. Sabendo que não era Mika, e que era Nikolai me faz segurar o caderno de desenho mais apertado. Eu acredito no destino e tudo acontece por um motivo.

A capa não é nada especial. Apenas uma variedade de flores silvestres pintadas em aquarelas. Veio assim. Mas dentro de suas páginas estão esboços do mundo em que eu morava. Aquele que me mantinha segura nos confins do meu quarto do outro lado da propriedade. Fantasias que me atrevi a sonhar. E vidas que eu nunca vivi.

Ao olhar para o caderno, percebo o quanto isso mudou tão rapidamente. Mas uma coisa nunca aconteceu. Isso nunca vai mudar.

"Eu pensei que haveria pistas sobre onde você foi," meu pai me diz, explicando porque ele tem. Nikolai roubou de mim. Quando me aproximo mais dele, apertando-o perto, ainda estou me recuperando de sua confissão.

"A foto da mamãe ainda está dentro?" De alguma forma eu tenho coragem de perguntar a ele.

Meu pai só olha para mim, um olhar duro que não posso decifrar. É quase vergonha, quase odeio que vem dele e eu não sei porquê. Ele não me responde, forçando-me a engolir com a boca seca e garganta enquanto eu me aproximo do caderno e deixo as páginas passarem pelos meus dedos até que eles caiam no mesmo lugar que eu vi pela última vez. Aquela onde eu desenhei, mas a foto não está lá.

Assim como o corte afiado no meu peito parece se aprofundar, as bordas das páginas caem da ponta do meu polegar até que elas parem, revelando a imagem bem atrás da capa.

Os amáveis olhos da minha mãe olham para mim, em preto e branco, e as lembranças dela dançam no fundo da minha mente. Quando os dias não foram tão longos e cheios do terror que eles carregam hoje.

Quando eu sabia que estava segura e amada e nada de ruim aconteceria, e ainda assim era tudo mentira.

Com um sorriso pequeno e triste, engulo a secura na garganta e pego a foto para mostrar ao meu pai, enquanto sussurro um esfarrapado: "Obrigada."

Um calafrio percorre meus ombros, fazendo um estremecimento percorrer minha espinha até que eu afaste a foto de novo. É um sentimento estranho. Um que me lembra de como me senti no banheiro esta manhã no quarto de Carter. Uma sensação de que alguém está aqui.

"Ela sempre foi tão bonita." A declaração do meu pai é dura. Nem uma grama de emoção dada às palavras. Novamente meus olhos encontraram a foto dela na parede, uma versão mais jovem da minha mãe, pendurada ao lado da foto da casa de Carter.

"Ela era," eu falo sem consentimento e, em seguida, aceno meu queixo em direção à parede, e como eu, alguém grita do corredor. Soa mais como um comando do que qualquer outra coisa, em algum lugar distante, mas é tudo o que ouvi desde que o chão parou de tremer.

Eu espero um momento, meu corpo parado, querendo saber mais do que está acontecendo, mas meu pai não hesita. Ele não parece reagir ao que está acontecendo fora desta sala, e eu não entendo o porquê.

"Essa não é a foto que você continua olhando," ele diz e o frio volta para mim, como a borda de um cubo de gelo descendo pela parte de trás do meu pescoço. "Ele também te mostrou uma foto? A foto da casa dele?"

Meu estômago se agita quando eu aceno uma vez, forçando o meu olhar para o do meu pai. "Sim," eu cuspo a palavra, tirando força da verdade e sentindo uma ponta de desafio que eu não sabia que tinha. "Por que você tem isso?" Pergunto-lhe uniformemente, de pé devagar, e agarro o caderno com força na mão direita.

"A mesma razão que eu pendurei todas essas fotos aqui. Eles são os fracassos que levariam à minha morte," ele me diz, voltando-se para olhar as fotos e me ignorando. "Cada um deles, meus erros."

Eu posso sentir a agonia me rasgar enquanto olho para minha mãe. Para a foto dela com meu tio e meu pai. Engolindo em seco, tento falar, mas não consigo.

Seu dedo bate no vidro do porta-retrato, o da casa de Carter que foi destruída. "Eu deveria ter certeza que todos eles tinham morrido naquela noite. Quando pendurei isso, pensei que seriam eles quem me matariam. Eles ainda podem. Talvez esta noite mesmo."

Uma parte de mim deseja consolar meu pai, assegurar-lhe que tudo vai ficar bem. Mas seria apenas mentira e ele sabe melhor que isso.

"Eles são os únicos que estão aqui?" Consigo perguntar a ele, escondendo meu desespero de saber e porquê quero saber. Ansiedade sussurra ao longo de cada centímetro da minha pele.

O sorriso de meu pai faz seus olhos enrugarem e a risada áspera é acompanhada pela tosse reveladora que vem dos pulmões de um fumante. Enquanto eu estava fora, rezando para que ele viesse me salvar, esqueci da idade do meu pai nos últimos anos.

"Sim, claro que são." Sua resposta é o que eu esperava, embora eu saiba que não deveria. Meu coração martela e meu pulso acelera, mas eu não mostro nada ao meu pai. Eu não lhe dou nenhuma indicação de como esse conhecimento me faz sentir.

Na minha falta de choque, minha falta de emoção, não saber como reagir enquanto pensamentos correm pela minha mente, meu pai me oferece um pequeno sorriso e, em seguida, aponta para a foto da minha mãe, batendo o dedo mais uma vez, mas desta vez na borda. Quase como se ele tivesse medo de tocá-lo.

"Você sabe que eu te amo," diz meu pai e é então que sua voz racha e sua expressão se contrai. "Eu nunca fui um bom pai, mas escolhi você e achei que valesse a pena."

"Você é um bom pai," eu digo, empurrando as palavras em uma respiração superficial, tentando conter a culpa e o medo do que está por vir. Eu poderia me afogar em minhas emoções enquanto eu dou um passo instável para perto dele, precisando segurá-lo como ele me segurou antes. "Eu sei que você foi duro comigo, mas esta vida é difícil e eu precisava disso." Eu entendo agora, porque ele sempre me fez ficar sozinha. Talvez ele soubesse que esse dia chegaria mais cedo do que eu pensava. O dia em que alguém tiraria tudo dele.

"Não, não, Aria," meu pai diz quando ele balança a cabeça. Seus olhos procuram os meus, não revelando nenhum segredo, mas escondendo cada um deles.

Outro grito é ouvido, desta vez mais distante e me chama a atenção, mas apenas por uma fração de segundo até que ouço meu pai dizer: "Sua mãe não era minha. Ela deveria se casar com meu irmão."

Uma batida irregular do meu coração.

"Ela amava ele e seu dinheiro... seu poder. Ele deveria herdar tudo. Ele era aquele que deveria governar."

Outra batida do meu coração e meu pai tira a foto, a moldura fazendo um barulho terrível de rachadura quando ele faz, a fragmentação da moldura, de ser tão velha talvez. Eu sei que o meu tio era suposto ser o capo, o chefe da família. Ele era mais velho do que o meu pai, mas ele foi morto antes que ele pudesse assumir o comando.

O que eu não sabia é que minha mãe estava envolvida com meu tio. Nunca me disseram isso.

"Ela se apaixonou por você depois que ele morreu?" Eu suponho em voz alta.

"Ela estava grávida e com medo," diz meu pai, sem olhar para mim, nem para a lenta percepção que se forma no meu rosto. "Ela precisava de alguém para protegê-la depois de seu rápido caso com ele, e eu a amava. Eu a queria."

Eu não posso respirar, eu juro por isso. Uma mão invisível parece me estrangular enquanto meu pai lentamente levanta o olhar para o meu.

"O que?" A descrença encobre o sussurro.

"Eles estavam juntos por pouco tempo e a maioria das pessoas não fazia ideia. Mas quando ele foi assassinado, ela estava grávida, sozinha e com um preço em sua cabeça."

"Mamãe?" Eu não sei como o nome dela me escapa, minha respiração me estrangulando quando se recusa a sair.

"Eu disse a ela que ninguém jamais saberia, e ela aceitou." O polegar de sua mão esquerda corre ao longo do lugar onde um anel de casamento abraça seu dedo anelar. "Eu sempre quis você. Eu sempre amei você como minha."

Minha cabeça balança sozinha e meus olhos se arregalam. Amplos de choque, largos de medo na maneira como meu pai fala.

"Eu tentei amar você e mostrar o quanto você era amada. Sim, eu fui duro com você. Eu era duro com você porque esta vida é difícil, mas também... você se parece com sua mãe."

Eu chego atrás de mim para algo para me firmar, mas não há nada.

"Ela nunca me amou." Enquanto ele fala, a lembrança suave é instantaneamente substituída pelo ódio. "Até que ela decidiu que queria mais. Ela queria outra pessoa e faria qualquer coisa para ficar longe de mim. Ela era uma informante. Eu não tenho certeza de quantos erros eu realmente cometi por causa de sua mãe. Aceitando-a, não a matando mais cedo, nem a tendo assassinado."

Tudo no meu corpo está frio, o tipo de entorpecimento que me faz sentir que não posso estar aqui. Como isso não pode ser real. Ele não fez isso. Ele não matou a mamãe.

"Não." A palavra vem espontaneamente enquanto o medo se instala nos meus ossos.

"Você nunca foi um erro, Aria. Mesmo quando eu partir, quero que você saiba disso. Eu sei que era duro e frio, mas não era por sua causa. Eu te amei."

Eu posso ver nos olhos dele, ele está me dizendo a verdade. Tudo isso. Sombrio e insensível.

"Você não podia," eu digo, mas minhas palavras são fracas e desesperadas.

O triste sorriso esculpido em sua expressão é cheio de agonia. "Ela ia me matar, Ria. Era ela ou eu."

"Não." Minha memória está distorcida e confusa. Minha realidade ainda mais.

"Eu sei que ela foi um erro, sua mãe foi. Um que ficou comigo e ainda permanece nesta casa."

Quase o chamo de pai. Eu quase imploro para ele parar. Para me dizer que tudo o que ele acabou de dizer era uma mentira. Mas eu não posso falar uma maldita palavra. Eu não posso nem me mexer.

"Eu sempre tinha que te ver, no entanto. Você era um lembrete constante."




"Mais uma sala," eu ouço Declan me dizer suavemente do meu fone de ouvido. "Dois homens à direita no corredor."

A calma misteriosa que vem em tempos como esses me envolve. Com quatro grandes degraus, chego ao final do corredor, paro na esquina e espero. Ouvindo todo som.

Sebastian e Jase estão quietos atrás de mim, mas estão lá, ambos armados e prontos com os silenciadores. Apenas Jase está marcado com um respingo de sangue, mas cada um de nós matou desde que entramos pela janela, quebrando-a durante uma explosão e nos esgueirando pelos corredores escuros deste castelo proibido.

*Estamos nos movendo muito devagar.* O pensamento mantém meu ritmo rápido. Cada segundo longe dela é outro momento que algo poderia acontecer com ela. Um momento alguém poderia levá-la para longe de mim.

Não me esqueço que quase morri aqui há quase uma década. Cada passo tranquilo me lembra o que poderia ter sido se minha vida tivesse sido encurtada.

Voltando para o meu irmão, eu aceno e de uma só vez, nós três saímos para o corredor. Prendendo a respiração e depois soltando, meu aperto na arma aumenta, o metal recua e a bala chicoteia no ar, batendo na parte de trás do crânio de algum filho da puta. Há um estalo agudo, uma névoa de sangue espalhada contra a parede intocada à minha direita. O estrondo de outra bala e depois outra são seguidas pelos golpes de corpos flácidos e pesados caindo no chão.

"Quatro homens chegando, atrás de vocês e outro à sua esquerda. Eles sabem que algo está errado," Declan diz no fone enquanto a adrenalina dispara e Jase e eu compartilhamos um olhar.

"Pegue ela, vamos cuidar deles," diz Jase, estendendo a mão e apertando meu ombro com a mão esquerda. Sebastian balança a cabeça, segurando a arma com as duas mãos e mantendo as costas contra a parede enquanto o som de passos e um grito para alguém responder ecoam pelo longo corredor.

"Eu vou tê-la em breve," eu digo a eles, "e depois vou voltar aqui." Eu não sei porque, mas parece uma mentira. Como se eu não estivesse voltando.

Jase me dá um sorriso e rapidamente se vira, os sons fracos dele recarregando sua arma carregando para mim.

Sebastian olha por cima do ombro uma última vez para olhar para mim antes de seguir Jase de volta pelo caminho em que viemos.

Sem eles, parece diferente. Não é sobre vingança ou assassinato. Não é sobre uma guerra ou um jogo de poder por território. É só sobre *ela*. Sobre Aria.

Eu não vou falhar com ela. Eu não vou deixar ela morrer.

Alimentado pela memória do meu pesadelo, eu avancei. Cada passo parece mais pesado, mais alto que antes, embora eu ainda esteja em silêncio.

Eu estou vagamente ciente de Declan me dizendo algo, mas eu o ignoro. Ele não precisa dizer nada quando eu chego ao canto e ouço vozes.

Duas vozes.

Filtros de luz sob a porta fechada no corredor escuro. E com isso estão os sons de Aria implorando ao pai dela. Implorando por algo.

Meu coração se torce em um nó miserável. Esse som não deveria existir. A dor na voz dela. Não deveria ser permitido.

Minha visão me engana, me dando flashes de semanas atrás. De Aria de joelhos e à minha mercê. Eu gostaria de poder voltar atrás. Enquanto minha mão pousa na maçaneta de aço frio da porta que silencia seus gritos, eu gostaria de poder levar tudo de volta.

Cada pedaço disso. Até o momento em que me agarrei à vida ao som de sua voz passando por uma porta fechada.

Leva apenas meio segundo para eu abrir a porta, a arma levantada e pronta para disparar, mas é inútil. O cano de uma já apontada de volta.

"Você realmente acha que eu não estaria pronto para você?" Talvery assobia quando Aria respira, arregalando os olhos e recuando em um canto. Lágrimas escorrem pelo seu rosto e eu poderia matar o filho da puta agora.

"Pai, por favor," ela implora e eu não consigo parar de olhar para ela, mesmo quando o suor na minha mão me faz segurar a arma com mais força.

"Largue sua arma," ele exige e a arma desliza um pouco ao meu alcance quando ouço Aria sussurrar meu nome. Não com medo, não com raiva. Eu posso ouvir como ela precisa de mim. Não é negado pela sua voz.

Na minha visão, ela dá um passo em minha direção e seu pai aponta sua arma em resposta. O clique é ressoante e de mau presságio. Aria continua instantaneamente.

É só agora, em face de realmente ter que tomar a decisão, que eu questiono se posso matá-lo na frente dela. Se eu posso roubar o pai dela.

"Não," ela implora em um sussurro ofegante. Ela ainda me ama. Eu posso sentir isso no jeito que ela fala. Um pedaço dela ainda se importa comigo.

Eu aumento meu aperto na arma, sem saber se ela ainda vai me amar depois.

Se ela não estivesse aqui, ele estaria morto. Eu poderia fazer isso se ela não estivesse aqui. Mas com ela assistindo, ainda implorando e

esperando pelo inevitável destino para mudar diante de seus olhos... estou hesitando. Eu passei uma década esperando para matar esse homem. Esperando para fazê-lo sofrer pelo que ele fez comigo.

Mas se ela me odiar depois... então eu posso muito bem ser aquele que morreu.

Em qualquer outra situação, eu não hesitaria. Talvery estaria morto simplesmente porque ele teve tempo para falar. Mas eu preciso que Aria me ame. Uma vida sem amor não é vida alguma.

Eu não quero morrer também. Eu não quero que ela me veja morrer.

Pela primeira vez em anos, não quero morrer. Eu preciso protegê-la. Eu preciso fazer isso certo.

"Aria." Eu digo o nome dela simplesmente porque preciso vê-la mais uma vez. Eu preciso saber que ela ainda me ama. Eu preciso que ela saiba que está tudo bem. Mas quando ela olha para mim, seu pai fala.

"Você achou que eu não podia ver você?" Talvery zomba, mas eu não o escuto.

"Por favor, pai," Aria implora, seu peito subindo e descendo mais.

"Que eu não tenho câmeras de backup?"

Tudo o que posso pensar é que preciso salvá-la. No fundo da minha mente, embora eu esteja olhando entre Aria e Talvery, tudo que eu posso ver é ela no chão do meu escritório. De joelhos entre as minhas pernas, fria e sem respirar.

Eu não vou deixar isso acontecer.

"Estou cansado e envelhecendo. Mas eu não parei de lutar ainda. E eu não sou tão idiota," ele diz humildemente e eu sei que ele vai puxar o gatilho. "Eu não vou deitar e morrer."

"Não!" O grito de Aria soa no ar ao mesmo tempo em que ele fala sua última palavra.

A declaração de Talvery novamente não significa nada, mas Aria se atirando para a frente, pegando a arma que está no canto da mesa, é tudo.

Sua investida nos distrai. Mas quando ele se vira para ela, não posso fazer nada além de me jogar entre a arma que ele aponta para ela e a mulher que eu preciso proteger. A única razão que eu já tive para viver.

A minha arma dispara contra ele ao mesmo tempo que dispara, mal desviando o braço com que segura a arma enquanto xinga.

Eu não sinto o primeiro tiro. Eu nem sinto o segundo, mas eu vejo. Eu vejo o cano da arma e mesmo quando a bala voa em minha direção, eu juro que vejo isso. O som do tiro é como um ruído branco e não significa nada comparado ao som de Aria gritando. Sua voz preenche a sala e parece se arrastar com o tempo enquanto meu coração bate devagar. Apenas uma única batida em seu longo grito quando ela envolve seus braços em volta de mim.

Sua voz se transforma em uma canção, um humilde cantarolar de palavras. Eu não consigo entender o que ela está dizendo enquanto olho para o meu peito, o vermelho brilhante encharcando a camisa branca enquanto eu caio no chão.

Meu braço não me segura, ele apenas bate no chão com força, seguido pelas minhas costas e é então que eu sinto as pontadas de dor.

Eu tento engolir, mas o sangue surge. Uma boca cheia dele que derrama de mim enquanto eu tento dizer o nome dela.

Em algum lugar no fundo da minha mente, acho que deveria ter atirado nele quando cheguei. Eu não deveria ter me preocupado com Aria. Eu deveria tê-lo matado sem pensar duas vezes.

Uma sensação de tontura vem sobre mim quando minha cabeça se inclina para trás, mas eu forço meu pescoço para cima, me forço a olhar para Aria, para mandá-la a ficar atrás de mim, mas ela não está olhando para mim e eu não posso falar. Toda vez que eu tento, sangue enche minha boca. É tudo que posso provar, é tudo que eu posso sentir. Eu luto para respirar, para me mover e não é a dor. A dor não é nada. Algo mais está me segurando.

"Não!" Eu ouço Aria gritar, mas parece tão longe.

"Eu sinto muito," eu tento dizer a ela, mas as palavras são abafadas quando eu engasgo com o meu próprio sangue. O ódio me alimenta para manter meus olhos abertos quando Aria grita algo para seu pai que não consigo ouvir. Ela está bem aqui, tão perto de mim, mas não posso mover meus braços para segurá-la mais. Meu corpo está tão entorpecido, tão pesado.

Me desculpe, eu coloquei ela no meio disso. Me desculpe, eu coloquei ela em perigo. Me desculpe, eu a fiz querer correr de novo. Me desculpe, eu não posso protegê-la. Esse é o meu pior pecado.

Quando vejo a escuridão se acalmar, os sons se apagam para nada, e seu toque diminui, sinto muito por não poder protegê-la.

Porra, não. Eu preciso protegê-la ainda.

Eu não quero deixá-la. Eu não quero morrer.

"Aria," eu tento dizer o nome dela, mas não posso.

Eu tento lutar contra o peso que está me segurando. "Eu te amo," eu digo, mas as palavras não são ouvidas. Eu disse elas?

Ela precisa saber. Ela precisa.

"Você não pode morrer, Carter," eu ouço Aria sussurrar e ela parece tão perto, mas eu não posso vê-la, não posso sentí-la.

Pela primeira vez em muito tempo, estou com medo. Eu estou aterrorizado.

Eu não poderia me importar menos com a vida e a morte. Mas eu não quero ficar sem ela. Eu preciso de Aria. Eu preciso protegê-la. E enquanto a escuridão toma conta, estou realmente aterrorizado por nunca mais a ver.

O último pensamento que tenho é que, se eu morrer, ela não pode morrer por mim. De repente, o frio parece pacífico.

Ela não morreu por mim. Se o preço para mudar o curso do destino era que eu deveria morrer por ela... que assim seja.




O SANGUE ESTÁ EM TODO LUGAR. Minhas mãos estão manchadas quando pressiono a ferida de bala e grito com Carter para me responder.

"Olhe para você." Meu pai não parou de falar, não parou de me envergonhar por ficar ao lado de Carter. Não parou de me envergonhar por pegar a arma.

Eu tive que tentar. Com um homem de cada lado de mim, ambos querendo matar o outro, eu não podia ficar indefesa, sem fazer nada.

O sangue não é tão quente quanto as lágrimas que não param. Ele não está me respondendo, ele não está respondendo a mim, não importa o quão alto eu grito. Seu nome rasga minha garganta enquanto eu grito seu nome. Quando eu faço, a pressão aumenta ligeiramente na ferida, quase no centro do peito e mais poças de sangue ao redor dele.

*SEGURE-O COM FORÇA, senão ele vai morrer.*

PALAVRAS DE UM HOMEM que eu nunca conheci voltam para mim, e eu empurro meu corpo para baixo, segurando Carter e colocando todo o meu peso em ambas as minhas mãos, ainda comprimindo as feridas. "Não me deixe," eu choro quando meu cabelo gruda no meu rosto molhado e as lágrimas quentes se misturam com o sangue dele enquanto eu coloco minha bochecha na curva de seu pescoço.

Eu posso sentir seu coração.

Ele bate quando a porta do escritório se abre e meu pai grita para eu me levantar. Ser uma Talvery e provar que ele fez a escolha certa todos esses anos atrás. Que eu sou verdadeiramente sua filha. Suas palavras não significam nada para mim. Elas ficam no ar. Tudo o que eu ouço é a batida fraca do coração de Carter e o quão lento é. Está diminuindo.

Eu só viro a cabeça para olhar para o meu pai quando o ouço enfiar a arma novamente.

Minha garganta está apertada de emoção quando olho do cano da arma para ele. A pressão que tenho nas feridas de tiro de Carter não vacila embora.

"Eu o amo," imploro a meu pai e, enquanto faço, noto tardiamente uma arma que fica a apenas um metro de distância de onde estou, tão perto que consegui alcançá-la. Que coisa inútil vir a mim agora. Se eu deixar ir, Carter vai morrer. Eu sei disso no fundo da minha alma.

Se eu alcançá-la, conseguir pegá-la e matar meu pai para acabar com tudo isso, que sentido haveria em viver?

Eu prefiro morrer assim, fazendo tudo que posso para salvar aquele que eu amo, do que viver sabendo que eu o deixei morrer.

Meus olhos se movem da arma para o retrato da casa de sua família e eu fecho meus olhos, pressionando minha bochecha no peito de Carter enquanto o seguro mais apertado. Eu não posso mais sentir seu peito se movendo. Eu também não o escuto respirar.

"Escolha sua família, Aria. Afaste-se e deixe-me acabar com ele. Eu te perdoo," meu pai enfatiza a última frase. Lentamente, eu olho para ele. Seus olhos se abrem enquanto ele agarra a arma com mais força. "Não importa o que aconteceu antes, mas agora você precisa me ouvir. Você precisa agir como a mulher que foi criada para ser," diz meu pai e, em vez de ouví-lo, só ouço as palavras de Tyler.

Eu não posso olhar para o meu pai ou a arma.

"Sinto muito," eu sussurro. Não para meu pai, mas para a minha versão que poderia ter feito melhor. Para as esperanças do que poderia ter sido e depois me lembro, lembro-me da pequena vida dentro de mim e

choro mais. Eu lamento a todos nós e o que podemos ter sido se o destino nos tratasse melhor.

"Perdoe-me," eu choro na curva do pescoço de Carter e então ouço aquela voz novamente, a única que eu só ouvi em meus terrores. *Segure-o com força, senão ele vai morrer.*

"Eu vou," eu sussurro para ninguém.

E com isso eu ouço meu pai sussurrar como sua própria filha o traiu e então ele se despede com um tiro logo atrás. A bala é alta e faz meus ombros pularem, mas eu fico perto de Carter, me agarrando a ele com tudo o que tenho.

Eu sei que ouvi isso. Eu juro que sim, mas não senti nada. Nada mesmo.

Meus olhos se abrem devagar e estou com muito medo de respirar. Eu sei que o ouvi atirar, mas isso não me atingiu. Um longo momento passa antes de eu ouvir um corpo cair. Primeiro um baque e depois um baque mais alto. Eu tenho que me virar, para encarar a mesa para ver meu pai, deitado de bruços no chão, seus olhos olhando para frente, mas olhando para o nada enquanto o sangue se acumula ao redor dele, derramando do buraco em sua bochecha.

Um segundo passa, *tic*.

Eu não posso fazer nada. O grito é silencioso.

Outro segundo passa, *tac*.

E é quando noto movimento por trás da mesa.

Meus olhos viajam até as calças do terno, para a camisa justa coberta de sangue.

A expressão de Nikolai não é fria, não está zangada. Ele está com o coração partido quando ele abaixa a arma e eu o vejo engolir.

"Você quer dizer a eles que foi você? Ou deveríamos dizer a eles que eu fiz isso?" Ele me pergunta e sua última palavra é estrangulada. Ele olha entre Carter e eu e nem posso responder. Não consigo pensar em

nada além de quanto tempo se passou desde que senti os batimentos cardíacos de Carter.

Um pulso fraco é a única resposta que recebo nesse pensamento.

"Ajude-me," eu imploro para ele.




ELES O LEVARAM EMBORA. Eles o levaram para longe de mim. Jase ergueu meus dedos para trás e Sebastian me puxou para longe enquanto eu gritava. A memória dá voltas repetidas vezes, mas não sou eu. Eu estou apenas vendo isso acontecer como cenas de um filme.

"Dói muito," lamento dizer em voz alta e não sei quem pode me ouvir, porque nem sei quem está perto de mim.

"Você precisa se trocar, Aria." Eu ouço a voz de Jase, e os tremores que balançam através do meu corpo só aumentam.

"Ele está bem?" Eu gemo as palavras e ele me deixa cair em seu abraço. Quando olho para frente, Nikolai está assistindo. Ele me salvou. Ele salvou Carter.

"Eles estão fazendo o que podem," é tudo que Jase me diz em palavras sussurradas, como se não devêssemos estar falando e as lágrimas caíssem, mas eu não choro mais. Em vez disso, eu fico na sala. Eu assimilo tudo. Como eu desci as escadas? Como eu cheguei aqui e por que Nikolai e os homens de meu pai estão na mesma sala que Jase e Sebastian? Há outros homens aqui também. Homens de ambos os lados.

Meu rosto está quente, meu pulso corre rápido. Antes que eu possa implorar para que ele me leve para Carter e o traga de volta para me ver, ouço outra voz.

"Esta trégua não vai durar muito tempo." A voz de Brett atravessa a sala junto com o som de várias armas.

O som de armas levantadas rapidamente atrás de mim, e vendo armas em todos os lados, aquece meu sangue.

"Abaixe-as." As palavras são arrancadas de mim e eu sou rápida para empurrar Jase para longe. Estou andando com as pernas trêmulas, mas com o propósito de tirar a arma da mão dele.

Esta guerra acabou.

O derramamento de sangue acabou.

Estou farta desta merda.

Um olhar de choque está escrito no rosto de Brett, mas não tenho piedade dele. Não há piedade para ninguém, não mais.

"Houve morte mais do que suficiente hoje."

*Carter*. Meu coração se rompe ao pensar que ele está morrendo. Ele mal está aguentando e eu não estou ao seu lado. Eu não consigo parar de ver seu rosto. Ou ouvindo o jeito que ele disse meu nome.

A arma está quente em minhas mãos e me viro para a esquerda. De pé na frente da escada, eu bato a arma na mesa, sacudindo o precioso vaso que minha mãe costumava encher de flores quando eu era criança. Eu declaro: "Não permitirei mais que isso aconteça." As palavras faladas sombriamente me deixam, embora eu não recorra a ninguém.

Na minha visão, mal vejo os homens abaixarem suas armas. Seus olhos ardem em mim, imaginando se tenho alguma autoridade, e me pergunto o mesmo.

Isso precisa terminar, e preciso ir ao Carter. É tudo que posso pensar com as emoções bem na minha garganta.

"Nós queremos Romano morto," fala Jase e sua voz percorre o grande espaço e todo o caminho até os tetos altos.

"Lute comigo," digo a ele, endurecendo minhas palavras e sentindo a ansiedade se estender em cada membro que tenho. Cada centímetro do meu corpo está quente. Todo pulso parece alto e forte.

"Alguém precisa pagar por tudo isso. E esse homem é Romano," eu sussurro para Jase, embora seja alto o suficiente para todos nesta sala ouvirem.

"Meu pai está morto, mas eu não vou deixar mais ninguém morrer, não do seu lado," minha voz aperta quando digo a ele, olhando Jase nos olhos, "e não no meu. Isso está entendido?"

Os lábios de Jase se mexem. "Está," diz ele, e depois se vira para Nikolai.

"E quanto ao seu pai?" Brett me pergunta.

"Ele traiu minha mãe e sua lealdade," falo, embora minhas palavras estejam sufocadas. Eu não sei o que pensar ou acreditar. Tudo que sei é que ele está morto e minha mãe nunca mais vai voltar. Não tenho respostas, nunca vou conseguir adquirí-las. "O reinado de meu pai acabou, e isso é tudo que importa."

"Quem reina agora?" Alguém à minha direita pergunta e a sala ressoa com o som dos pés em movimento.

"Nós reinamos juntos." Eu não hesito em falar. Minha voz é clara e carrega uma forte convicção. "Até Romano estar três metros abaixo, essa é a principal prioridade para todos nós." Eu me sinto tonta com o ar tenso e a falta de uma resposta clara. "Certo?" Eu empurro a palavra, desafiando Nikolai ou Jase a discordar.

"Cross." A palavra é praticamente cuspida na boca de Nik e o ar engrossa e praticamente me sufoca quando vejo os homens se encontrarem cara a cara.

"Qual é o status da sua guerra, Hale?" Já faz um tempo desde que ouvi alguém chamar Nikolai pelo sobrenome dele.

"Minha guerra?" Ele pergunta com um vinco na testa, se aproximando de Jase.

"Eu não quero brigar," Jase diz a ele facilmente, deixando seus ombros tensos caírem e afastando a mão de sua arma. Meu coração bate e Nik recua um pouco. "Eu concordo com Aria," diz Jase e engole em

seco, olhando Nikolai nos olhos. "Eu fico do lado dela nisso. Nós todos lutamos juntos."

"Você estava do lado dele antes," comenta Nikolai enquanto os sussurros se espalhavam pela sala como um incêndio. O assobio das palavras não para quando Jase fala junto com Sebastian, explicando que Romano é agora um inimigo e eles preferem ficar do meu lado e da minha família do que com Romano por mais tempo.

"Eu tenho que admitir, estou surpreso por ainda ver você aqui," diz Brett depois de um momento de silêncio para Sebastian. "Tem sido um longo tempo desde que você veio." O ar entre os dois é fácil. Eles devem se conhecer. Talvez de um tempo antes disso, eu não tenho certeza.

"Eu escolhi o meu lado."

"E de que lado é esse?"

"Aquele com Aria."

Os lábios do meu primo ficam em um meio sorriso. "Eu gosto desse lado," diz Sebastian.

"Você precisa de homens?" Jase pergunta e Nikolai responde: "Precisamos de armas."

"Nós temos armas," diz Sebastian facilmente enquanto se inclina contra a parede.

"Nós podemos chegar a um acordo," eu digo para terminar a conversa, pronta para terminar. "Não haverá mais morte entre nós." Minha voz carrega uma nota de finalização e ninguém discorda enquanto eu ando até o final da escada, olhando para o espaço vazio enquanto aperto o corrimão.

O lado da casa que leva me dá uma sensação estranha. Uma dor no meu intestino. Um medo que não vem da lógica ou da verdade.

O tipo de medo que permanece e se aproxima de você. Um medo do que passou e não é mais. A morte está manchada nesses salões. E com a morte, trevas.

"Onde está Carter?" Eu pergunto e me viro rapidamente, encarando cada homem que estava naquela sala, cada homem que me arrancou de Carter quando ele estava deitado no chão, sangrando sem nenhum sinal de que iria parar.

Nikolai não responde e Sebastian também não. Os homens do lado do meu pai estão quietos, mas eles me observam. Eu não me importo.

Todos eles deveriam saber. Eu o amo. Eu escolhi ele.

"Não tivemos tempo para o médico vir até nós. Ele está no hospital," Jase me responde.

"E?" Eu pergunto, a palavra mal falada.

"E estamos esperando."

Eu não vou chorar na frente desses homens. Não vou chorar com um exército vigiando cada movimento meu, um exército que precisa de força e determinação. Então eu só aceno.

"Aria, eu vou lidar com isso," Sebastian me diz e meu primo acena para ele.

"O que fazemos com a casa?" Connor pergunta. Acabei de saber que ele é o segundo em comando do Nik. "A polícia pode ficar para trás, mas os repórteres vão vir em breve."

Os homens começam a falar. Todos de uma vez, e eu cortei todos eles.

"Queime tudo." As palavras vêm de um lugar de mágoa. Um lugar de dor. "Queime esta casa," eu dou a cada palavra o ódio que elas ganharam antes de virar calmamente para os homens, ainda segurando o corrimão e dizendo-lhes: "É um incêndio em casa... e nada mais."

Silêncio e choque me cumprimentam. A casa está estranhamente quieta e, a partir desse dia, é tudo o que sempre será.

Eu não sei se esses homens vão ficar com a trégua rápida que fizemos ou o que vai acontecer quando eu sair, mas eu terminei com tudo isso. O assassinato inútil e as constantes ameaças, especialmente.

Antes que um único homem possa responder, eu seguro o olhar de Jase e exijo: "Leve-me para ele." Finalmente, soltando o corrimão, dou um passo à frente, meu passo confiante, mesmo quando desmorono, e vou para a porta. Meu passo não diminui e não espera por ninguém.

Eu preciso do Carter.

A guerra mudou, os jogadores fizeram a transição e os peões foram levados.

Nada disso importa se ele morrer.

Eu preciso do Carter.

***

*Você está bem?*

Eu olho para a mensagem no meu celular por mais tempo. A sala de espera do hospital está vazia, com as únicas exceções sendo Addison e eu. Eu só saí do lado de Carter porque a enfermeira disse que eu precisava. Apenas quatro pessoas podem estar na sala ao mesmo tempo. Os três irmãos de Carter e Sebastian queriam vê-lo e eu estava lá desde o momento em que chegamos aqui. Já faz dez horas agora.

Eu dormi ao seu lado, minha mão na sua e minha bochecha na beira da cama. Eu estava apenas dormindo e cada vez que eu caía nas profundezas de um sonho, ele estava lá, esperando por mim.

Ele me segura no meu sonho e me diz que está tudo bem. Mas não. Não está bem. E eu digo a ele isso de novo e de novo. Ele precisa voltar para mim. Eu preciso dele aqui. Eu não posso viver sem ele.

Com lágrimas nublando minha visão, eu olho para a mensagem novamente e, em vez de responder a Nikolai, pergunto a ele o mesmo.

*Você está?*

Levei um tempo para respondê-lo, mas sua resposta é imediata: *minha resposta depende da sua.*

"Você está bem?" Addison pergunta, quebrando o silêncio na sala. O único som é um relógio na extremidade da sala de espera clicando cada vez que os números mudam. Isso nos zomba.

Engolindo o nó na minha garganta, eu agarro a mão dela quando ela pega a minha e aperto com força, mas depois a deixo ir, levando-a de volta para o meu celular. "Apenas uma mensagem," eu respondo a ela fracamente. Todo mundo pergunta se eu estou bem, como se isso fosse uma possibilidade no momento.

Enxugando meus olhos gentilmente com a manga do moletom preto folgado que Sebastian me deu, eu balancei minha cabeça.

"Estou bem aqui," diz Addison com um sorriso fraco que não dura. Apenas cintila no rosto dela.

"E eu estou aqui para você" Digo-lhe de volta e ela se inclina para mim, descansando a cabeça no meu ombro por um momento antes de trazer os joelhos em seu peito e se embrulhar no cobertor que Daniel lhe deu. A sala de espera está tão fria. Mas suponho que seja melhor assim.

*Eu não esperava que isso acontecesse.* Eu finalmente respondo Nik.

*Por quê?* Ele pergunta.

Eu quero contar a ele - tudo isso. Ser levada, me apaixonar, aprender quem sou e o que quero. Eu não contei a Addison ou a ninguém sobre o bebê. Apenas uma enfermeira, em quem confiei porque estava assustada com tudo o que havia acontecido. Eu estava com medo que o bebê fosse embora. Ela disse que não poderia me dizer a menos que eu estivesse grávida de pelo menos seis semanas. Então agora, é uma questão de esperar.

É tudo uma questão de esperar.

*Fale comigo. Onde você está?* Nik me manda mensagem.

*Hospital. Ele não está bem.* Enquanto escrevo a última palavra e pressiono o botão enviar, essa sensação de perda de peso me pesa.

*Você realmente o ama,* Nik responde e eu não espero dizer a ele que sim. Admitir isso.

*Eu quero ficar com ele, Nikolai. Eu preciso que ele esteja bem.*

Eu espero e espero desta vez enquanto ele digita, mas não envia nada. Tudo o que me é dado é uma bolha de pontos, deixando-me saber que ele está lá, mas as palavras não vêm.

*Eu não quero perder você*, eu escrevo para ele antes que ele possa responder. Eu posso sentí-lo escorregando no meu coração. Como se ele percebesse que eu realmente amo Carter e Carter me ama, é a última quebra de cordas que nos manteve juntos.

*Ele nunca nos deixará ser amigos. Se eu fosse ele, não deixaria.*

Eu sei que ele está certo, mas dói. Dizer adeus nunca é fácil.

*Eu não vou trabalhar com ele, Aria. Eu tenho que sair.*

*Eu nem sei se ele vai ficar bem,* eu mando mensagem de volta. É egoísta da minha parte querer que ele esteja lá para mim, mesmo sabendo que isso é um adeus, mas Nikolai sempre me deixa ser egoísta. Ele sempre me amou. E eu sempre vou amá-lo Apenas não do jeito que eu amo Carter, e ele merece que alguém o ame desse jeito. Todo mundo precisa de alguém para amar assim. Com todo o seu corpo e alma. Para ser consumido por ela.

*Ele ficará bem. Carter sabe lutar. E não tem como ele me deixar ter você. Ele vai voltar só para me manter longe de você.*

As palavras de Nik me quebram. Eu sei que isso será o fim de nós e tudo o que tivemos. Tudo o que ele será é uma memória.

*Eu sempre estarei aqui para você, mas você tem que me alcançar. Eu não serei algo entre vocês dois. Estou aqui para você, mas quando ele voltar para você, você sabe que eu não posso mais estar lá.*

*Eu te amo,* é tudo que posso dizer a ele. Minhas últimas palavras para ele.

*Sempre*, ele responde de volta. Suas últimas palavras para mim.

Ele tem razão. Eu já sei que Nikolai está certo. Se ele é apenas um amigo ou mais, não importa. Ou é Nikolai ou Carter e entre os dois, não há decisão a ser tomada. Sempre foi Carter.

Mas ele precisa voltar para mim.

"Eu preciso de você," eu sussurro as palavras, segurando meu telefone nas duas mãos enquanto me inclino para frente, rezando para quem quiser ouvir.

A última vez que o médico saiu, eles disseram que a cirurgia foi feita. É só uma questão de saber se ele vai ou não acordar. E eles não sabem se ele irá.

Ele não pode me deixar assim. É tudo que eu continuo pensando. Como sou egoísta neste momento, mas sou. Eu preciso dele. Carter não pode me deixar. Ele não pode me deixar sozinha. Não quando finalmente acabou. Minha mão desliza para minha barriga. Não quando nem sequer lhe disse que ele tem outra vida para cuidar.

Meu lábio inferior balança quando eu deixo minha cabeça cair de volta contra a parede dura e olho para o teto branco da sala de espera do lado de fora do quarto de Carter.

"Eu preciso de você," eu choramingo as palavras e eu não sei se estou falando com Carter, o homem que eu amo, que não pode fazer nada além de tentar sobreviver, ou a minha mãe. Orando a ela para fazer alguma coisa. Para salvá-lo e me impedir de ficar sozinha nesse mundo frio.

"Eu preciso de você," o pedido sussurrado que vem de mim é irregular quando eu fecho meus olhos.

A última vez que falei essas palavras foi quando segurei o cadáver de minha mãe enquanto ela estava deitada no chão. Na sala acima de onde meu pai costumava trabalhar.

Meus olhos se abrem lentamente quando a história de Carter volta para mim.

Ele disse que eu bati na porta.

Ele disse que eu disse ao meu pai que precisava dele.

Ele afirma que foi minha voz.

E todo o tempo eu pensei que ele estava errado porque eu nunca fui para esse lado da casa. Não desde a última vez que falei essas mesmas palavras e minha mãe morreu. Tudo porque eu juro que costumava a sentir lá. Eu nunca vaguei para esse lado, me assustava pensar em ir, porque a sentia e sabia que ela estava com raiva. Amarga e esperando por algo que eu não poderia dar a ela.

Lentamente o fio se desenrola em minha mente. A verdade arrepia a minha espinha.

Eu não sei quem bateu na porta. Não sei se foi por isso que meu pai parou e deixou Carter ir ou não.

Mas eu sei de onde essas palavras vieram.

*Como minhas palavras, ditas no andar de cima de Carter, quando meu pai quase o matou, ecoaram anos depois? Como ele poderia ter ouvido meus pedidos e pensar que eles eram feitos para ele?*

EU NUNCA BATI na porta, não fui eu, mas eu gritei: "Eu preciso de você." Apenas anos se passaram antes que Carter fosse levado para o quarto embaixo do quarto onde minha mãe foi assassinada.

Essas palavras foram dadas a minha mãe. Eu falei elas, eu sei que fiz.

Mas elas não eram para Carter. Elas nunca foram para ele ou meu pai.

Anos depois, acho que minha mãe as deu para ele. Ela as deu a um garoto vulnerável à beira da morte, tão perto da extremidade de um lugar que ela permaneceu. Ela as deu para ele, um menino indefeso preso em um lugar horrível, que se transformaria em um homem impiedoso. E ele iria um dia, dar-lhe vingança em troca.

A história está lá, fazendo cócegas na borda da minha mente, e isso me mantém congelada no meu assento, segurando a borda da cadeira.

Os últimos meses se repetem na minha cabeça, em câmera lenta por alguns momentos e apenas vislumbres de outras cenas.

A única razão pela qual caí na armadilha de Romano foi porque Nikolai pegou meu caderno de desenho... o que tinha a foto da minha mãe nele.

Eu só lutei por isso por causa da foto.

Engolir é inútil, meu pulso acelera e uma ansiedade que não sinto desde que me aventurei na ala leste ao retornar na casa de meu pai. A ala onde minha mãe morreu.

Eu me lembro do jeito que me senti quando apunhalei Stephan. Minha pele parecia gelo. E havia uma mão, uma mão sobre a minha que não parava. Eu não conseguia parar de esfaqueá-lo. O pensamento é sóbrio para minha mente cansada. A exaustão que pesa minhas pálpebras para baixo parece desaparecer quando tento engolir, cada um dos eventos que me levaram a este ponto se encaixando em minha mente como peças de quebra-cabeça.

Um calafrio se espalha sobre a minha pele enquanto eu seguro o braço da cadeira com um aperto de dedos brancos. Meu sangue fica ainda mais frio e não consigo me mexer. Eu não posso agitar o medo congelante que flui através de mim. É algo não natural e meus pensamentos não fazem sentido. Não é verdade. Não é real. É apenas uma coincidência.

Ainda assim, viro devagar, lentamente, para Addison e pergunto a ela, mal respirando as palavras: "Você acha que os que perdemos ficam para sempre conosco de alguma forma?"

"Ria," Addison respira quando ela pega minha mão em nas suas, libertando-a de agarrar o braço e acaricia a parte superior dele suavemente. "Ele vai sobreviver," diz ela e sua voz é rouca de emoção.

Balanço a cabeça, esfregando os olhos com a mão que ela não tem e dizendo: "Não, não ele. Não Carter." Um segundo passa, uma batida

dolorosa no meu peito antes de eu olhar para o seu olhar suave e perguntar: "Você acha que outros, outros que amamos, mas que morreram, ficam com a gente?"

Ela procura meu olhar por apenas um momento antes de acenar com a cabeça.

"Eles precisam." Sua resposta é final sem espaço para dúvidas.

Ao mesmo tempo em que o médico atravessa a porta, indo direto para nós, Addison acrescenta: "Mesmo a morte não pode acabar com o amor."




ELA ESTAVA AQUI. Eu sei isso. Eu ainda posso sentir o cheiro cítrico suave de seu xampu. Como a morte ameaçou me arrastar para o inferno, onde eu pertenço, eu juro que a ouvi cantar para mim. A cadência de sua doce voz feminina passou pela condenação que eu sabia que viria e me agarrei a ela.

Eu vou sempre me agarrar a ela.

Eu podia ouví-la, até sentí-la, mas não conseguia abrir meus olhos. Eu não conseguia falar também. Tudo o que eu queria fazer era dizer a ela que a amo. Mas eu não pude.

Eu preferiria que ela puxasse uma arma para mim em qualquer dia do que perdê-la.

*Toc Toc.* A porta se abre quando as batidas se infiltram na sala.

Um trote no meu peito prova que ainda estou esperando por Aria, mas não é ela. Meus irmãos entram, mas Aria não está aqui. Por uma fração de segundo, acho que talvez tudo estivesse em minha mente. Que ela não estava aqui de jeito nenhum.

Talvez tenha sido apenas um sonho.

O medo consome cada pedaço de mim. Ela não morreu no meu lugar. Aria não pode morrer. Não!

"Aria." Eu inalo o nome dela e Sebastian me diz que ela está bem. Ela está no corredor esperando.

Uma dor aguda atravessa meu peito, uma dor que eu nunca senti antes e posso ouvir o som de uma máquina repetidamente enquanto faço uma careta.

"Você não tem que se sentar" Daniel me diz, indo para o meu lado e tentando me impedir de me mover. Eu quero ir com ela. Para vê-la. "Não exagere." Eu ouço Jase me dizer. Quando minha cabeça começa a se sentir mais leve, eu me concentro apenas na respiração.

"Foda-se." Eu digo e empurro-o para longe, ignorando o calor de uma dor agonizante rasgar o meu lado direito. Eu vejo interiormente e naquele momento, neste momento fraco da minha vida, a porta se abre e Aria está lá.

Tudo é como um sonho. Meu corpo desmorona, meu foco inteiramente nela e o jeito que seus olhos se erguem para os meus, iluminando-se com a visão de eu olhando para ela.

"Apenas relaxe," Jase me diz enquanto arrasta uma cadeira para o outro lado da sala, cortando meu caminho para Aria por uma fração de segundo e de novo eu tento me levantar e ir até ela, mas dói pra caralho.

Daniel tenta me empurrar para baixo, um empurrãozinho, mas ele pode se foder.

Ele não precisa fazer nada mesmo, a dor é suficiente para me impedir de me mexer. É uma dor tão aguda que posso sentir em todo lugar. Aumenta a ligeira pontada das agulhas no meu braço. A pressão no meu peito parece demais.

Toda essa dor é insignificante. Ela está aqui. Nós sobrevivemos.

"Eu estou bem," eu cerro os dentes, recusando-me a tirar meus olhos dela.

"Faça do seu jeito," diz Daniel, em seguida, levanta as mãos e recua para encostar-se à parede na minha frente. Sua cabeça descansa contra as paredes creme, ao lado de uma pintura de alguma igreja. Vendo isso me lembra onde estou. O médico chegou há pouco. O Hospital Saint Francis é pequeno e fica em uma estrada secundária. Eles também estão agora equipados com duas dúzias de homens do lado de fora desta sala, dessa sala e desse prédio.

O médico disse que preciso de pelo menos uma semana na cama. Vou dar dois dias.

Eu quero estar em casa. Com Aria.

Eu não vou ficar aqui por muito tempo.

"Como você está?" Jase me pergunta e eu dou-lhe um olhar lateral.

"Fodidamente bem," eu lhe respondo. Meu coração aperta quando vejo Aria dar um passo para mais perto. Seus dedos se apertam nervosamente. Ela ainda está quieta e não disse uma palavra.

Eu me lembro desses últimos momentos, mas também lembro que ela fugiu.

E a última vez que ficamos sozinhos... lembro disso também. Como ela se algemou na cama ao meu comando. Na minha arrogância.

Nunca mais. Eu nunca vou deixar isso acontecer novamente.

"O que aconteceu?" Eu odeio ter que perguntar e o nó na minha garganta quase me sufoca, sabendo que, independentemente do que aconteceu quando eu apaguei, meu pássaro passou por isso sozinha. Eu não fui forte o suficiente para ela.

Eu falhei com ela.

Minha garganta se contrai quando Jase me diz que Nikolai matou seu pai. Ele atirou nele e agora temos uma trégua. Uma construída sob a condição de unir forças para eliminar Romano.

Nikolai era seu príncipe de armadura brilhante. Eu sabia que devia a ele, mas nunca imaginei que lhe devia minha vida.

"Romano é o novo alvo, então," eu digo a Jase com uma voz firme, deixando de lado o ciúme e o ódio que tenho pelo primeiro amor que Aria teve. Eu forço a semelhança de um sorriso nos meus lábios enquanto eu me movo na cama. Cada movimento exacerba a dor das agulhas que se enterram nos meus braços.

Eu precisei de uma transfusão de sangue. Três sacos gelados da merda. Eu posso não ter conseguido falar ou mesmo abrir os olhos. Mas

eu senti isso. Senti tudo enquanto pairava na beira da morte, lutando para voltar para Aria, movendo-me em direção ao som de seus zumbidos pesarosos.

"É o movimento certo para ir atrás de Romano. Nós podemos deixar os homens de Talvery escolherem a posição que eles tomarão depois, mas por enquanto, Romano é o único inimigo," diz Jase e Daniel concorda.

"Eu sei." Eu engulo gravemente e assisto Aria na minha visão. Meus irmãos podem estar na minha frente, mas eu não poderia dar a mínima para eles. Eu não me importo com a guerra. Os territórios. Eu não me importo com nada além de nunca colocar Aria na linha de fogo novamente.

"Ele sabe que nós fodemos com ele." A voz de Jase é plana quando ele coloca as mãos nos bolsos. Eu posso ver através de seus jeans como elas se fecham em punhos antes de liberá-las e depois faz tudo de novo quando ele fala.

Meu batimento cardíaco está fraco e as vozes ao meu redor não são nada além de um ruído branco e silencioso enquanto olho para ele. Os bips suaves do monitor continuam o tempo todo, tenho que me forçar a focar no que eles estão dizendo.

Tudo o que quero fazer é ter certeza de que estamos bem. Preciso saber que Aria e eu estamos bem e que ela me perdoa. Por tudo.

Eu sou tão fraco por ela.

Ela me tem em todos os sentidos que pode. Para todo o sempre.

"Com Aria sendo vista e envolvida, os homens de Talvery não se voltarão contra nós." Ele espia por cima do ombro e faz uma pausa, aparentemente mordendo a língua antes de acrescentar: "Por enquanto."

Eu avalio a resposta de Aria, mas ela não revela nada. Nada mesmo. Sua pequena estrutura nem sequer balança enquanto ela mantém seu foco em mim. Nos tubos que ligam a agulha em minhas veias e os monitores no meu peito. Eu gostaria de poder arrancar os filhos da puta agora mesmo. Eu não quero que ela me veja assim.

Eu posso ser fraco para Aria, mas não estarei assim, confinado a esta cama, por muito tempo.

"Nikolai não vai nos trair enquanto ele achar que Aria está segura," diz Jase.

"Nikolai não vai nos trair," Aria fala pela primeira vez, sua voz dura, enquanto ela dá toda a sua atenção para Jase, desafiando-o a negar que o que ela está dizendo é verdade. "Ele vai manter a sua palavra."

"A guerra entre nossas famílias acabou. Nós vamos agir como uma." A força e determinação de Aria são apenas compensadas pela emoção crua em sua voz. A relutância em aceitar qualquer outra coisa será sua queda. Mas eu vou pegá-la. E eu vou me curvar a sua vontade da melhor maneira que puder.

"Por enquanto," Daniel fala. "Alguém pode querer seguir seu próprio caminho, pegar homens e se unir contra você, Aria. Mas por enquanto, Nikolai está do nosso lado. E mesmo se eles se separarem, podemos deixá-los. Nós não precisamos lutar pelo território deles."

Aria o avalia, seu peito não se move quando ela se recusa a respirar. Com um único aceno, ela dá lugar ao que pode acontecer. Eu já vi isso antes, pequenas facções se separando. Geralmente, termina com derramamento de sangue, mas vamos lidar com isso quando chegar a hora.

Jase mantém seu olhar por apenas um momento antes de assentir uma vez. "De qualquer maneira," ele fala para mim. "Romano é um homem morto. Ele pode se esconder em sua casa segura tudo o que ele quer. Eu vou encontrá-lo. Eu vou matá-lo."

"Outro dia e os inimigos mudam," comenta Daniel.

"Podemos conversar sobre isso quando você estiver se sentindo melhor," diz Jase.

"Você e Sebastian cuidam disso, planejam o ataque, mas mantenham-me informado." A facilidade com que desisto do controle surpreende Jase, se sua sobrancelha levantada é uma indicação.

"Eu tenho outras coisas para cuidar." Enquanto eu falo, minha mão segura a beira da cama e eu queria que fosse a mão de Aria. Eu preciso dela perto de mim. Preciso saber que cada pedaço de nós se encaixa como devia, como deveria estar.

Eu preciso que ela me ame.

Isso é tudo que preciso.

"Mais uma coisa." Me diz Jase, balançando nos calcanhares, assim que Daniel sai da parede, pronto para nos deixar em paz. Jase não consegue entender a porra da dica.

"O que?" Eu não escondo o meu aborrecimento na resposta curta. Mas isso só faz os dois irmãos sorrirem.

"Você se lembra daquela mulher no Red Room?" Jase me pergunta e eu sinto o aperto na minha testa enquanto balanço minha cabeça.

Ele solta um suspiro exasperado, mas diz que não importa. "Sua irmã é a garota que conhecemos no Red Room. Jennifer alguma coisa. Ela morreu e sua irmã está causando uma cena. Ela está fazendo ameaças e chamando a polícia."

"Quem é ela?" Pergunto a ele, imaginando porquê diabos devemos nos importar. Muitos idiotas chamam a polícia quando não sabem de nada. Pagamos aos policiais para nos dizer exatamente quem e por quê. E nós os pagamos bem.

"A irmã da garota que acabou morta. A que interrogamos sobre o estoque de SL comprado a granel."

Eu espio Aria, que se contorce onde ela está, seu olhar passando de mim para Jase.

"E?" Meu coração dispara, imaginando o que ela está pensando.

"Eu pensei em parar e ver o que ela sabe."

"E como você vai conseguir essa informação?" Aria pergunta, mais uma vez falando, mas apenas para tornar sua presença conhecida, assim como sua nova autoridade.

"Não se preocupe, senhorita Talvery," Jase rola seu nome fora de sua língua, "eu serei um cavalheiro."

"Eu não acredito em você," ela diz a ele, mas a sugestão de um sorriso enfeita seus lábios.

"Você precisa de alguém para ir com você?" Daniel pergunta e é só então que percebo o quanto ele está cansado. Quão cansados todos estão.

"Eu posso ir sozinho - eu só queria que você soubesse," ele diz a Daniel e depois olha para mim.

Está quieto no quarto por um momento e a cada segundo que passa, eu me pergunto se ele está bem. Desde que Marcus nos contou a verdade sobre a morte de Tyler, a tristeza e o desespero nublaram os olhos de Jase.

"Você está bem?"

Agonia ondula através de seus olhos azuis escuros, mas ele joga fora. Ele sempre lidou com dificuldades dessa maneira. "Você está me perguntando quando você é o único amarrado a uma porra de cama?"

"Eu só estarei aqui por um dia ou dois." Eu mantenho minha voz baixa e alerta. "Lembre-se disso."

A risada de Daniel é genuína, mas o sorriso de Jase não alcança seus olhos.

"Sim, eu estou bem. Por quê?"

Balançando a cabeça, eu digo: "Nada."

"Isso é tudo?" Daniel pergunta a Jase e ele responde segurando um dedo. Ele continua me contando sobre o dinheiro vindo e como a semana passada foi fodida. Como outro carregamento foi roubado. Eu não me importo mais. Eu simplesmente não me importo. Ele pode enfrentar os problemas agora.

Todo o tempo que Jase fala, os olhos de Aria não me deixam. Eu posso sentir seu olhar queimando em mim. Minha carne. Minha alma.

"Vocês podem nos dar um minuto?" Pergunto aos meus irmãos enquanto um ponto de dor ricocheteia no meu lado direito, dos dedos dos pés até o quadril, subindo pela parte de trás do meu ombro e descendo pela frente. Meu corpo inteiro está em agonia.

Mas é o meu peito que dói mais. A dor que preenche o vazio do meu peito onde deveria haver calor. Eu finalmente olho para Aria, deixando meu olhar percorrer seu pequeno corpo. Sua camisa de algodão fina está enrugada, presumivelmente por esperar nas cadeiras todo esse tempo para eu acordar.

Por favor, Deus, deixe-a ter esperado por mim. Deve significar algo para ela estar aqui. Não me lembro de tudo o que aconteceu, mas tenho certeza de que lhe disse que a amava. Tenho certeza de que se houvesse palavras que eu pronunciaria quando a morte viesse me levar embora, elas seriam apenas aquelas que falavam do que ela significava para mim. *Tudo.*

"Eu preciso falar com Aria."




"Por favor me perdoe." Eu pedi a ele tantas vezes hoje à noite. Desta vez é para o rosto dele enquanto ele está consciente, não enquanto seus olhos estão fechados e ele está longe de mim, perto da morte e não sendo capaz de me segurar novamente.

No segundo em que a porta se fechou, não pude deixar de pedir mais uma vez que ele me perdoasse. "Eu não deveria ter saído." Eu deixo as palavras saírem dos meus lábios enquanto eu chego mais perto dele.

Ele tem os olhos mais escuros que eu já vi, mas as partículas de prata penetram em mim... sempre. A maneira como ele olha para mim, como se eu existisse apenas para ser consumida por ele, vai me assombrar até o dia em que eu morrer. E eu não faria de outra maneira.

Estou morrendo por estar tão longe dele. Eu preciso tocá-lo, segurá-lo e ter certeza de que ele está realmente aqui. Meu coração não acredita que esteja bem. E dói dentro de mim como nenhuma outra dor que eu já senti.

"Contanto que você me perdoe, eu te perdoarei de todo e qualquer pecado que você tenha se atrevido a cometer. Apenas me ame. Tudo o que eu quero é você, Aria. Eu não posso te perder." Suas últimas palavras são tensas, a dor de suas feridas se mostra mesmo com o gotejar constante do IV forçando analgésicos em suas veias.

Eu não posso nem pensar em perdoá-lo, sabendo que não tem que acabar assim. Eu não precisava fugir. Parece infantil agora, de pé na frente dele, vendo as consequências do meu medo e da minha decisão precipitada de esconder a verdade dele e fugir disso tudo.

"Carter," eu digo, e seu nome é uma palavra torturada na minha língua. "Eu sinto muito," eu digo dolorosamente quando eu chego para ele, me aproximando da cama do hospital e deixando minha mão cair em seu antebraço. Minhas pernas estão fracas. Eu mal posso suportar vê-lo assim.

Minha besta, conectado a uma máquina e cheio de dor. Tudo por minha causa e minha tolice.

"Perdoe-me," mal consigo pronunciar as palavras, deixando tudo entre nós cair. Toda pretensão, toda parede. Não há espaço para nada disso entre nós. "Eu não deveria ter fugido de você."

"Eu perdoo você." Sua voz profunda é crua. "Eu já disse que perdoo. Tudo o que eu quero é você."

Todas as palavras que eu queria dizer a ele estão estranguladas no fundo da minha garganta, recusando-se a sair com a visão dele.

"Nós não somos perfeitos. E se eu pudesse, voltaria e mudaria a maneira como viemos a ser, mas serei amaldiçoado se a deixasse ir."

Ele está dizendo tudo que eu sonhei que ele diria, mas eu ainda tenho que dizer a ele e não posso.

Não suporto dizer a ele porque saí.

"Está tudo bem passarinho," Carter me diz, me acalmando e me atraindo para chegar ainda mais perto. "Eu te amo," ele sussurra e isso me quebra. Finalmente, e completamente, eu quebro por ele. Cada pedaço de mim se despedaça.

E eu nunca me senti mais completa na minha vida. Completamente arruinada pelo homem que eu amo.

Ainda há um segredo. Uma pequena verdade que poderia mudar tudo. E não será mais mantido oculto.

"Você quer saber uma coisa?" Pergunto a ele, sentindo a tensão no meu corpo aumentar com a ansiedade. O segredo que tenho guardado vai me engolir inteira, a menos que eu dê a liberdade de falar.

Com o olhar cansado, a exaustão de tudo pesando a força que Carter possui, ele escova minha bochecha com os nós dos dedos, e eu pego sua mão na minha.

"Qualquer coisa e tudo," ele me diz e solta uma profunda expiração.

Com um pequeno sorriso oscilando em meus lábios, deixei escapar o segredo logo abaixo da minha respiração: "Acho que estou grávida. É por isso que eu fugi." O segredo perfura meu peito, criando uma cratera tão profunda que nunca será preenchido se a reação de Carter não consertar a ferida. "Eu não sabia o que fazer."

Ele pode me perdoar por manter isso dele. Mas eu nunca vou. Neste momento, vendo e sentindo com cada pedaço de mim o quanto ele me ama, eu não posso acreditar por um momento que ousei não contar a ele. Por esconder isso dele.

Um segundo passa e um baque no meu peito parece cru e doloroso enquanto a dor e a traição brilham em seus olhos.

"Grávida?" Ele questiona e eu só posso acenar.

Nos segundos que passam sem resposta dele, sem saber o que ele está pensando, a dor escorre em minhas veias e eu me aproximo de Carter, precisando que ele me dê alguma coisa.

"Sinto muito," eu sussurro as palavras, sentindo o remorso me consumir. Eu ia fugir e levar nosso filho comigo. Lágrimas caem livremente pelas minhas bochechas. Se ele me odiasse, eu entenderia. Não há como eu perdoá-lo se ele ousasse fazer o mesmo comigo.

Há um momento em que alguém olha diretamente para sua alma e você sente o que ela sente. A perda, a insignificância, a agonia de estar sozinho. Eu posso sentir isso dele quando ele olha para mim e eu não suporto ver isso. Minha mão encontra a dele e eu a aperto com as minhas, precisando que ele saiba que estou aqui agora. "Eu não quero sair e me arrependo. Eu me arrependo de sair daquela porta," eu imploro para ele. E ele aperta minha mão antes de levar meu pulso aos lábios e deixar um beijo lento e terno ali. Um beijo que parece um adeus.

Finalmente, ele fala e não é nada que eu esperava. "Eu prometo que serei um bom pai. Eu juro para você que eu vou."

Eu não posso falar.

"Me dê uma chance. Apenas uma chance," ele me implora, como se eu fosse sair do lado dele novamente. "Eu vou ser bom para você, eu vou ser um bom pai, eu prometo." Ele engole em seco.

"Tenho vergonha do que fiz e de quem eu era. Por favor, Aria, não precisamos contar a ele."

"O que?" Eu o questiono enquanto luto para acompanhar o que ele está pensando. Eu sei que ele não está bem agora, ele ainda está com dor e tomando remédios. Ele só acabou de acordar. "Dizer pra quem?" Eu pergunto a ele, meu coração disparado.

"Nosso bebê," diz ele quando ele olha para mim e traz a mão ao meu rosto, o polegar correndo sob o meu olho para afastar as lágrimas reunidas lá. "Nós não temos que dizer a eles que monstro eu era," ele sussurra as palavras tensas e eu perco toda a compostura, cobrindo minha boca com a mão e caindo dentro dele. Estou consciente do meu peso e me asseguro de mantê-lo fora dele, mas meu Deus, eu preciso que ele me abrace. E eu preciso segurá-lo.

Neste momento e para sempre.

"Eu amo você, Carter," é tudo que consigo dizer quando finalmente olho para ele.

Minha respiração e minhas palavras me deixam quando um calor flui sobre mim, tomando cada pedacinho do frio amargo e banindo-o de mim. Eu bato meus lábios em Carter e ele é rápido para embalar minha cabeça com a mão, prendendo-me a ele e aprofundando o beijo. Sua língua desliza entre meus lábios e eu concedo a entrada dele. Nossas línguas se misturam e ele massageia a minha com golpes rápidos e possessivos.

Eu não respiro até que ele se afaste.

"Eu faria qualquer coisa por você." Ele diz as palavras como se fossem uma confissão. "Eu juro, você é a única coisa que importa para

mim. Nada mais importa. Só você e nosso bebê." Enquanto ele fala, sua mão desliza para a minha cintura. Ele olha para a minha barriga como se ele já pudesse me ver inchada com o nosso filho. A própria visão é o que me levou a correr em primeiro lugar.

"Eu estou assustada." A confissão miserável me faz sentir muito mais fraca.

"Não fique." As palavras de Carter são simples, mas impossíveis.

"Eu não sei o que vai acontecer," digo a ele, sentindo a verdade crua de medo persistente na declaração.

Os olhos de Carter vasculham os meus enquanto eu subo na pequena cama com ele, precisando estar mais perto dele e não dar a mínima se mal há espaço. Eu preciso do meu corpo pressionado no dele. Eu preciso sentí-lo respirando. No segundo em que ele me abraça, minhas preocupações desaparecem, perdidas na névoa de saber que estou onde deveria estar. Ao lado de Carter Cross. Nosso presente e nosso futuro juntos.

"Nós vamos governar. Isso é o que vai acontecer, meu passarinho."

Eu posso sentir meu coração revirar no meu peito, rezando para que eu seja a mulher que ele quer que eu seja. Rezando para que nossas vidas não nos separem mais. E enquanto minha mente gira com todo resultado possível do que poderia ser, eu percebo que não há nada que possa me afastar dele. Nenhuma uma única coisa.

"Case comigo. Você pertence a mim, Aria." Os olhos escuros de Carter me prendem no lugar, tomando fôlego e recusando-se a devolvê-lo. "Casa comigo," ele repete baixo, um sussurro quase falado, mas desesperado. Seu hálito quente embala meu rosto enquanto ele abaixa seus lábios nos meus e gentilmente me beija antes que eu possa responder. Com a testa encostada na minha e sua mão segurando meu quadril no lugar, ele sussurra seu apelo novamente. "Case comigo."

Eu me agarro a ele, enterrando minha cabeça em seu peito e respirando o cheiro de um homem que eu estou loucamente apaixonada quando eu aceno com a cabeça e deixo o sussurro irregular me deixar com o desespero por tudo isso ser real. "Sim." Ele está vivo. Ele está comigo. E ele me quer como sua parceira, sua esposa, seu amor.

Ele levanta minha cabeça com as duas mãos no meu rosto e pressiona um beijo suave nos meus lábios. É só então que eu provo o sal das lágrimas que eu não sabia que estava derramando.

"Você é tudo para mim," ele sussurra contra meus lábios enquanto ele afasta as lágrimas com o polegar.

"Diga-me que tudo vai ficar bem," eu imploro a ele. Minhas palavras imploram a ele. Meu corpo cede para o dele da maneira que sempre desejou. No momento em que o vi, eu sentia nos meus ossos que eu pertencia a esse homem. A outra metade para minha alma. Manter sua vida na minha é a pior coisa que já senti neste mundo. Cada segundo que passava, eu estava com medo de me mover, sabendo que ele estava sangrando debaixo de mim. Ele perdeu muito sangue, ele mal conseguiu e eu não posso ajudar, mas acho que se eu tivesse feito o movimento errado, se eu não tivesse segurado ele o mais forte que pudia durante o tempo que eu fiz, ele não estaria mais aqui. Eu teria perdido ele.

"Eu nunca quero que você me deixe de novo. Nunca," Eu sussurro a última palavra, me empurrando para mais perto dele. Cada centímetro de mim que pode pressionar contra ele está. E Carter faz o que ele é o melhor em fazer. Ele me mantém perto, me segurando para ele como se eu fosse voar se ele soltasse seu aperto. Mas eu nunca farei isso de novo. Nunca.

"Enquanto você me amar, assim será." Suas palavras são sussurradas ao longo da minha pele, enviando um rastro de arrepios pelo meu corpo enquanto ele planta um pequeno beijo no meu ombro. "Porque eu amo você." Sua barba áspera roça meu ombro, e espero que me cicatrize. Espero poder sentí-lo, vê-lo, ter provas de seu amor para sempre.

"Eu te amo, Carter." A verdade é a coisa mais fácil de falar neste momento. Uma confissão crua que nos salvará do que está por vir.

"Eu te amo, passarinho." Sua voz áspera é profunda, as profundezas da sinceridade são tão verdadeiras que entorpece cada dor dentro de mim. Toda dor que já existiu.

***

DIAS SE PASSARAM desde que chegamos em casa.

É estranho pensar neste lugar como lar, mas isso é tudo para mim agora. É mais um lar para mim do que a casa de meu pai já foi. Simplesmente por causa das pessoas nele.

"Você precisa ir com calma." Eu tento evitar que minha voz soe como se eu estivesse importunando Carter, mas toda vez que ele se inclina para o lado na cama para pegar algo da mesa de cabeceira, eu o vejo fazendo careta. "Você ainda está se curando."

Eu sou rápida para chegar mais perto, com cuidado para não colocar meu peso sobre ele e pegar o seu telefone para ele. A vibração das notificações é uma constante, mas mesmo assim, no momento em que o entrego a ele, ele o silencia.

Jase e Sebastian assumiram a liderança enquanto Carter estava de repouso em casa. Levará tempo para as feridas cicatrizarem, mesmo que minha fera ainda ache que ele é intocável.

Eu ainda não consigo respirar em volta dele. O medo de perdê-lo não vai me deixar.

"Você continua dizendo isso," ele observa com a mesma uniformidade que eu dou a ele, mas o sorriso em seus lábios, a felicidade genuína em seus olhos, não o deixou desde que eu disse a ele sobre o bebê. Toda vez que eu olho em seus olhos, eu vejo e é tão cru, tanto que mal consigo suportar o olhar dele.

"Estou falando sério, Carter," eu o repreendo, embora minhas ações sejam tudo menos isso. Movendo-me para ficar em cima dele na cama, o lençol desliza em volta de mim, escorregando atrás de mim enquanto eu me acomodo gentilmente em seu colo e pego sua mandíbula trincada em minhas mãos. "Eu preciso de você," eu sussurro.

Os cantos de seus lábios chutam e suas grandes mãos envolvem minha cintura, gentis e reconfortantes. Eu descanso a minha testa na sua com os meus lábios tão perto dela quando ele me diz: "Eu também preciso de você."

Ele me dá um beijo rápido. E depois outro.

"Você fez outro teste?" Ele me pergunta e eu posso ouvir a brincadeira em sua voz. Ele acha estranho eu fazer um teste de gravidez todos os dias, mas tenho minhas razões. A linha deve ficar forte e escura, porque então significa que o bebê ainda está lá e até que a marca de seis semanas esteja aqui, eu preciso dos testes para minha sanidade.

"Sim," eu digo a ele. Eu quase mencionei como Addison foi quem me contou. Ela disse que a linha fica mais fraca se você está grávida. Ela está esperando como eu estou.

Em vez disso, me distraio com um beijo no meu pescoço. Um lânguido que faz meus mamilos cheios. Sua barba áspera corre ao longo da minha pele, instantaneamente fazendo-me querer.

"Você precisa se curar." Eu praticamente assobio as palavras com desejo enquanto seus lábios se movem para o mergulho logo abaixo do meu colarinho e sua mão direita alcança até meu peito. Colocando meu mamilo entre os dedos, ele finalmente levanta o olhar para os meus olhos e me diz: "Tudo que eu preciso é você."

Ele está errado, embora. Há muito mais que ele precisa. Muito mais do que eu poderia dar a ele.

Ele é um homem ferido, com cicatrizes tão profundas que ele não pode evitar ser sobrecarregado por elas.

Ainda estou à espera que algo se intrometa entre nós, mas Carter parece empenhado em nos manter juntos. E eu também não vou permitir que o amor não seja suficiente.

As pontas dos dedos de Carter deslizam facilmente pelo meu pescoço, deixando arrepios em seu rastro até que ele envolve suas mãos em volta da minha garganta. Seu polegar percorre a parte de baixo do meu queixo e depois desce até o centro da minha garganta. Seus lábios estão separados apenas um pouco, sua respiração irregular enquanto ele endurece debaixo de mim, seu comprimento grosso pressionando contra mim.

"Farei qualquer coisa por você." Ele profere as palavras com intensidade antes de levantar lentamente o olhar para encontrar o meu.

Meu maldito coração pertence a ele. Só começa a bater quando ele olha para mim assim. Eu juro que é verdade. O que mais ele faz quando não está por perto não é o que está fazendo agora.

"Você é tão intenso," eu sussurro, sem saber mais o que dizer, mas minhas palavras estão perdidas na névoa de luxúria que perdura entre nós.

Eu não sei se é o fato de que eu sou obviamente atraente para ele ou algum outro motivo, mas Carter me dá um sorriso preguiçoso antes de passar a parte de trás de seus dedos na minha camisa de seda e beliscar meu mamilo.

Meu instinto natural é de brincadeira bater nele, mas ele é muito rápido, agarrando meu pulso e prendendo-o atrás de mim.

Mesmo enquanto eu o monto, ele me comanda.

"Você me faz assim," ele me diz com uma voz profunda e se inclina para me beijar ao mesmo tempo em que ele aperta meu pico endurecido. Eu tenho que ofegar quando ele faz, quebrando o beijo e arqueando meu pescoço. Ele aproveita o momento para passar levemente os dentes ao longo da minha pele sensibilizada, e sei que estou acabado. Qualquer autoridade que eu tenha sobre ele desapareceu.

Carter é uma fera indomável. Mas eu serei amaldiçoada se o tivesse de outra maneira.

"Tudo é melhor quando estou com você," ele murmura contra a minha pele e seu tom parece cru e insinua a dor que vai assustar para sempre quem somos. Com as duas mãos em sua mandíbula, olho profundamente em seus olhos, brilhante com sinceridade. "Tudo isso," ele me diz.

"Vai ficar tudo bem." Eu ofereço-lhe palavras que eu rezo pra serem verdadeiras. Eu faria qualquer coisa por este homem e sem nada entre nós, nada nos separaria.

"Melhor do que bem," diz ele antes de me beijar docemente, apenas se afastando para acrescentar: "Eu prometo."




*ERA para ser eu.*

O carro se move sobre uma lombada um pouco depressa demais, e meu corpo rígido balança no sedã. Meu aperto no volante aumenta, e eu tento engolir o caroço duro que está me sufocando desde que eu soube a verdade sobre a morte de Tyler.

Foi um golpe... em mim. Um maldito moletom é a razão pela qual ele está a três metros do chão e eu ainda estou aqui, tendo cada dia como garantido.

Diminuindo no sinal de parada, eu deixei uma respiração profunda acalmar a ansiedade correndo através de mim. Com uma guerra violenta e um inimigo desconhecido tomando pedaços de nós como quiser, não tenho tempo para me perder no infeliz passado. Não importa o quanto eu deseje voltar. Se ao menos pudéssemos voltar.

O zumbido do motor quando eu passo por outra lombada me mantém no presente.

Eu não deveria ter saído agora. Passar a tarde nos subúrbios não é exatamente a minha lista normal de tarefas.

Mas eu tive que sair de casa e ficar longe dos meus irmãos. O arrependimento, a culpa e o luto que perdura em seus olhos me assombra dia e noite. Era para ser eu. Não foi.

Não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Mas posso fazer uma visita a Beth e acalmá-la.

Minhas chaves tilintam quando a ignição desliga e o barulho suave do motor é silenciado.

Enxugando a mão no rosto, saio do carro, sem me importar com a batida da porta quando meus sapatos batem no chão. O bairro é tranquilo e cada fila de ruas está repleta de casas perfeitas, nada parecido com a casa em que cresci. Pequenas moradias de ranchos elevados, completos com calçadas pavimentadas e arbustos perfeitamente aparados. Algumas casas têm cercas, piquetes brancos, é claro, mas não 34 Holley, a casa de Bethany Fawn, também conhecida como a mulher que continua fazendo o inferno no Red Room. Mais recentemente, ela está chamando a polícia e exigindo respostas. Ela é a mulher que culpa Carter pela morte prematura de sua irmã. Sua irmã Jennifer, uma garota que conhecemos no Red Room semanas atrás. Uma garota em uma bagunça que ela não podia sair, com um vício em drogas que ela não podia manter.

Eu sei tudo sobre querer alguém para culpar e procurando respostas para perguntas que não fazem qualquer diferença uma vez que você as tenha. Bethany está magoada e irritada, mas ela não encontrará nenhuma resposta nossa. Um simples aviso deve assustá-la.

A pele sobre meus dedos aperta e os cortes de algumas noites antes se abrem, enviando uma dor pelo meu braço. Congratulo-me com o lembrete fervilhante de que estou vivo.

*Toc toc toc.* Ela está lá, eu posso ouví-la. O tempo passa sem nada além do som de correr atrás da porta, mas quando estou prestes a bater de novo, a porta se abre alguns centímetros. Apenas o suficiente para revelar uma espiada dela.

Seu cabelo castanho cai em mechas onduladas ao redor do rosto. Ela afasta os fios caídos do rosto para olhar para mim.

"Sim?" Ela pergunta e meus lábios ameaçam se contorcer em um sorriso.

"Bethany?" Seu peso se move atrás da porta enquanto seu olhar percorre o comprimento do meu corpo e depois volta para encontrar o meu antes que ela me responda.

O âmbar em seus olhos castanhos reviram com desconfiança quando ela me diz: "Meus amigos me chamam de Beth."

"Nós não nos conhecemos antes... mas eu vou felizmente te chamar de Beth." As palavras de paquera escapam de mim facilmente e, lentamente, sua guarda cai, embora o que fica para trás seja uma mistura de preocupação e agonia. Ela não responde de qualquer outra forma que não seja para aumentar o aperto na porta.

"Se importa se eu tiver um minuto?"

Ela franze os lábios cheios quando a porta se abre mais um centímetro para responder com cautela: "Depende do porquê você está aqui."

Meu batimento cardíaco galopa, trotando mais rápido em meu peito enquanto a ansiedade aumenta. Estou aqui para lhe dar um aviso. Para ficar longe do Red Room e superar todos os desejos ruins que ela tem para os meus irmãos e eu.

É uma pena mesmo, ela é linda pra caralho. Há uma inocência, mas uma luta nela que é tão evidente e ainda mais atraente. Se eu a tivesse conhecido em outros termos, faria qualquer coisa para que ela ficasse embaixo de mim e gritasse meu nome.

As cores rodopiantes em seus olhos escurecem enquanto seu olhar dança sobre o meu. Como se ela pudesse ler meus pensamentos e saber as coisas más que eu faria com ela que ninguém mais poderia fazer. Mas não é por isso que estou aqui, e minhas perversões doentes terão que esperar por outra pessoa.

Eu inclino meu ombro contra sua dura porta de nogueira e deslizo meu sapato entre a abertura na entrada, certificando-me de que ela não possa fechá-la. Em vez do leve medo que eu pensei que pudesse piscar em seus olhos quando minha expressão endureceu, seus olhos se estreitaram com ódio e eu vi a bela tonalidade de rosa em sua pele pálida clarear a vermelho, mas não é com um rubor, é com raiva.

"Você precisa ficar fora dos negócios Cross, Beth." Eu me inclino mais perto, minha voz baixa e uniforme. Meu olhar duro encontra o dela estreitado, mas ela não recua. Em vez disso, aperta os dentes com tanta força que acho que eles vão quebrar.

Com a palma da minha mão cuidadosamente colocada no batente da porta e a outra contra a porta, me inclino para lhe dizer que não há

respostas para ela no Red Room. Eu quero dizer a ela que meu irmão não é o homem que ela está atrás, mas antes que eu possa dizer uma palavra, ela sussurra para mim: "Eu sei tudo sobre Marcus e a droga e porque seus idiotas a mataram."

Meu pulso martela nos meus ouvidos, mas mesmo assim, ouço a dor tensa gravada em sua voz. Sua respiração estremece quando ela acrescenta: "Vocês todos vão pagar pelo que fizeram com a minha irmã." Sua voz racha enquanto seus olhos se encobrem e lágrimas se acumulam nos cantos de seus olhos.

"Você não sabe do que está falando," eu digo a ela quando a raiva aumenta dentro de mim. Marcus, apenas o nome faz com que cada músculo dentro do meu corpo se aperte e enrole.

A droga.

Marcus.

Antes que eu possa amarrar o que ela disse juntos, eu ouço o clique de uma arma e ela deixa a porta se abrir, me deixando desequilibrado.

Choque faz meu estômago se revirar enquanto o cano de uma arma aparece diante dos meus olhos. Ela se inclina para trás, movendo-se para segurar o pedaço de metal pesado com as duas mãos. Inclinando-se para a frente, ainda desequilibrada enquanto o medo se agita em meu sangue, aperto o cano e levanto-o acima de sua cabeça, empurrando seu pequeno corpo para trás até atingir a parede em seu vestíbulo.

*Bang!*

A arma dispara e o clarão de calor faz a pele da minha mão segurando o cano queimar e chamuscar com uma dor crua. Sua parte inferior das costas bate em uma mesa estreita, uma fileira de livros caindo no chão enquanto eu tropeço nela e, finalmente, prendo-a na parede.

Seu pequeno grito de medo é silenciado quando eu levo minha mão direita para sua garganta delicada. Minha esquerda ainda segura a arma. Ela se debate embaixo de mim, mas com um pé na altura e no

músculo que ela não conseguia igualar, não importa o quanto ela tente, é inútil. Seu coração bate com força, sinto que combina com o meu.

Ela grita enquanto eu levanto a arma mais alto, arrancando-a de seu alcance. Ambas as mãos voam para a que estou apertando em sua garganta.

*Ela tentou me matar*. Eu não posso acreditar nisso.

Apenas recuperando o fôlego, não mostro nada, exceto o absoluto controle que tenho sobre ela. A porta está bem aberta e tenho certeza de que alguém teria ouvido. Uma leve brisa vem de trás de mim e eu dou um passo para trás, puxando-a comigo o suficiente para que eu possa chutar a porta e então pressioná-la de novo nela. Seu pulso diminui sob o meu aperto e seus olhos me imploram por misericórdia quando suas unhas afiadas cavam em meus dedos. Um segundo passa antes que eu solte meu aperto apenas o suficiente para que ela possa respirar livremente.

Através de sua ingestão frenética, eu me inclino para frente, esmagando meu corpo contra o dela até que ela esteja quieta. Até que seus olhos estejam arregalados e olhando diretamente para os meus. A visão dela, o medo, o desespero, a ânsia de viver... emociona um lado escuro de mim que está implorando para ser trazido à tona.

"Você vai me contar tudo o que sabe sobre Marcus." Eu abaixei meus lábios na sua orelha, deixando minha barba áspera esfregar ao longo de sua bochecha. "E tudo o que você sabe sobre a droga."

Com uma respiração constante, meus pulmões se enchem com o cheiro doce de seu cabelo macio que roça meu nariz.

Eu penteio meus dedos em seus cabelos e deixo meu polegar correr ao longo de seu pescoço esbelto antes de me inclinar para ela, deixando-a sentir o quão duro eu estou apenas por estar vivo. Apenas para tê-la à minha mercê.

"Mas primeiro, você vem comigo."

*A história de Jase começa em A single Glace...*

NO EVENTO CARTEL CROSS PARTE II

**CARTEL CROSS**

WILLOW WINTERS

# AVISO DA AUTORA

ESTE NÃO É o fim de Carter e Aria. Estou obcecada com a história deles e há muito mais por vir. Sua história de amor será mostrada mais nos próximos livros do mundo dos Sinful Obsessions. Espero que você se apaixone loucamente por esses personagens, assim como eu. Você não tem ideia do que está por vir...

*Boa leitura, xoxo.*